REVISTA DA SEMANA



Nº 30 ★ 29-7-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: O FILHO DE INGRID BERGMAN

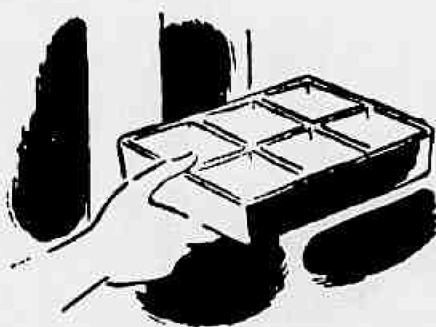
COMO ECONOMIZAR ELETRICIDADE...



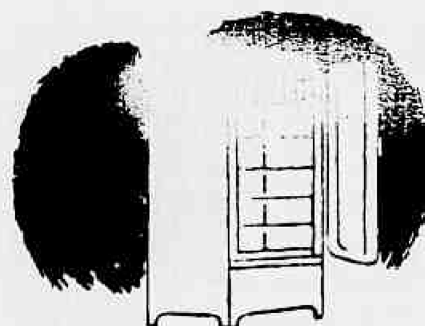
...dentro da sua quota:

Apresentamos aqui, alguns conselhos úteis, para que a Sra. possa economizar eletricidade, sem prejuizo do seu confôrto no uso de aparelhos elétricos em seu lar.

Com a sua geladeira, faça assim:



Proceda o descongelamento da geladeira semanalmente. O excesso de gêlo na câmara de refrigeração obriga o motor a trabalhar **mais**, consumindo assim **mais eletricidade**. O descongelamento semanal permite que a Sra. retire os cubos de gêlo **mais fàcilmente**, ajuda o funcionamento do motor e evita o mau cheiro.



Feche sempre a geladeira. A entrada de **ar quente** faz com que o motor trabalhe e a lâmpada fique acêsa. Durante os **dias frios**, fixe o ponteiro do mostrador de contrôle entre 1 e 2. Assim, a geladeira manter-se-á num gráu suficientemente frio para a conservação de **alimentos, sem consumir muita eletricidade**.

O consumo de uma geladeira elétrica doméstica pode atingir mais de 3 quilowatt-horas por dia se o motor trabalhar continuamente. Seguindo os nossos conselhos, no entanto, o motor se desligará automàticamente, quando atingir a temperatura desejada. Habitue-se a ler o seu "relógio de luz", para melhor controlar os gastos de eletricidade em seu lar.

ECONOMIZE ELETRICIDADE



Standard

COPA DO MUNDO

Elevação moral

AS palavras não nos pertencem, mas foram divulgadas por um confrade uruguaio, "El Dia", merecendo ampla repercussão no Brasil: — "Em meio à emoção e à satisfação, causadas pelo triunfo de nossos compatriotas na disputa da Copa do Mundo, não podemos deixar de assinalar que o Brasil, para sua própria honra, constituiu-se em exceção à regra, recebendo a queda dos seus ídolos com a elevação moral que define os rasgos espirituais de um povo". E essas palavras dizem tudo. Enobrecem tanto a quem nô-las manda, do país que levou a melhor na grande pugna desportiva, como aos que souberam cair de pé, com dignidade. O "placard" histórico não diminuiu o Brasil, porque serviu de ensejo a se reforçarem, até, os laços que nos prendem à vizinha República. E se uma simples peleja de futebol pode ter expressão mais alta, essa é a dos vínculos que nos prendem aos vizinhos e irmãos. Mas do Uruguai outras demonstrações de carinho nos chegam quando encerramos esta edição. Povo, homens de Estado e Imprensa confraternizam destacando a correção do público brasileiro e a cordial acolhida dispensada aos orientais antes, durante e mesmo depois de conhecido o resultado do campeonato do mundo. Uma coleta pública foi iniciada, entregando cada homem do povo, cinquenta céntimos, para a colocação de uma placa no Estádio do Maracanã, a fim de perdurar no bronze a emocionada gratidão dos desportistas uruguaios pela amizade que por êles demonstramos. Entrementes, é instituído por um clube uruguaio, um troféu denominado "Estados Unidos do Brasil de Correção Desportiva", para ser outorgado, lá mesmo, às entidades que demonstrarem o melhor comportamento em suas atuações no gramado. Isso em homenagem à retidão desportiva observada no Brasil e como reconhecimento à maneira por que se portou o "torcedor" da nossa terra. Quero, diante dessas demonstrações de fraternidade, poderá deixar de reconhecer que marcamos uma vitória, e a mais honrosa, porque advém de alto sentido moral?

★

Fôsse qual fôsse o resultado da derradeira prova, essa vitória existiria. E aí está, insofismàvelmente reconhecida por quem examinar, em clima alto, sem paixão, o panorama do acontecimento que ultrapassou as fronteiras de mera ocorrência desportiva. Cumpre-nos, apenas, estender a mão aos amigos da república irmã, de igual para igual, vencidos e vencedores, num atestado público de alta compreensão. E sirva o exemplo desta lição cívica para quem dela necessitar. Não o Brasil, nem os brasileiros.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 30 ★ 29-7-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

A SOBERANIA DO JURI

REUNIU-SE nos começos de julho corrente um dos mais importantes congressos culturais já realizados no Brasil: o Primeiro Congresso do Ministério Público de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Depois de várias teses, memoriais e discussões sôbre direito penal, ficou deliberado na mesma reunião que se enviasse ao Congresso Nacional por intermédio do Sr. Presidente da República, um projeto de reforma do dispositivo da constituição que restabeleceu a soberania do Tribunal do Juri Popular. O motivo dessa providência, se não é conhecido de todo mundo aqui no Brasil, é, pelo menos, sentido por todos os habitantes dêste país: com essa soberania do Juri Popular, vem a própria Justiça contribuindo para o aumento da criminalidade. A tese debatida no Primeiro Congresso do Ministério Público de Belo Horizonte, foi aprovada por unanimidade. Não sabemos, até ao escrevermos êste tópico, como foi recebida a sugestão pelo Sr. Presidente da República e se já chegou ao poder do Congresso Legislativo da União. Mas, não resta a menor dúvida, que, no estado atual de nosso gráu de cultura política, social e de baixo nível econômico, o instituto do Juri Popular como o executamos é um dos fatôres mais paradoxais de estimular a delinqüência. A soberania do Juri, ao invés de proporcionar Justiça Popular, torna-se um estímulo à impunidade, mesmo em face de facínoras perigosos, que, em outros países, iriam à forca ou à cadeira elétrica. Que o govêrno medite na tese dos mineiros e modifique um instituto que está errado entre nós.



CRIANÇAS-BANDIDOS

VEM-NOS de Pôrto Alegre dolorosa notícia. Está aumentando assustadoramente o número de menores delinquentes na capital gaúcha. Segundo estatísticas de delegacias e Varas Criminais, durante o ano passado, mais de metade dos delitos contra a propriedade alheia foram praticados por menores, cujas idades variavam entre treze e dezoito anos. A dez de julho corrente verificou-se um assalto em plena via pública, praticado por um garôto de dezesseis anos, contra uma jovem que passava em companhia de sua mãe pela rua Garibaldi. O pequeno ladrão foi acompanhando as duas mulheres e, quando julgou oportuna a ocasião, lançou-se à bôlsa da mocinha, violentamente, fugindo com ela. Dado o alarma, populares correram em perseguição do malandro conseguindo detê-lo mais adiante. A bôlsa continha algum dinheiro e vários objetos sem nenhum proveito para o gatuno. Rebuscado para ver se conduzia êle mais algum produto de seus assaltos, encontraram as autoridades policiais uma arma branca, afiada faca, da qual, aliás, não fêz uso o meliante. O Juiz de Menores o enviou para a casa de Correção, onde foi metido numa cela destinada à gente miúda, na qual já estavam detidos diversos outros menores. Estamos diante de um problema seríssimo. Não é aconselhável a cadeia para essa gente que mal desabrocha para a vida na sociedade. E' preciso dar-lhes o que fazer; trabalho nas indústrias, na agricultura, na pecuária do Estado, já que, daí por diante, não há particular que tenha coragem de empregar um menor delinquente.



JUSTIÇA ALERTA

A instituição do «habeas-corpus», segundo os senhores tratadistas, é de origem inglêsa. Aplica-se exclusivamente aos indivíduos que estão sofrendo coação contra sua liberdade, quando não há motivo nenhum para que tais pessoas estejam detidas. E' uma das mais belas criações do Direito na área penal e constitui a arma da Justiça na proteção do indivíduo coacto. Essa, a tese em sentido lato. Também o «habeas-corpus» pode servir a verdadeiros malandros, a criminosos, a delinquentes da pior espécie, e, aí, cegamente, presta lamentável serviço a criminosos em detrimento da sociedade. Mas, segundo já diziam os romanos e os gregos, a Justiça é cega. Tem ela que distribuir seus atos a gregos e troianos, dentro dos processos de direito, dos códigos, das leis. Aquêle que fôr Juiz que aja dentro dêsses códigos; quem fôr julgado com culpa, que se aguente depois. Preliminarmente, porém, o instituto do «habeas-corpus» tem que ser aplicado com a urgência requerida por qualquer cidadão, advogado ou leigo. Sem isso, perde êle a sua finalidade. Ora, como nem sempre é hora de expediente nas Varas, sucede que os pedidos contra a coação da autoridade policial ficam de panelada com prejuízo do paciente. Para conjurar êsse inconveniente, o sr. Frederico Sussekind, desembargador-corregedor, enviou a todos os juízes criminais um ofício determinando que êsses servidores da Justiça despachem pedidos de «habeas-corpus» mêsmo fora dos horários de expediente, aos domingos, feriados, dias santos, de dia ou de noite.



PROTESTA A GILLETTE

QUEM não conhece as lâminas Gillette? São a defesa dos que precisam economizar tempo e fazer barba comodamente, sem perigo de cortar-se, mesmo viajando em trens que balançam tanto como os divertimentos de «chicote» dos Parques de Diversão. Aliás, diga-se de passagem, essa lâmina foi imaginada justamente quando o seu inventor lutava aflitivamente para fazer sua barba num dormitório de trem que não lhe dava uma brechinha para passar a navalha no rosto. Outra curiosidade: tudo aumenta de preço; menos as giletes. Antes da guerra comprava-se uma «Goal», uma «Probak», «lâmina azul» pelo mesmo preço de hoje. Ou com insignificante aumento. E, não resta dúvida, o maior fenômeno do século... Pois bem. A popularíssima gilete estava recebendo cargas de ódio popular dos brasileiros nestes últimos meses. E por quê? Pelo fato de um senhor senador norte-americano, de nome Gillette, estar movendo perigosa campanha contra o café brasileiro, o que já redundou em tremendos prejuizos para a economia nacional. Muita gente já pensava que o senador fôsse o chefe da gilete de fazer barba; mas, conforme notícias que nos chegam de Washington, Mr. Gillette nada tem que ver com a Gillette Safety Razor Company e, para lavar sua testada, o presidente da emprêsa fabricante de lâminas, Mr. J. P. Spang Jr. tomou enérgicas medidas de defesa do café brasileiro, expedindo veemente telegrama ao secretário de Estado, Sr. Dean Acheson e a vários senadores e deputados, protestando contra qualquer intervenção dos Estados Unidos através do senador Gillette, nos negócios sul-americanos. Estamos, pois, bem armados com giletes, contra a eloqüência de Gillette, já agora abarbado...



A PERSONAGEM DA SEMANA

NUNCA se viu a cultura esportiva servir tanto à fraternidade entre os povos, como acaba de suceder entre o Brasil e os países que nos mandaram suas delegações na disputa da riquíssima "Taça Jules Rimet", neste IV Campeonato de "Football Association". Partidas das mais animadas como demonstram os recordes de arrecadação no Rio, e o geral entusiasmo tanto no Brasil como nos diversos países do mundo, são a prova provada do clima admirável que sempre reinou entre todos os jogadores e o numeroso público que acorria aos estádios. Vencido o campeonato pela equipe do Uruguai, colocando-se o Brasil em segundo lugar, manteve-se o nosso povo em atitude que despertou elogios de todos os pleiteantes, repercutindo favorávelmente no Uruguai, cujo povo, em todos os ângulos daquela nação amiga e vizinha, torcia apaixonadamente pela vitória dos seus patrícios como aqui no Brasil, lutava-se pelo triunfo final dos nossos. Sagrando-se os jogadores uruguaios Campeões Mundiais de Futebol em 1950, vitória alcançada sôbre um quadro que se manifestava como o favorito e na inauguração do maior estádio do mundo, a educação esportiva de nossa terra se manteve digna de todos os louvores diante da derrota, aplaudindo-se os vencedores sem lhes regatearmos louvores pelo brilhante feito esportivo. Êsse procedimento do Brasil impressionou profundamente a nação uruguaia e sua imprensa, seu govêrno, seu povo inteiro, colocaram-se ao nosso lado nesse belíssimo conceito de povos civilizados: os brasileiros foram vencidos na cancha do Maracanã, mas saíram vencedores perante o coração dos uruguaios. Como figura principal de sua pátria, o sr. Luis Batle Barris, presidente da República do Uruguai, soube integrar-se entre os que não pouparam esforços para homenagear os seus patrícios no regresso triunfal, mas dividindo com os brasileiros essa mesma vitória: a vitória da educação esportiva. Por êsse motivo, ao lado da bandeira uruguaia, via-se tremular nos mastros de Montevidéu a bandeira do Brasil. Emocionante exemplo de fraternidade e educação esportiva nos deu a cultíssima pátria irmã, avultando nessa festa edificante a figura do chefe do executivo do Uruguai, a quem homenageamos como arquiteto dêsse acontecimento.



SR. LUIS BATLE BARRIS, Presidente da República do Uruguai

A COPA CATETE



"PAÍS FELIZ, ESSE BRASIL!"

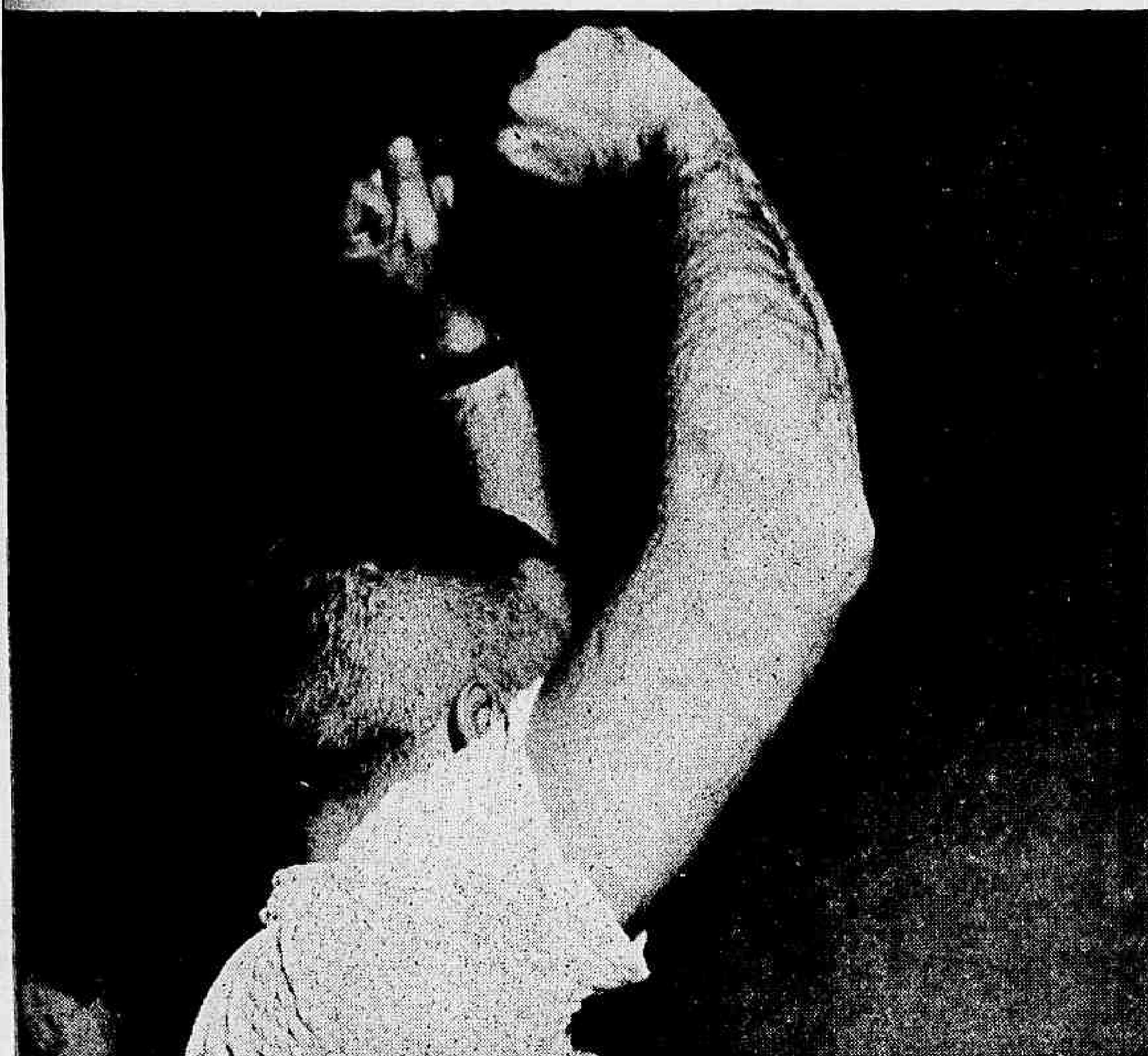
Pedro Escartin, delegado da Espanha, valoriza o aspécto moral da derrota brasileira - Campeões do mundo os uruguaios como poderiam ser os nossos - Conclusões lógicas do chóque amargo.

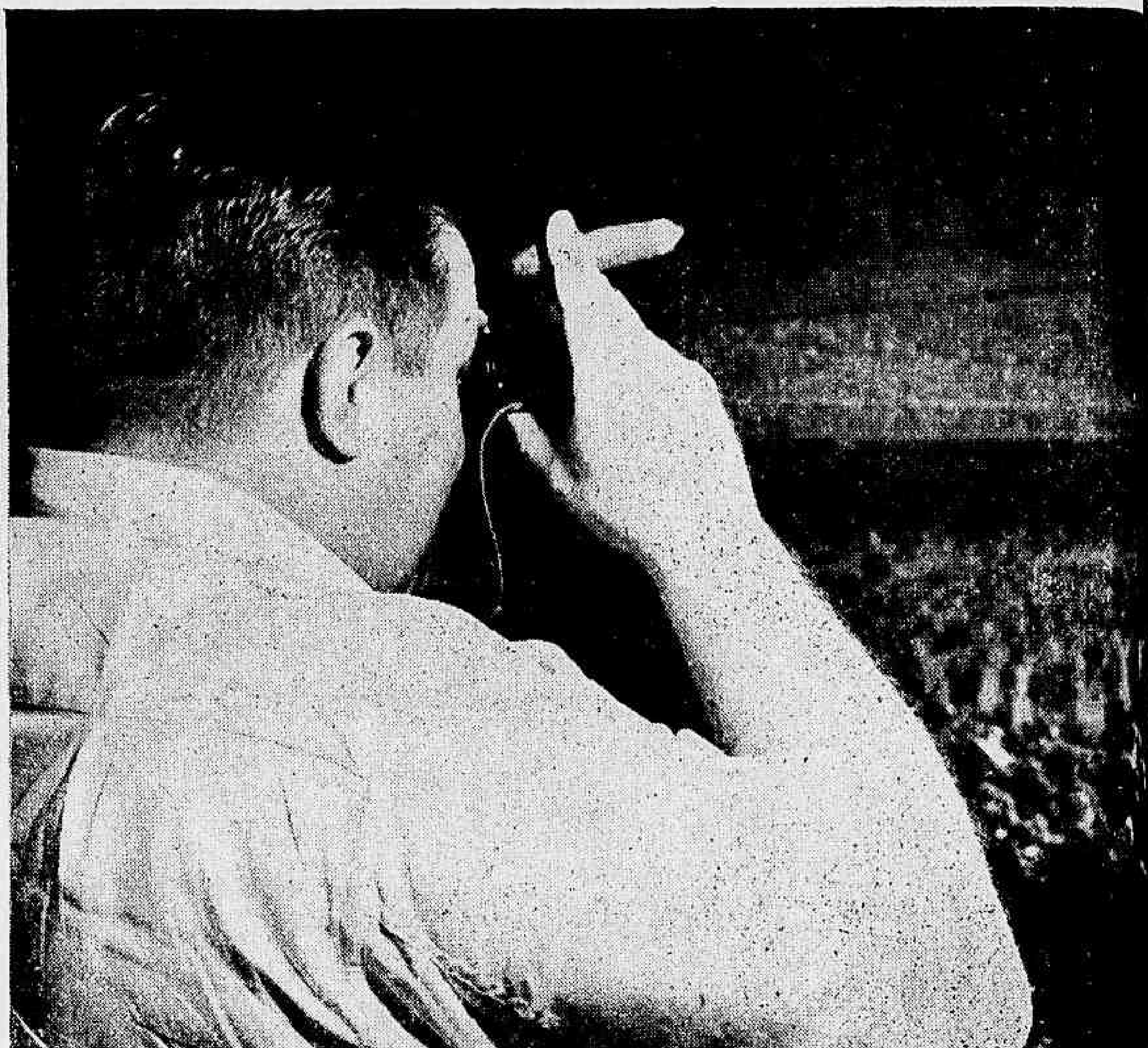
Texto de CELESTINO SILVEIRA



Fotos de NEWTON VIANA, JOSÉ SANTOS, ARNALDO VIEIRA JR. e ADIR VIEIRA

ANTES DO DRAMA — Ultrapassou de duzentos mil o total de pessoas que no fatídico domingo





DURANTE O DRAMA — Era assim o entusiasmo da «torcida». Mãos ao alto, punhos comprimidos, estimulando os craques, binóculos assestados para o campo, gritos femininos que se confundiam no espaço onde rebentavam foguetes, bandeirolas, hinos entoados em côro, aplausos, vivas, emoção. Quando as equipes contendoras pisaram o gramado, foi um delírio. E a banda dos Fuzileiros compareceu . . .







de 16 de julho afluíram ao Maracanã. Tocados de fé e de esperanças, todos se acomodavam como podiam, depois de muitos terem passado a noite nas imediações do estádio, para serem os primeiros a entrar. Ninguém podia prever o baque do «scratch» brasileiro, e nisso houve o primeiro fator que contribuiu, paradoxalmente, para a derrota. A vitória parecia certa

AFINAL, o soberbo espetáculo não terminou como seria de esperar. Mas de um acontecimento dessa natureza muitos proveitos podem tirar-se, muitas conclusões, dolorosas, sim, porém de futuro benefício. A questão é saber aproveitar a lição.

E parece que estamos em condições de fazê-lo, desde que não sendo especializados no assunto, podemos examiná-lo por um ângulo talvez diferente. Ou pelo menos desapaixonado, relativamente desapaixonado. Dizemos — relativamente — porque estando em jôgo o renome do Brasil desportivo, um pouco de paixão, por mais que se pretenda controlá-la, é inevitável. Seria preciso não ter coração para ficar insensível, e os corações brasileiros pulsaram desordenadamente, mas tanto, que um deles, chegou a parar. O daquêle ouvinte de rádio que não resistiu à consumação da derrota.

Vamos, contudo, examinar as coisas com serenidade, de clima alto: Não houve, como se quis fazer sentir na primeira hora, uma derrota vergonhosa, edificante e irreparável. Nem mesmo houve derrota completa. Afinal, ficamos sendo os vice-campeões do mundo, ainda que êsse título, oficialmente, não exista. Claro que o título completo éra o que desejavamos, mas nem tudo pode correr à medida das nossas aspirações nêste mundo. Nem tudo, entretanto, correu contra nós. Temos, hoje, um estádio que nos honra como nação civilizada, e onde, no futuro, continuarão a desenrolar-se magnas pugnas desportivas. Dizer que o entusiasmo do povo não se repetirá, é desconhecer êsse povo que aí está. Os dias passam, e a vibração há de voltar quando se oferecerem ensejos iguais ou quase iguais.

Não teremos outro campeonato do mundo? Mas haverá campeonatos de outras categorias, e o mundo continuará a interessar-se pelo estádio do Maracanã, até porque, sobrepondo-se a outros fatores, está o da compensação material e em parte alguma os promotores dêsses encontros hão de contar com arrecadações iguais.

Novos e grandes jogos assistiremos alí, com equipes européias, norte, central e sul-americanas. O que houve agora, foi simplesmente o início.

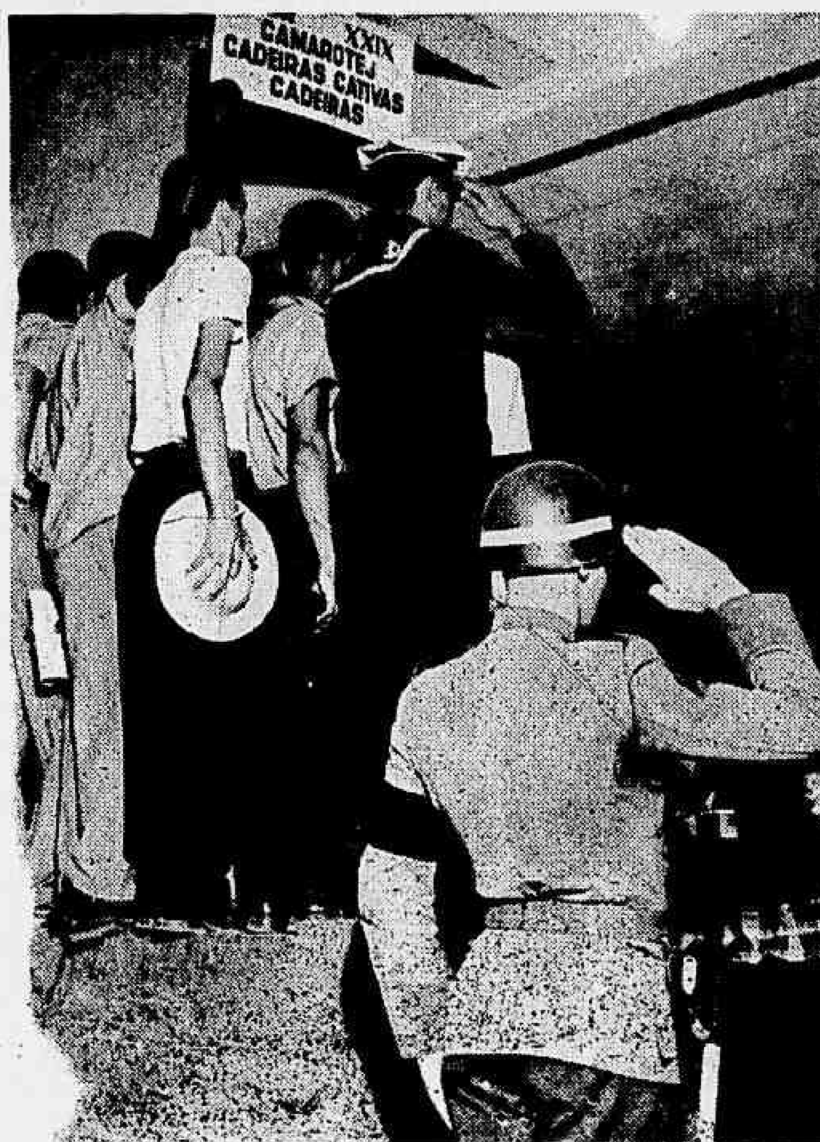
Mas há mais: Admitindo que a seleção brasileira fôsse derrubada em um dos primeiros embates, em que situação ficaríamos, tendo construído a casa para, dentro dela, ficarmos até o fim do espetáculo, na méra função de espectadores? Mas não. Nós fômos ao fim, com dignidade e nobreza. Derrubamos, um por um, a todos os adversários que nos fôram escalados e só perdemos para o derradeiro. Quem éra êle? Um detentor do titulo de campeão mundial; vale dizer, um dos maiores, senão o maior competidor.

Sem dúvida que desejaríamos abatê-lo também, mas perdêmos para quem é respeitado no

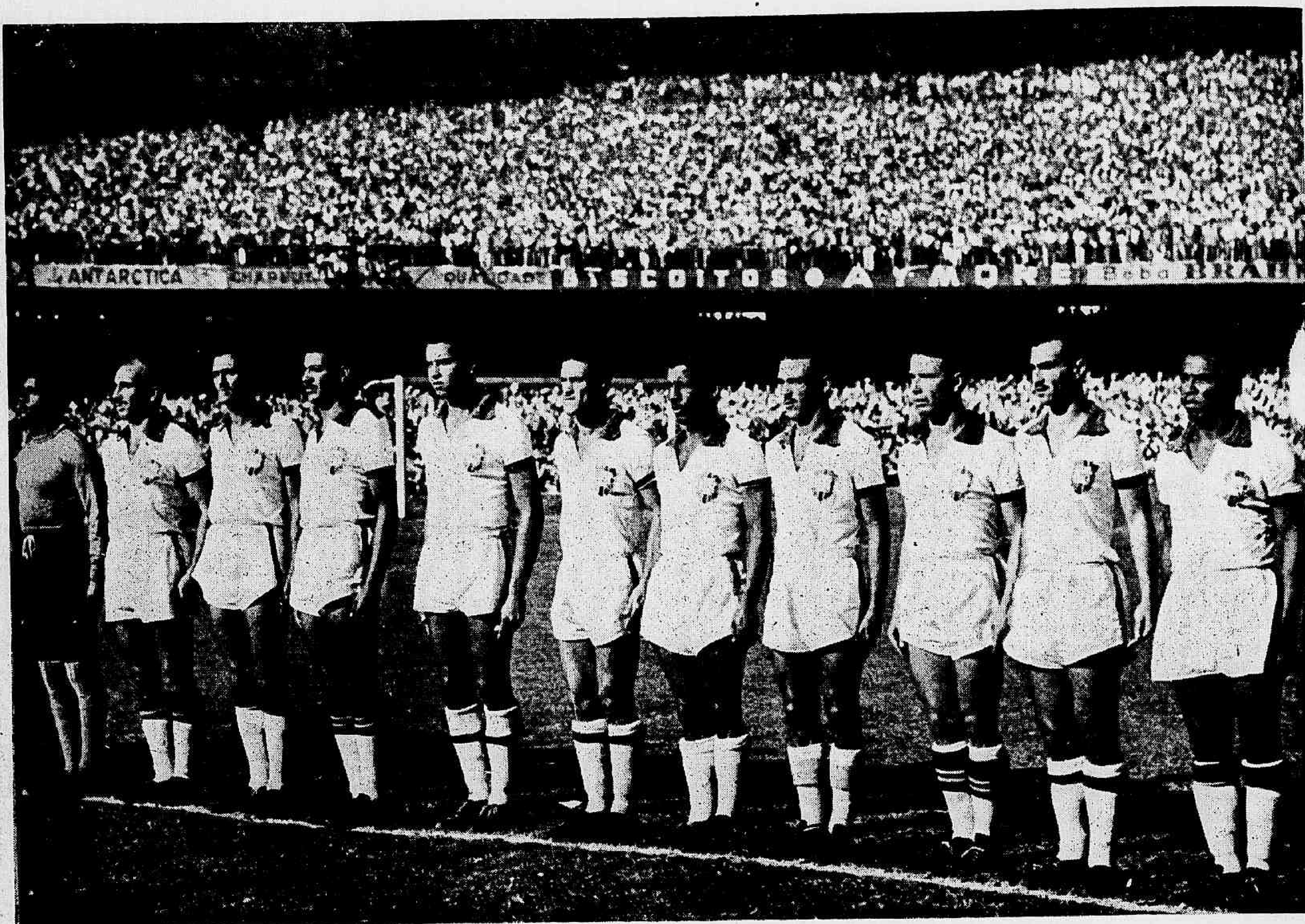




O DRAMA CONTINUA — Êle começou muito antes das [illegible] de manhã, quando os portões do estádio foram franqueados ao público. Ao ser executado o Hino Nacional, todos se perfilavam e os militares batiam continência em posição de sentido. Improvisavam-se andaimes, aproveitavam-se escadas surgidas por milagre, para ganhar altura e visibilidade melhor. No campo, onze lutavam contra onze. Delírio







NA EXECUÇÃO DO HINO NACIONAL — Foi um momento de emoção maior, aquêle em que se fêz ouvir o Hino Nacional executado pela banda dos Fuzileiros Navais. Perfilados, em posição de sentido, os nossos sentiam a responsabilidade máxima de sua tarefa, enquanto as duzentas mil almas que se preparavam para assistir à peleja, sentiam pulsar o coração. Pelo Brasil inteiro o rádio transmitiu êsse momento culminante

mundo inteiro. Encontraram-se os gigantes. Um tinha de cair. E o título cobiçado, se não ficou no Brasil, está em nosso continente. Foi uma vitória do futebol sul-americano.

Quanto desejaria a equipe de qualquer contendor europeu que a taça ficasse em poder, senão dela mesma, ao menos de outra do seu continente? Seria, então, a supremacia do futebol europeu. E não conseguiram, sequer, êsse refléxo de vitória.

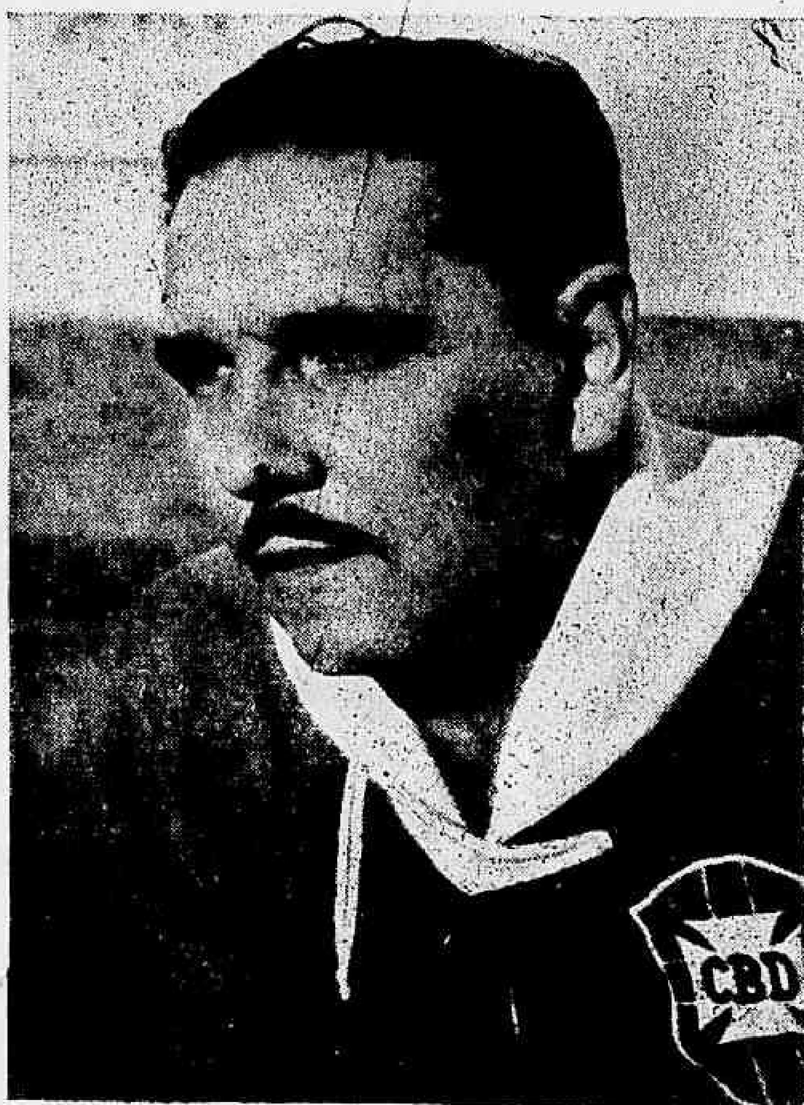
Poupamo-nos à analise técnica do jôgo, função para a qual nos falham os elementos, porque somos leigos na matéria. Mas convenhamos que não há motivo para abatimento mais prolongado e ainda menos para vergonha. Só porque perderam, e perderam em condições honrosas, embora muitos apaixonados da primeira hora afirmassem o contrário, não há razão para deslustrar o esfôrço dêsses rapazes a quem, até o início da prova final, todos incensavamos, por certo exageradamente. E só lhes fizemos mal. Um grande mal. Porque houve entusiasmo precipitado e antecipado, sim.

Fatores psicologicos muito sérios daí refletiram nos próprios jogadores. Talvez não se devesse falar com tanta certeza na vitória, como se já estivesse no bolso do colete, subestimando automaticamente o competidor. Talvez houvesse demasiado otimismo, o que foi um mal. Devemos penitenciar-nos todos, mas não chorar as mágoas de um desastre que está longe de ter sido a calamidade nacional em que muitos ainda insistem.

Houve ainda o aspécto financeiro da questão, e nele o triunfo é completo. Mais de trinta e seis milhões de cruzeiros fôram arrecadados, no Brasil, durante o torneio, o que é muito importante, ainda quando não pareça.

★

A definição precisa do significado moral dêsse acidente, foi dada não por um brasileiro, mas



FLAVIO COSTA — o homem que seria, hoje, um herói nacional se o time marcasse o goal da vitória. Será mesmo o culpado?

por uma figura insuspeita: o sr. Pedro Escartin, delegado da Espanha, membro da Comissão de Arbitragem da F. I. F. A., portanto figura autorizada e desapaixonada. Na séde da C. B. D., no dia imediato ao do remate da Copa do Mundo, assim se manifestou aquêle paredro:

— Feliz é o país em que nação estranha pode levantar um Campeonato Mundial. País feliz, êsse Brasil!

Não foi por amabilidade que o sr. Escartin falou nêsses termos, mas porque sentiu o fenômeno, honroso para nós brasileiros, do seu ângulo mais exato. Os orientais venceram e alí mesmo, no gramado em que se desenrolou o embate decisivo, receberam calorosa salva de palmas que lhes tributavamos nós, os brasileiros, ainda de coração em fél. Nossa maior vitoria, não fôram os altos "scores" dos penultimos encontros com os suécos e espanhóis, mas foi, sim, aquêle momento empolgante em que a quase totalidade da assistência, nos seus lugares, recalcando a amargura da derrota, sob o mais fragoroso abalo moral, se deixou ficar em seu pôsto de honra para aclamar os vencedores, a quem se fêz justiça.

Muitos espectadores já se haviam retirado, é claro. Mas a maioria lá estava. Sofrendo — e cumprindo o seu dever cívico e desportivo. No seu pôsto. Batento palmas, embora de lágrimas nas faces.

Êsse foi o triunfo invejável que o povo carioca alcançou e que ninguém lhe poderá negar. Resta saber se, realizada a competição em outra capital do mundo, e vencedores os nossos, derrubando os da própria terra, seriam êles alvo de homenagem igual. E talvêz não fôssem, não...



BARBOSA



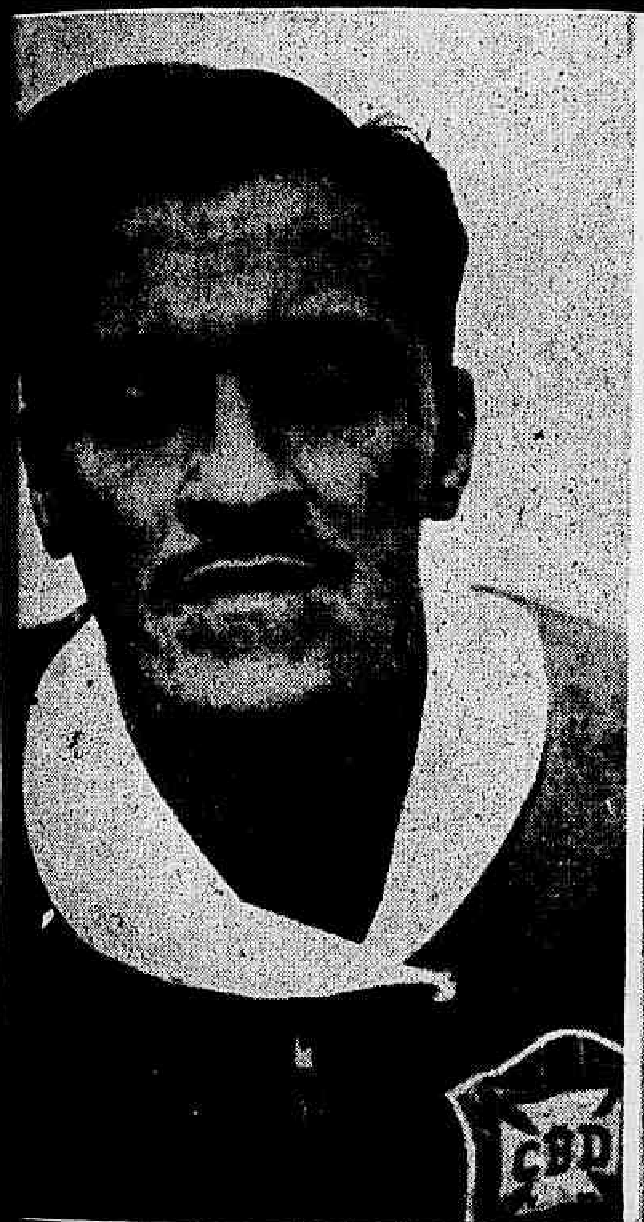
AUGUSTO



JUVENAL



BAUER



DANILO



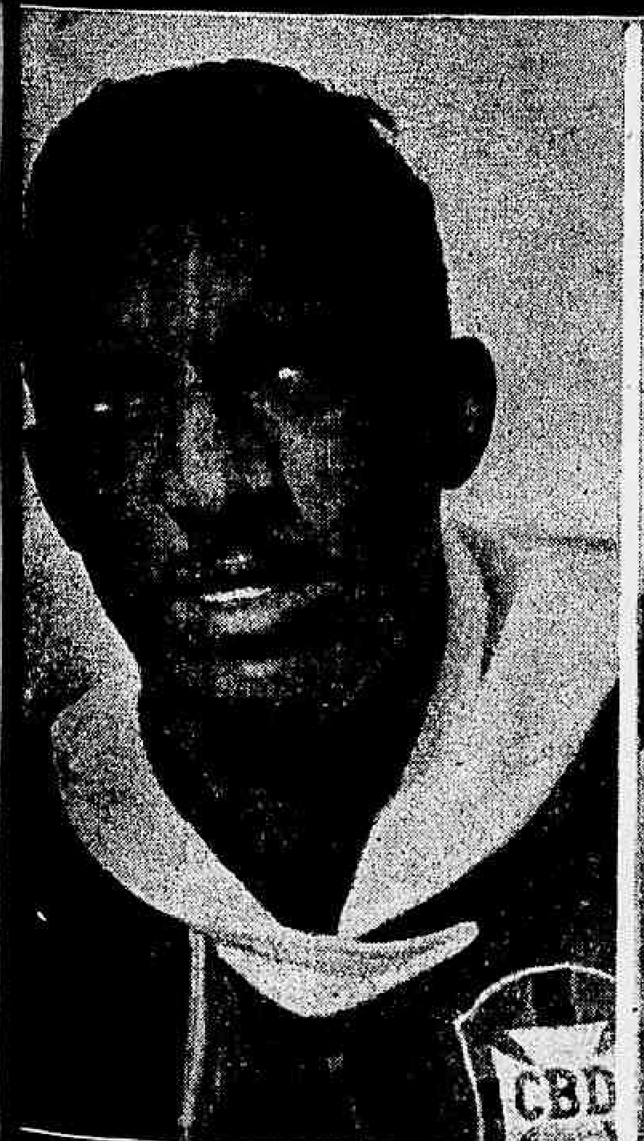
BIGODE



MANECA



FRIAÇA



ZIZINHO



ADEMIR



JAIR



CHICO

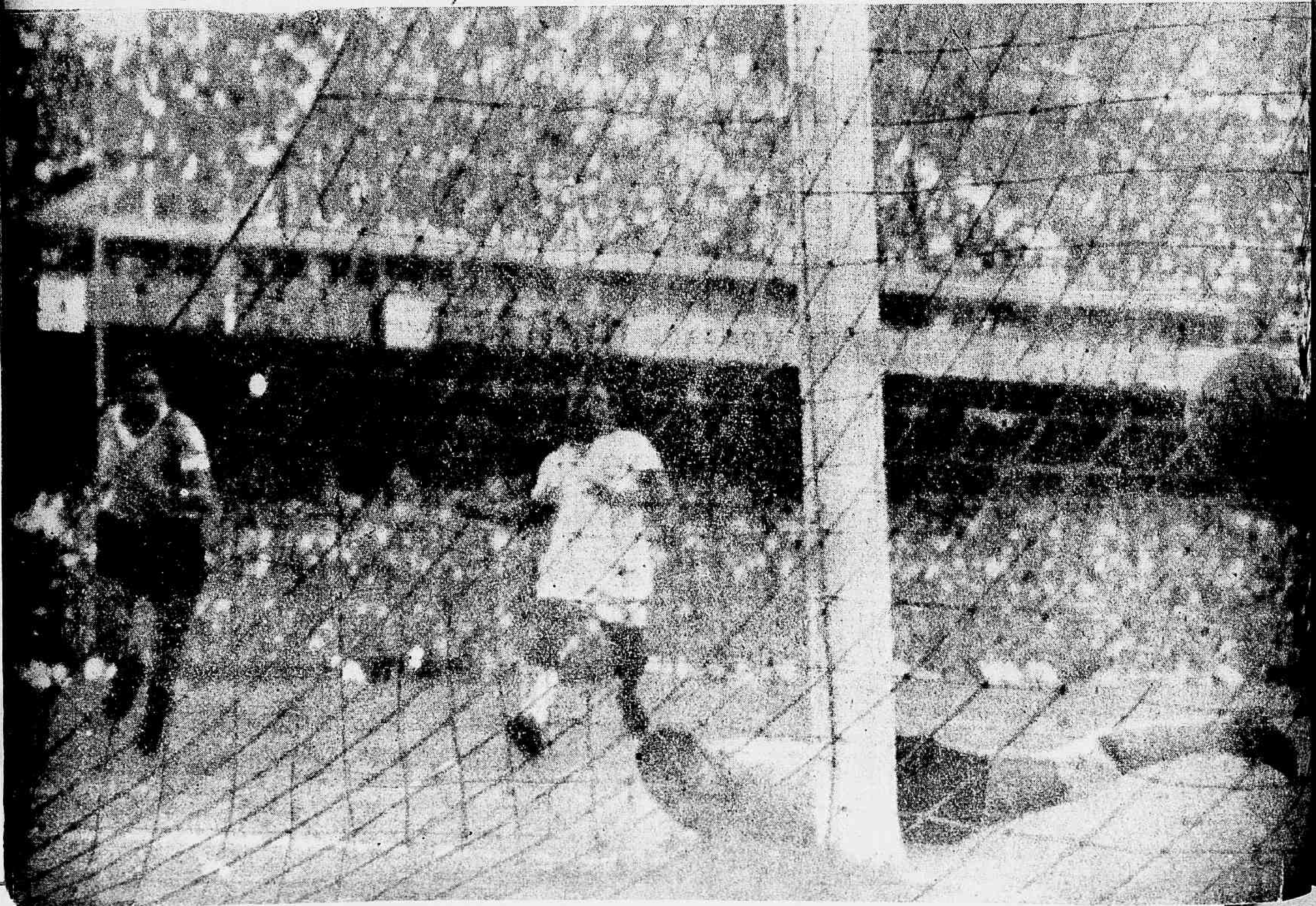
DUZENTAS MIL PESSOAS ABARRÔTARAM O GIGANTE DO MARACANÃ. ARRECADAÇÃO: — **CR$ 6.292.059,00**

O RECORD MUNDIAL DE ARRECADAÇÃO FOI OBTIDO COM A RENDA TOTAL DA "TAÇA JULES RIMET": **CR$ 36.560.303,00**





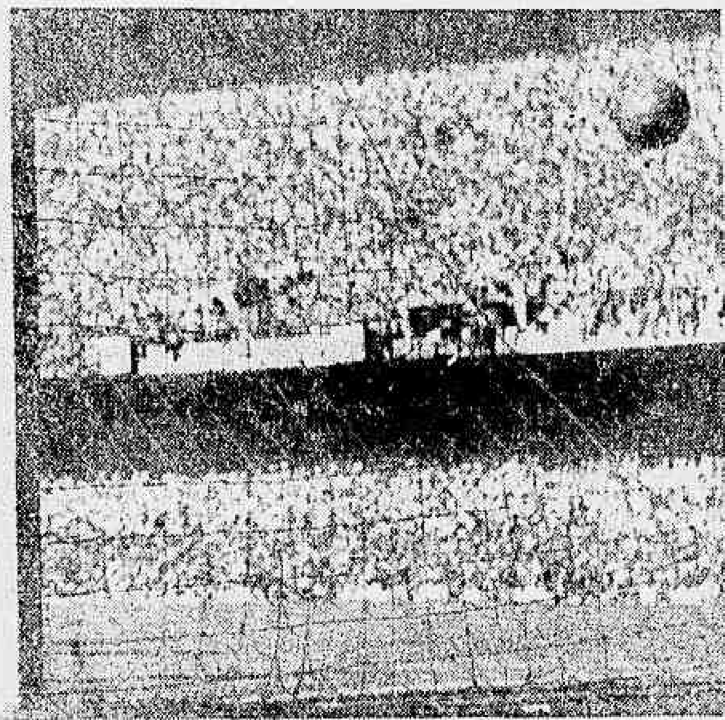
OS «GOALS» URUGUAIOS — Duas vêzes baqueou o guardião brasileiro permitindo que o adversário levasse a melhor. Aqui o vemos em ambas as defesas frustradas, enquanto o time nacional marcou apenas um tento. Em conseqüência, pelo escore de 2 x 1, venceram os nossos competidores. Se houvesse empate, o título de campeões mundiais ficaria em poder do Brasil, por fôrça da situação em que nos encontrávamos, levando de vantagem um ponto sôbre o Uruguai







FASES DO JÔGO — Cinqüenta milhões de brasileiros, no Rio e em todos os pontos do país, acompanharam em extenuante emoção, a histórica peleja. Observe o leitor algumas fases culminantes fixadas pela nossa reportagem e julgue por conta própria. O julgamento inapelável do povo, sob a desolação da derrota, caiu por sôbre a cabeça dos onze brasileiros e, conseqüentemente, de Flávio Costa. Os mais sensatos reconhecem que houve falta de ardor, a maioria dos rapazes brasileiros não combateu como devia, poupando-se a um



sacrifício no gramado. Barbosa é acusado de ter deixado passar um «frango», que foi o golpe decisivo em nossas esperanças. Bigode teve constantes recuos, não se aventurando a enfrentar Ghiggia. A marcação dos uruguaios, em Ademir, foi incessante. As investidas de Augusto, Bauer, Danilo ou Juvenal, heróis de arrancadas anteriores, foram em pura




perda. Obdulio Varela orientava, com vigor, os ataques de seus companheiros contra os nossos. Zizinho, Ademir e Jair, cercados num autêntico círculo de ferro pelos orientais, nada fizeram. Nosso único tento foi marcado por Friaça, substituindo Maneca. Na última foto desta página, o juiz inglês Reader apitava o final do jôgo. Tudo perdido!






O «ONZE» URUGUAIO que levou de vencida o Campeonato do Mundo, repetindo a façanha de 1930. Três vêzes jogaram no Brasil: com a Bolívia, ganhou; com a Suécia, ganhou; com a Espanh



...m a Suécia, ganhou; com a Espanha, empatou; com o Brasil, venceu.



JULES RIMET PROCEDE à entrega do troféu a Obdulio Varela, o «center-half» de quarenta e dois anos cuja contribuição para a vitória uruguaia foi decisiva



A TAÇA JULES RIMET, na presença do seu patrono, vai ser entregue pela segunda vez aos uruguaios. De braços cruzados, Mário Polo assiste à magna solenidade



SCHIAFFINI E' ABRAÇADO por um dos componentes da sua delegação, enquanto, ao fundo, mais alto, surge o goleiro Maspoli, cuja atuação na peleja foi relevante



A TAÇA JULES RIMET chega, finalmente, às mãos do chefe da Delegação Uruguaia. Suas palavras de agradecimento não escondem a justa satisfação que o domina



RODRIGUES ANDRADES abraça Mathias Gonzales, o «marcador» constante de Bigode. E ambos posam para dezenas de fotografos, de vários países do mundo — felizes



O MEIA-DIREITA Julio Perez, um dos que mais se bateram pela vitória dos celestes, recebe abraços entusiásticos de seus companheiros. A turma uruguaia vibra

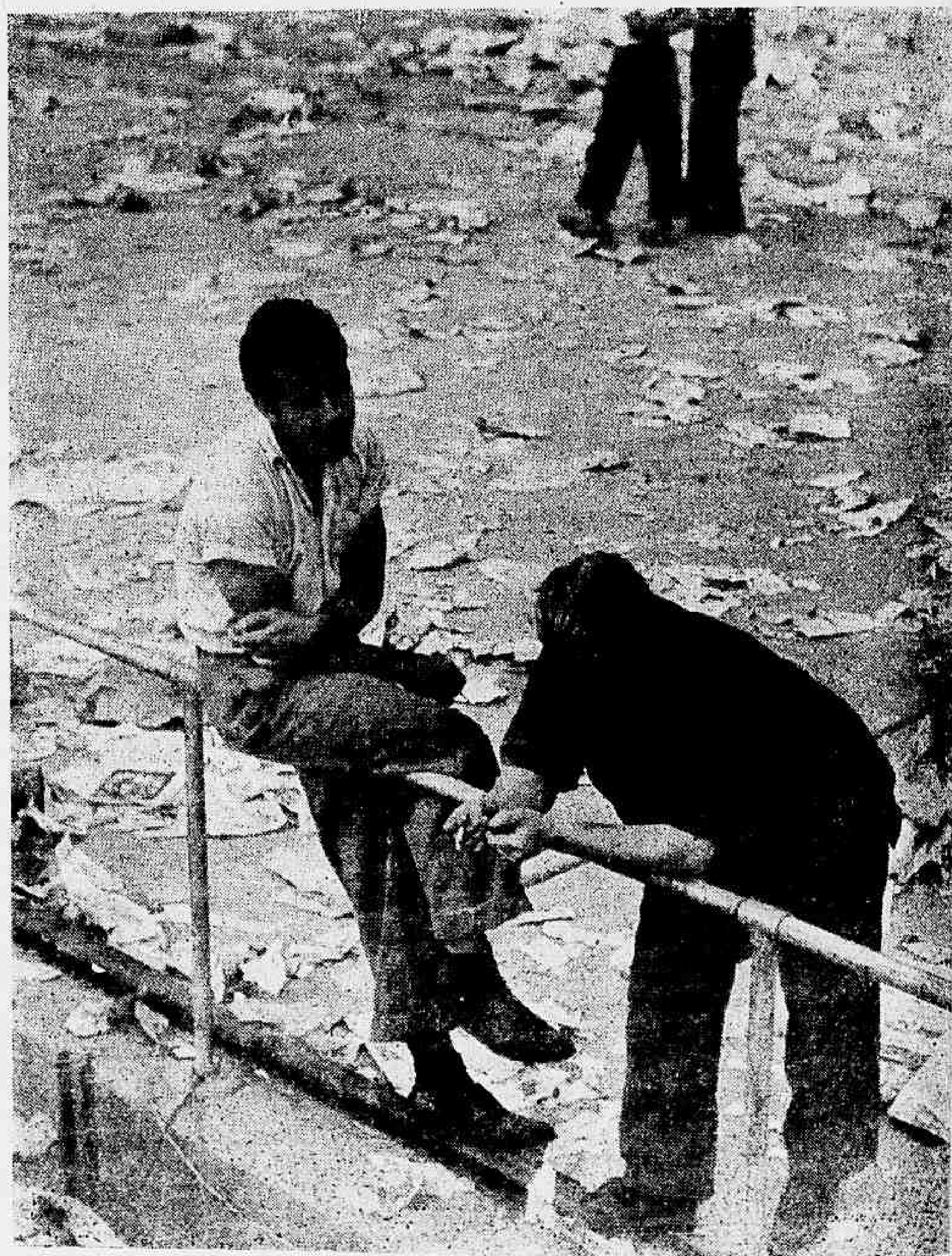
"PAÍS FELIZ, ÊSSE BRASIL!"



DESOLADO, MAL DISFARÇANDO O PRANTO, DANILO VOLTA AO VESTIÁRIO



TUDO PERDIDO — desta vez. E o locutor Jaime Moreira Filho, que pouco antes confortava os outros, também sucumbiu. A seu lado, Ari Vizeu é quem, agora, lhe dirige palavras de ânimo



MOMENTOS ANTES tudo isto era um mar de gente vibrando de esperanças, contando com a taça em poder do Brasil. Mas o destino não quis. Todos se retiraram. Êsses dois ficaram. E agora?



E AS LAGRIMAS ROLARAM PELAS FACES DE UM POVO QUE SONHOU COM A VITÓRIA, MAS SOUBE PERDER COM DIGNIDADE. ESSA DESOLADA SENHORA TALVEZ FÔSSE PELA PRIMEIRA VEZ ASSISTIR A UM JÔGO DE FUTEBOL. ELA NÃO ESCONDE O SEU PESAR, MAS CONFIA. OUTROS LOUROS VIRÃO.

1 OS TRÊS IRMÃOS BRUNO, MARINA E WALTER, ACREDITAM SEREM TODOS FILHOS DO VELHO EDUARDO, LUGAR DE HONRA, NA CASA DE DENISE. NO ENTANTO, UM DIA...

"OS FILHOS DE EDUARDO"







2 Um dia, Marina apresenta Roberto Douchemin à mãe e aos irmãos, pois está disposta a contraír núpcias com êle. Por coincidência, Walter ficou noivo de Helena, irmã de Roberto, e a situação fica embaraçosa para Denise: ela se sente na obrigação de anunciar aos três filhos que Eduardo não existe, pois na realidade, cada um deles tem um pai diferente...

3 A princípio, os jovens se escandalizam mas acabam por compreender a situação e perdoam a Denise suas veleidades de quando mais moça. Na presença de Mallinot, velho amigo da família, resolvem o problema: Denise convidará os pais de seus três filhos para saberem, em conjunto, que dois deles vão casar-se ao mesmo tempo para, enfim, conhecerem os filhos...

4 E' fácil de imaginar a curiosidade dos jovens em ver pela primeira vez, cada um deles, o autor de seus dias. Afinal, Eduardo nunca existiu, e o retrato que se vê na parede, foi um dia arrematado por Denise, em um leilão de obras de arte. E lá estão Bruno, Walter e Marina, ocultando-se da melhor maneira, aguardando a hora da aparição dos "velhos"...

As primeiras representações, no Brasil, da comédia "Les Enfants d'Edouard" — em nosso idioma — fizeram-se em São Paulo, pela Companhia Brasileira de Comédias. Foi ali, já êste ano, encenada a peça de Marc-Gilbert Sauvajon, traduzida por Mário da Silva e Renato Alvim, sendo agora a mesma tradução apresentada no Fênix, do Rio, pelo elenco de "Os Artistas Unidos" que tem Henriette Morineau como primeira figura.

Foi esta a distribuição: Bruno, Oscar Felipe; Valter, Cláudio Fornari; Joana, criada, Dinorá Pêra; Mollinot, Manoel Pêra; Denise, Henriette Morineau; Marina, Antonieta Morineau; Roberto Douchemin, Ricardo Novais; Sir Michael Norman, Antônio Victor; Ian Letzaresko, Ribeiro Fortes; Felipe Revol, Paulo Serrado; Sra. Douchemin, Maria Castro; Helena Douchemin, Margarida Rey. Trata-se de uma comédia cujo sucesso vem se repetindo em vários paises.

Não faz muito tempo, suas representações eram dadas simultâneamente na França, Itália e Brasil, repetindo-se o agrado desta vez, com os espetáculos do Fênix.

Seu enrêdo resume-se em poucas palavras: Denise Darvet-Stuart, famosa conferencista, "o espírito mais clarividente da época", conforme escreveu o "Figaro", vive com seus três filhos, Valter, Marina e Bruno, em elegante apar-

(Cont. na pág. 50)





5 Chega, enfim, o primeiro: Ian Letzaresko, famoso e temperamental pianista polonês, rival de Chopin e o verdadeiro pai de Marina. E' um tipo excêntrico, disposto a, talvez, recomeçar seu romance com Denise, que apenas deseja apresentar-lhe a filha. Logo em seguida aparecem os outros: Sir Michael Norman, pai de Walter, um autêntico baronete que se deslumbra com a elegância do rapaz — e Felipe Revol, um aventureiro elegante, pai de Bruno. Denise procura contornar a situação desdobrando-se em atenções com os três. Com qual se casará?

6 Sim, porque o verdadeiro motivo dessa reunião consiste em escolher qual dos três antigos seus apaixonados deverá tornar-se seu espôso. Denise não quer que seus filhos se casem sem terem um pai. O retrato de Eduardo já foi retirado da parede. E o velho amigo da casa, Mollinot, é quem mais se diverte com os apuros de Denise, enquanto os três pais e os três filhos se abraçam, cada qual mais feliz. O pianista diz coisas em polonês a Marina, o baronete entusiasma-se com Walter, enquanto o aventureiro Felipe vê, em Bruno, seu próprio retrato...





7 Denise, porém, continua inquieta. Urge uma solução ao seu problema. Com qual dos três pais irá casar-se? Ela pede um conselho a Mollinot, enquanto Joana, a criada, previne que não tardará a chegar a senhora Douchemin, futura sogra de Walter e Marina para a visita de cerimônia e o pedido oficial. E' preciso, inadiàvelmente, um pai para os três filhos. Êstes já foram consultados cada qual vota em favor do próprio pai. Ela hesita, não sabe por qual decidir-se, e a senhora Douchemin, pelo que dizem, é tôda preconceitos...

8 Denise tenta consultar os seus três antigos namorados. Qual deles a aceita por espôsa? Bom seria se entre si resolvessem a delicada questão. Mas, consultados, todos aceitam a proposta, porque nenhum deles esqueceu o romance de amor vivido com Denise. E por pouco não se atracam. O pianista, êmulo de Wagner — seu único competidor em qualquer campo, segundo êle mesmo diz — está pronto a ser o marido escolhido. Mas também o baronete e o aventureiro se dispõem a fazer o "sacrifício" que resulta muito amável para qualquer deles...





9 E nada foi ainda deliberado. Os três pais desentenderam-se, Denise não sabe o que dirá à rica proprietária da mais famosa indústria de sardinhas da região... Inutilmente os filhos a rodeiam de carinhos, cada qual ainda pleiteando a escolha do respectivo pai. Se Denise pudesse casar-se três vêzes, talvez o problema fôsse resolvido com facilidade. Mas o diabo é que tal solução não pode ser adotada. E disfarçando em sorrisos nervosos o seu verdadeiro estado de alma, Denise procura, mentalmente, um desfecho. Com qual dos três ficará?

10 Aproveitando a situação para uma "performance" improvisada, o temperamental Letzaresko corre ao piano, põe as mãos no teclado e executa a sua ultima composição em homenagem à filha, que parece assustar-se. O homem é terrivelmente dramático, e quando ao piano, arranca tão fortes acordes, que dá para amedrontar tôda a família. Por que não ser para todos os efeitos o legítimo Eduardo daquela casa? Sua arte, seus dedos privilegiados, seu talento que o mundo inteiro admira, a tanto o recomendam. E êle toca, e toca sempre...



10 E O VELHOTE MOLLINOT, SEMPRE COM O SEU SORRISO TRAVESSO, ASSISTE AOS DESESPEROS E APUROS DE DENISE. TRANQUILAMENTE, ELE SABE QUE NA HORA CERTA, O CASO SERÁ RESOLVIDO...



11 POIS FOI MESMO! QUANDO A SENHORA DOUCHEMIN APARECE E CONFESSA QUE TAMBÉM ELA TEVE UM "CASO" SEMELHANTE, DENISE RESPIRA, SATISFEITA! AGORA, EDUARDO VAI SER O PAI DE TODOS!

O MOSNTRO DA CASA



NAQUELE irmão, Haroldo nunca me havia falado. Dissera-me do pai, um perfeito industrial, das irmãs, Corália viva e buliçosa, Doralice segura demais dos próprios encantos; contara da tia Raquel, difícil de contentar, da mãe que morrera de um parto prematuro, e até do seu cachorro policial. Porém sôbre Henrique nunca me dera uma só palavra. Era portanto natural que eu ficasse desfavoravelmente surpreendida quando vim a saber da verdade, na minha visita de apresentação à sua família. Estávamos tomando chá no terraço quando Corália se afastou apressadamente do parapeito, e anunciou a medo:

— Psiu! Silêncio... Henrique vem subindo do jardim.

Não entendi logo a causa do seu espanto. Voltei-me para meu noivo e perguntei:

— Haroldo, quem é Henrique?

Muito pálido ia responder qualquer coisa quando Doralice o encarou, as sobrancelhas erguidas numa expressão de zombaria:

— Ué, Haroldo, você não falou a Lavínia em seu irmão?

E para mim:

— Henrique é gêmeo com Haroldo. Mas você vai ver como são diferentes... Veja, aí vem êle...

Notei-lhe o desapego com que ela se referia ao "irmão de Haroldo" e prestei atenção às pisadas — aliás bastante estranhas — que vinham subindo a escada para o terraço. Notei a inquietação de meu noivo e a expectativa dolorosa de Corália, e pressenti algo de anormal naquelas paradas intermitentes que o inesperado personagem fazia em cada degrau. Encarei Haroldo:

— Porque você nunca me falou nesse irmão, gêmeo com você ainda por cima?

Então, enquanto as passadas misteriosas chegavam ao tôpo da escadaria, êle falou depressa, muito baixo, para que ninguém, a não ser eu, fôsse capaz de ouví-lo:

— Não me culpe por isso, Lavínia. Você é bastante inteligente para descobrir por si mesma a resposta para essa pergunta. Olhe...

Foi então que, obedecendo à discreção do seu gésto, dei com a figura grotesca que, apoiada à uma bengala, vinha mancando em nossa direção. De relance percebi que Doralice tinha razão, aquêle rapaz espadaudo estava longe de possuir os traços corretos de Haroldo. Seu rosto era mais largo, o olhar mais forte, mais pesado, e a boca — sobretudo a boca — repuxava-se para um lado num sorriso maquiavélico. Formando assim rapidamente minhas impressões, conclui que Henrique devia ser a ovelha negra do rebanho.

Doralice foi dizendo no seu feitio de melindrosa:

— Ué Henrique, você chega bem a tempo de conhecer a noiva de Haroldo.

Mas em vez de lhe dar ouvidos, êle já se aproximava de mim, os olhos fixos no meu rosto. Perturbada também eu não podia desviar a atenção do seu estranho sorriso. Vi-o parar:

— Surpreendo-a, não Lavínia?

Apoiado a bengala com ambas as mãos, apontou Haroldo com o queixo: — Êle nunca lhe falou a meu respeito, não é verdade?

Titubiei indecisa, e já êle estava cortando minha pálida tentativa de defesa:

— Não precisa fantasiar, enroupar de cinísmo a verdade nua e evidente. Quaisquer que sejam seus argumentos de defesa resultarão inúteis e vazios para mim. Sei como é seu noivo, calculista, frio, hipócrita...

Haroldo se levantou lívido:

— Henrique, respeite minha noiva, você está se excedendo. Lavínia merece tôda a nossa consideração, e nada tem a ver com nossos desafetos.

Êle sorriu o seu sorriso repuxado, e naquele instante eu percebi um vago lampejo de mágoa em meio de tôda a demonstração de maldade: — E' a Lavinia que estou me dirigindo...

Parece que tinha um prazer selvagem em me tratar assim, familiarmente, pelo primeiro nome, na convicção acertada de que bulia com os nervos de Haroldo. Tentei consertar o desequilíbrio reinante:

— Agradeço a sua atenção, Henrique. E ficaria muito satisfeita se se juntasse ao nosso grupo para conversarmos todos em família.

Então a sua fisionomia se fechou e os olhos se encheram de sombras: — Não. Nunca. Sua amabilidade forçada não me convence. Melhor seria que me dissesse franca e honestamente o que realmente pensou de mim.

E afastou-se abrutamente no seu andar trôpego, sem ao menos se excusar. Corália veio até mim ofereceu-me uns salgadinhos, tentando disfarçar a indelicadeza do irmão enquanto Haroldo se desculpava aniquilado, e Doralice inventava distrações, perguntando:

— Lavínia, você tem alguma música de sua preferência para tocar na eletrola?

Nomeei qualquer boléro muito em voga no momento, e instintivamente meus olhos tornaram à porta por onde sumira o extraordinário irmão

(*Continua na pág.* 50)

Novela de LOIVA LEIRIA BORBA

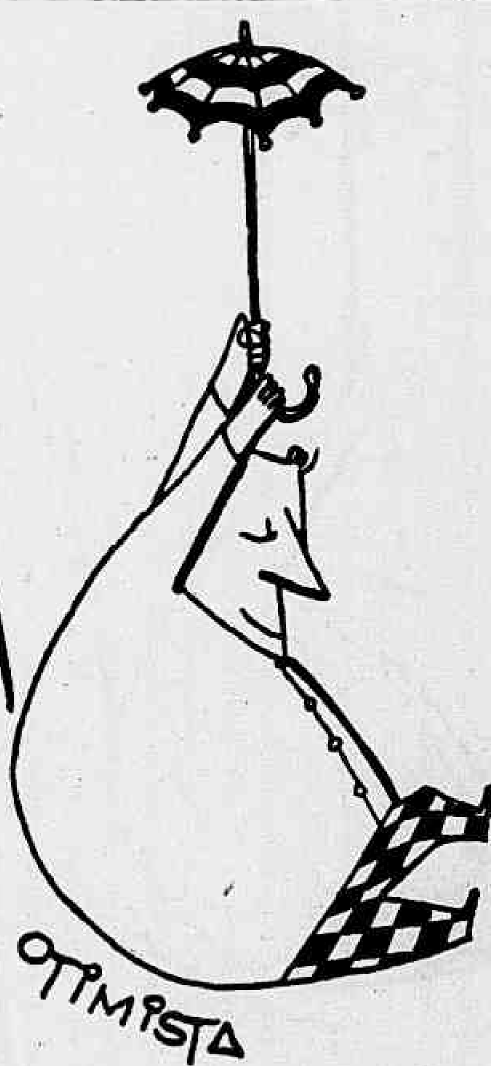
Nicodemus

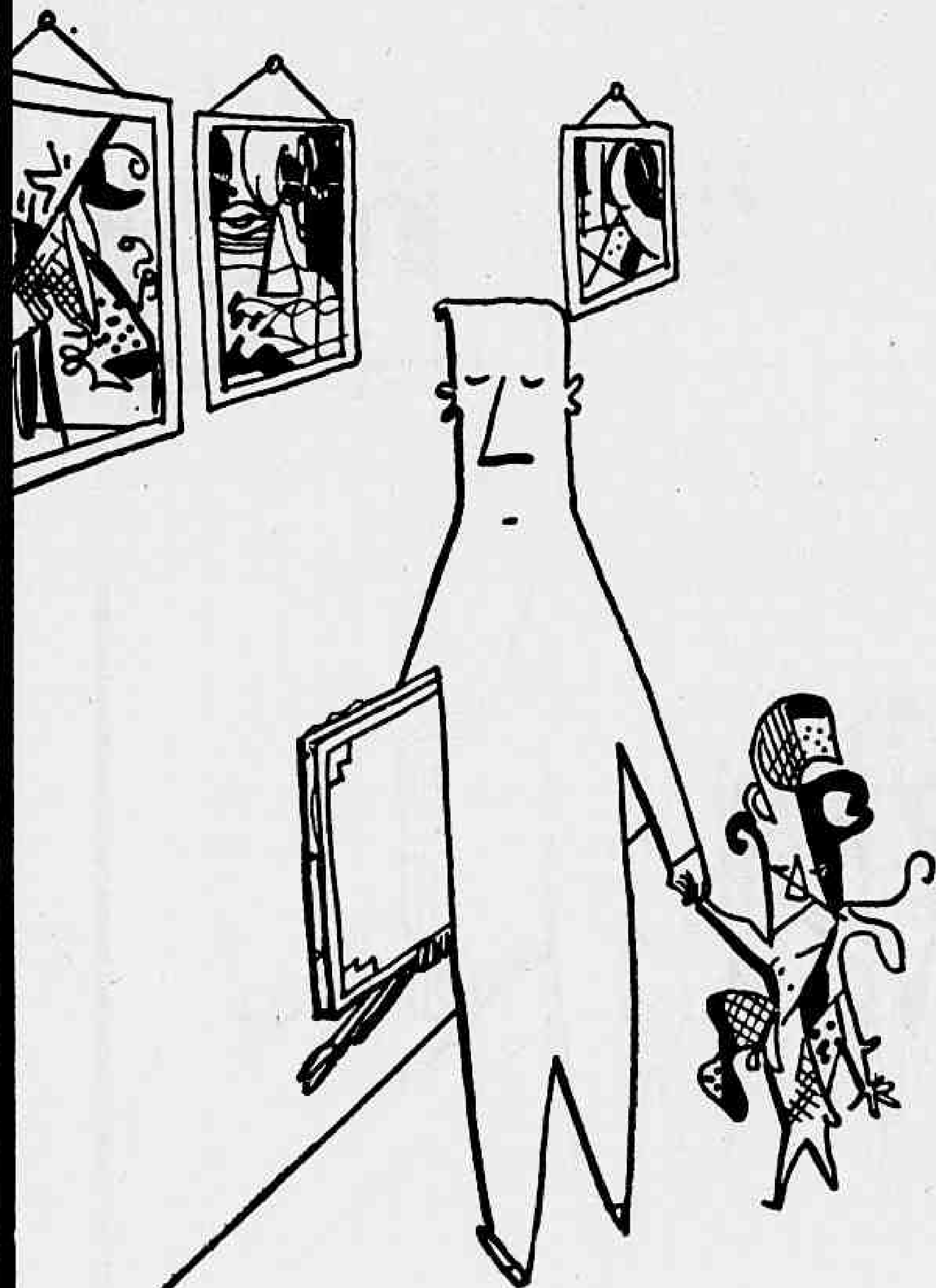
OFERECE UMA PEQUENA LISTA DE

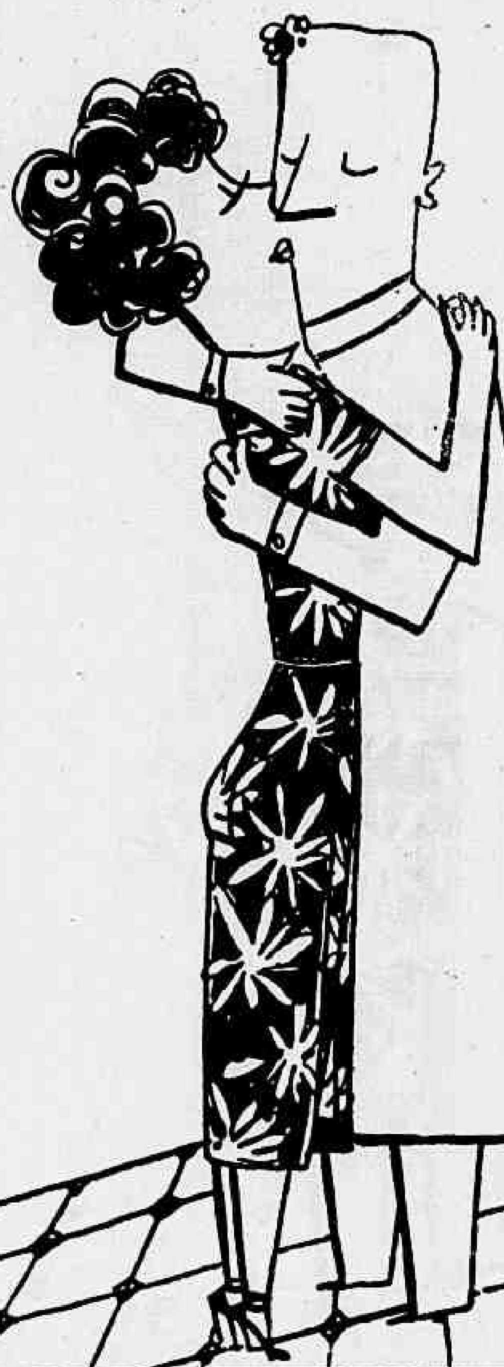
ISTAS

PETEBISTA
UDENISTA
FASCISTA
IMPERIALISTA
NAZISTA
POPULISTA
INTEGRALISTA
TRABALHISTA
COMUNISTA
GOVERNISTA











Alheio ao falatorio que o seu nascimento provocou, Robertinho sorri, feliz, e aprende a balbuciar a primeira palavra: mamãe...





O PEQUENO ROBERTO ainda não sabe que já nasceu famoso. Antes de vir ao mundo seus pais foram os protagonistas de um dos mais comentados casos de amor neste século

O FILHO DE INGRID BERGMAN

PÔSA PARA A POSTERIDADE...

E OS PAIS, FINALMENTE, CASADOS! ★ INGRID E ROSSELLINI, AJOELHADOS NUM ORATÓRIO DO CELIO, UM DOS MORROS DE ROMA, TROCARAM AS ALIANÇAS ★ ROBERTINHO É FOTOGÊNICO...

Texto de N. ADELFI

INGRID agora é quase feliz. A quantos a visitam em sua bela residência nos montes Parioli, mostra, antes de mais nada, a aliança de ouro que leva na mão esquerda. E sorri. Sorri compenetrada, como sempre acontece quando recorda uma emoção intima e duradoura. De fato, Ingrid ainda lembra o que aconteceu entre ela e Roberto no entardecer de quarta-feira, 24 de maio. Naquela tarde, de uma cidadezinha do México, foram os dois advertidos por telefone que dentre de próximas horas se realizaria a cerimônia do casamento de ambos, por procuração, em Juarez, no estado de Chihuahua, México. A noticia era esperada, mas comoveu-os assim mesmo. Sairam de casa, subiram no Célio, um dos morros de Roma, lugar dos mais românticos, afastado e silencioso da capital italiana. E' um bairro de igrejas, conventos e vilas. Entraram num oratório quase deserto na praça da "Navicella" e ali ficaram durante uma hora, segurando-se pelas mãos e rezando. Veio o sacristão, acendeu um lume na frente do altar, e os deixou entregues às orações e às meditações. Já agora a igreja estava completamente vazia, e na presença daquele único lume aceso, Roberto e Ingrid trocaram as alianças, enquanto permaneciam de joelhos. Foi assim que se desenrolou êsse tão simples casamento.

Muito mais complicado foi o outro, o legal, em Juarez, México. Quando, em março passado, Ingrid obteve o divórcio, pensou poder casar-se na Itália, talvez na mesma ilha de Stromboli, onde fôra tão feliz, no ano passado. Os advogados, reunidos, estudaram tôdas as minúcias do código civil e concluiram que não era possivel. Para casar na Itália é necessária uma declaração de estado livre e para Ingrid obtê-la da Suécia, precisava que o tribunal sueco deliberasse sôbre seu divórcio. Portanto,







TRÊS «CLOSE-UP» diferentes de Robertinho, pôses que estão correndo mundo, reproduzidas por tôda a imprensa. Aqui está a criança mais falada. E convenhamos, uma das mais bonitas!





A FRIA ESCANDINAVA derreteu-se ao sol itálico. Seus sentimentos femininos, despertaram para o amor. Dêsse amor nasceu Robertinho. O mundo lhe perdoará o pecado de muito amar...

devia esperar vários meses. Os advogados, então, estudaram o código inglês. Parecia que lá fôsse mais fácil. Tanto que Rossellini chegou a fazer, no mais absoluto segrêdo, alguns preparativos. Alugou um barco na costa francesa e duas casas no condado de Kent, sempre para fugir à caça que os jornalistas lhe moviam. Mas tudo foi em vão. Para os inglêses é muito fácil casar na Inglaterra, mas para os estrangeiros é necessária uma estada de seis meses no país.

Pensaram então na Suiça. Pelos mesmos motivos de demora dos processos, desistiram. Ingrid não esmoreceu, queria casar-se como tôdas as outras mulheres o fazem e por isso terminou por pensar no México, o país que lhe havia concedido o divórcio e que, portanto, lhe concederia o atestado de seu estado livre. Chegar até lá era coisa impossível: tinha o menino para amamentar e o filme "São Francisco" para terminar. Pensaram casar no consulado mexicano na Itália ou em qualquer outra parte da Europa. Mas os cônsules mexicanos só podem unir cidadãos mexicanos. Procuraram um navio mexicano em todos os portos europeus, onde o comandante os teria casado. Mas não apareceu um navio de passageiros mexicano em portos europeus, portanto, nada feito. Uma última tentativa foi tentada com uma companhia aérea mexicana. Ingrid chegou a sonhar com o seu casamento entre as nuvens, assim como sonhara com o mesmo entre as vagas do mar. O sonho durou pouco: os comandantes de aviões não podem exercer funções de estado civil. Passando o tempo, surgiu uma alternativa definitiva: esperar que a sentença dos tribunais meticulosos suecos se pronunciasse, ou casar por procuração. Aceitaram a segunda modalidade, Roberto satisfeito e Ingrid com pesar.

Mas agora já não pensam mais nisso. Pelo contrário, sorriem quando imaginam os dois gordos e velhotes advogados mexicanos que terminaram por tomar o lugar dela e do Roberto na cerimônia realizada frente à Côrte distrital de Juarez. Ingrid diz que tem vontade de conhecer essa cidadezinha, o lugar onde se casou, sem ali ter estado...

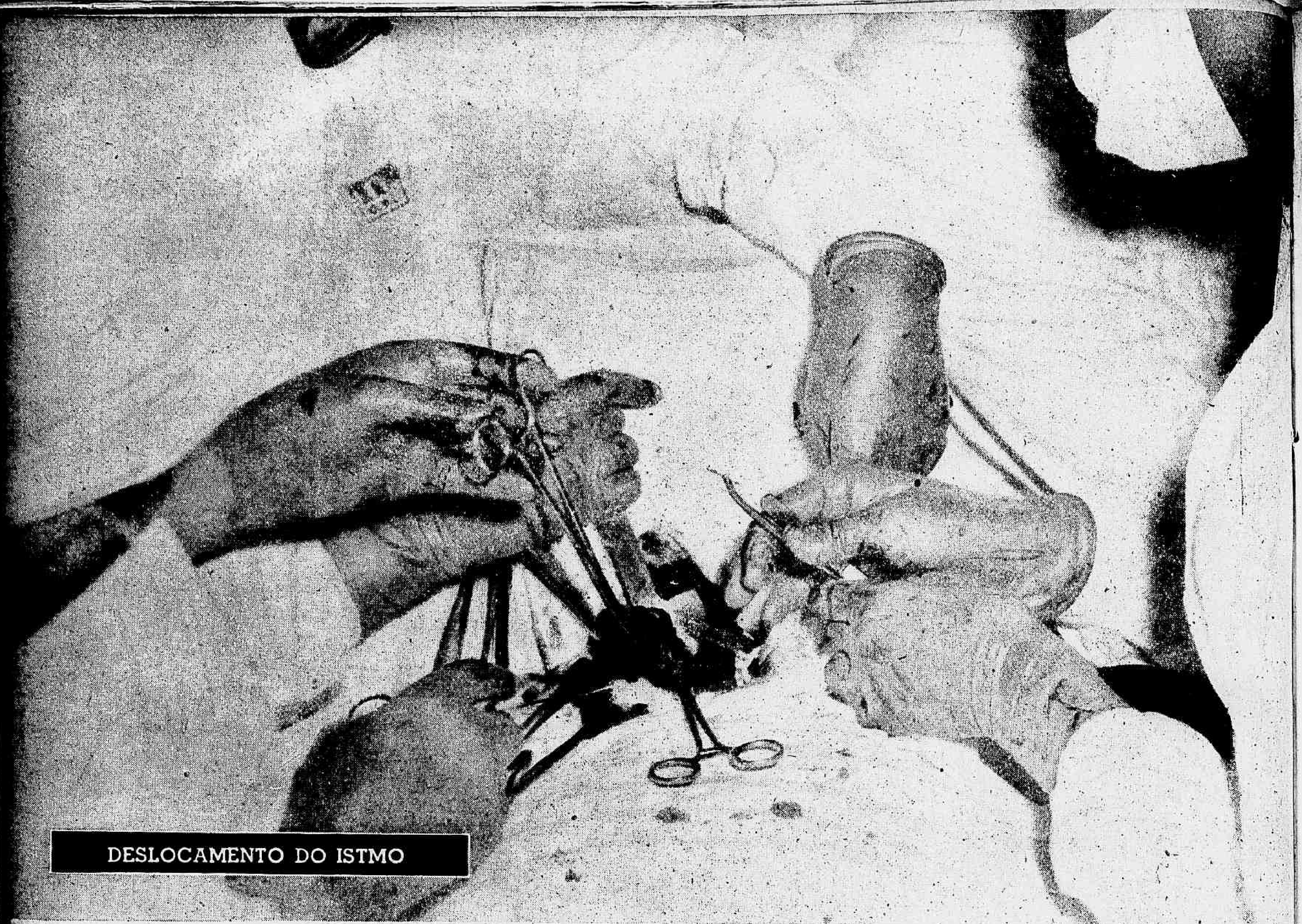
O casal, a estas horas, está de viagem rumo a Paris e Londres, onde irá passar cêrca de três meses. Para Ingrid (Cont. na pág. 59)



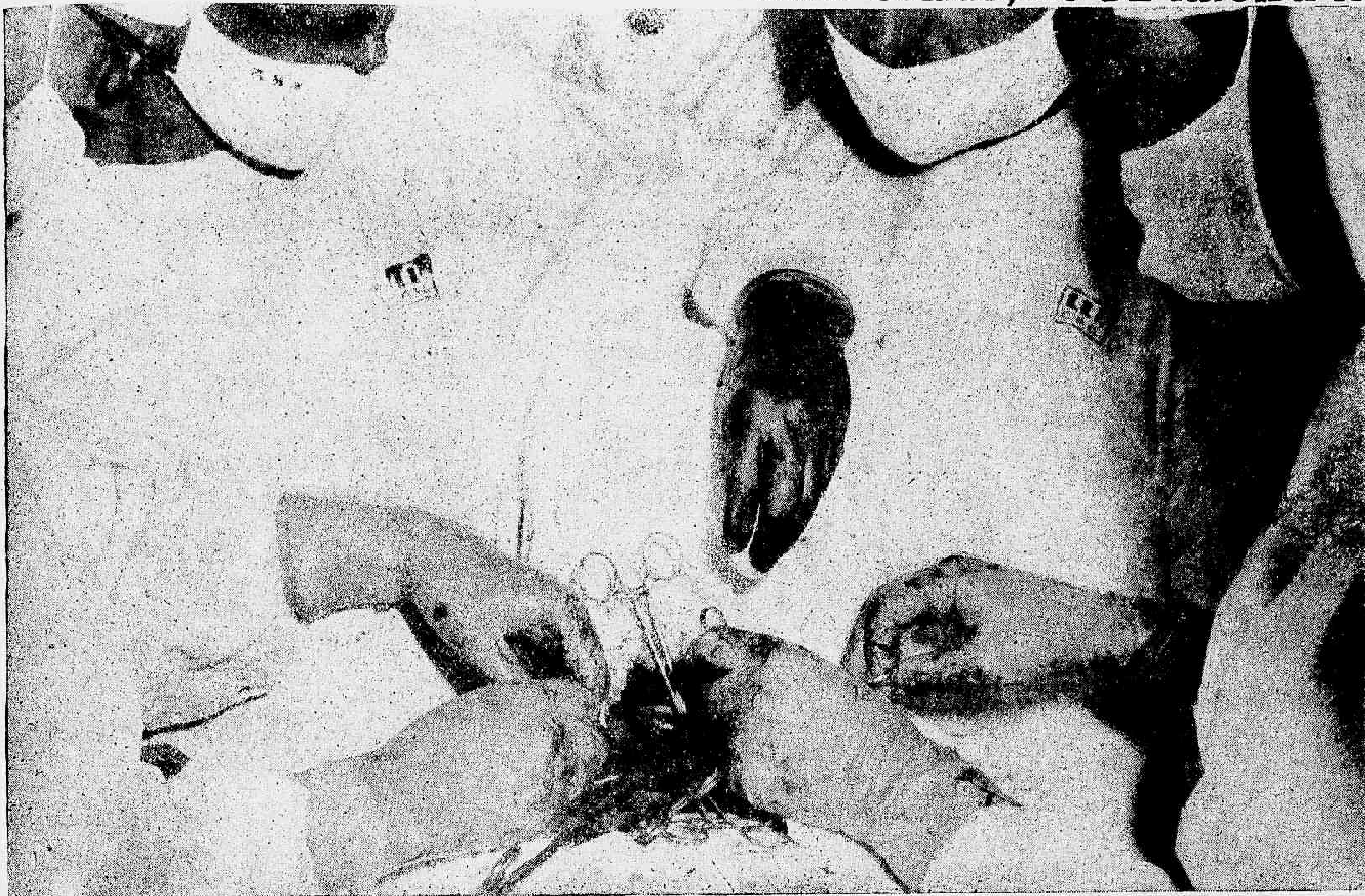


MÃE VENTUROSA, ela pouco está ligando à maledicência humana. Vive para o filho e para o homem que lhe dá a felicidade, deixando rumorejar as más línguas. Ela tem Robertinho!

Mãe e filho prontos a enfrentar o mundo — e o mundo curva-se ao sentimento do amôr maternal


DESLOCAMENTO DO ISTMO


CAPTONAGEM DO CÔTO GLANDULAR



HEMOSTASIA DO CÔTO GLANDULAR ESQUERDO, APÓS UMA RESSECÇÃO

NA SALA DE CORTE E COSTURA

UMA OPERAÇÃO ASSISTIDA "IN LOCO" POR DOIS LEIGOS E VÁRIOS ENTENDIDOS ★ UMA TÉCNICA PRÓPRIA QUE POSSIBILITA A UM PACIENTE MUITA VEZ À BEIRA DA LOUCURA, DOIS DIAS APÓS A SUBMISSÃO DE UM SISTEMA OPERATÓRIO, ANDAR E SENTIR-SE BOM ★ OBRIGADO, DOUTOR...

Texto de CARLOS TENÓRIO
Fotos de NEWTON VIANA

CONTA-SE que, certa vez, Diógenes foi visto na ágora, em Atenas, diante de uma estátua, pedindo esmola, com a mão estendida.

Perguntou-lhe alguém, dele se acercando:

— Que fazes?

— Peço esmolas.

Intrigado, prosseguiu o passante:

— Mas, então, não vês que é uma estátua?

— Justamente, acostumo-me à recusa — retrucou o filósofo.

Hoje, encontramo-nos como Diógenes. Estamos em face da estátua soberba de Hipócrates. Com o mesmo gesto, sentindo o mesmo mutismo.

Procuramos, por isso, não deslustrar a comemoração científica da Semana da Tireóide. Realmente, para um repórter, por via de regra, apresentam-se situações idênticas a essa, que avantajam a seus olhos, porque fogem do âmbito de seus conhecimentos técnicos, profissionais e, mesmo, os culturais. Buscamos, então, adquirir alguns ensinamentos para que as palavras do texto não tenham uma sanção retrógrada. Manuseamos, receiosos, uma Anatomia Descritiva, editada e redigida em língua espanhola.

São dez as glândulas de secreção interna — aquelas que vértem seus produtos para o interior — sendo que no último grupo incluem-se as sexuais. São as seguintes as glândulas endócrinas: Tireóide; as Paratireóides; Timo; as Hipófises; baço; as Cápsulas suprarrenais; os Orgãos paraganglionares; as Hemolinfáticas; os istoles de Langerhans; as gândulas de secreção interna incorporadas às glândulas sexuais, que são: glândula intersticial do testículo; glândula intersticial; corpo amarelo.

E' um órgão impar, médio, simétrico que se apóia na parte anterior do conduto laringotraqueal. Está ela situada na face anterior do colo na união do seu têrço inferior com seus dois têrços superiores. Pode-se-lhe ver "mantida em posição": por uma capa conjuntiva que a rodeia por tôdas as partes, cápsula de tireóides, e que não é outra coisa sendo uma dependência das aponeurosis cervicais; por três ligamentos: um médio e dois laterais. O médio se extende da laringe à parte média das tireóides e, os laterais que vão dos lóbulos laterais à traqueia e, como diz o autor — al cartílago cricoides. Tem-se ainda como mantenedor de sua posição: os vasos tireóideos e, principalmente, por suas bainhas conjuntivas, que da cápsula tireoideia vão à bainha dos vasos do colo.



DEVIDO A REPERCUSSÃO que encontrou na classe médica, a Semana de Tireóide, autoridades universitárias e em cirurgia acorreram ao Hospital Moncorvo Filho. No grande anfiteatro véem-se, ao lado do prof. Alfredo Monteiro, o vice-reitor da Universidade do Brasil e, na fileira detrás, na extremidade, à esquerda, o grande cirurgião brasileiro dr. Portugal

Quanto a coloração apresenta-a, a glândula tireóide, de um gris rosado.

Seu voluma (6 a 7 centímetros de largura por 3 de alto e 15 a 20 milímetros de grossura) varia muito necessitando-se ter em vista os indivíduos, a idade e o sexo. Na pessôa adulta seu pêso é de 25 a 30 gramas.

No tocante a sua fórma, seus aspécto, como se apresenta à vista, pode-se dizer que parece com a letra H (maiúscula). Considerando-se nela: uma parte média, estreitada, que, pela singular parecença, do homônimo do geográfico, denominam istmo; e duas partes laterais, mais volumosas, os lóbulos laterais.

O istmo tem um centímetro de altura por 5 ou 6 milímetros de grosso. Suas duas extremidades, direita e esquerda, se continuam com os lóbulos. Sua face anterior plano ou ligeiramente convexa. A face posterior é concava. O bordo inferior é curvo e côncavo, sendo o superior também côncavo.

Lóbulos laterais — cada um deles tem a forma de uma pirâmide triângular de base inferior, e apresenta, por conseguinte, base, vértice, três faces e três bórdos.

CONSTITUIÇÃO ANATOMICA DA TIREOIDE

Compõe-se a tireóide de um estroma conjuntivo que fórma, primeiramente, na glândula tireóide uma envoltura delgada e contínua, e, depois, envia para o interior do órgão múltiplas prolongações ou "tabiques" e um tecido próprio representado por uma multitude de pequenas massas, morfològicamente equivalentes, os folículos tireoideos.

Focalizaremos agora os Vasos e Nervos.

As artérias procedem de três ramos. A primeira das artérias tireoideas superiores, ramos da carótida externa (cada uma delas proporcionando três ramas à glândula tireóide: interna, externa e posterior). O segundo das duas artérias tireoideas: inferiores, posterior e profunda). E a terceira sen-

do a tireóide de Neubauer, que nasce da aorta — grande artéria que nasce no ventrículo esquerdo do coração — ou do tronco braquiocefálico.

Os nervos, por sua vez, derivam do simpático cervical (glânglio cervical médio e segundo nervo cardíaco), e de dois nervos, que tomam o nome de laríngeos — superior e recurrente.

A paratireóides como sejam glândulas anexas ao corpo tireoideo, e requerendo enórmes cuidados e atenções que se fazem extrações do bócio, têm aqui o seu lugar.

Distinguem-se essas glândulas em externas e internas, sendo pequenos corpúsculos arrendondados. Ocupam as internas de preferência um ponto próximo da face interna da glândula, não se encontrando, comumente, mais que uma de cada lado. As externas situam-se na face posterior dos lóbulos laterais.

Morfológicamente as paratireoides são derivados bronquiais.

Alertados pela consciência vimos agora o perigo que já nos dispunhamos enfrentar. Acorreu-nos a triste idéia de, como complemento, esboçar alguns traços das demais glândulas. Já escreviamos, mesmo, que o Timo é uma glândula situada na parte inferior do pescoço, no mediastino anterior, entre os dois pulmões, diante do coração e dos dois grandes vasos! E que sua cor varia do féto para a criança pequena!

LIGADURA DOS VASOS. HEMOSTASIA DA GLÂNDULA





CAPTONAGEM E REVISÃO. ... QUENTE



TÉRMINO DA OPERAÇÃO COLO... DA...



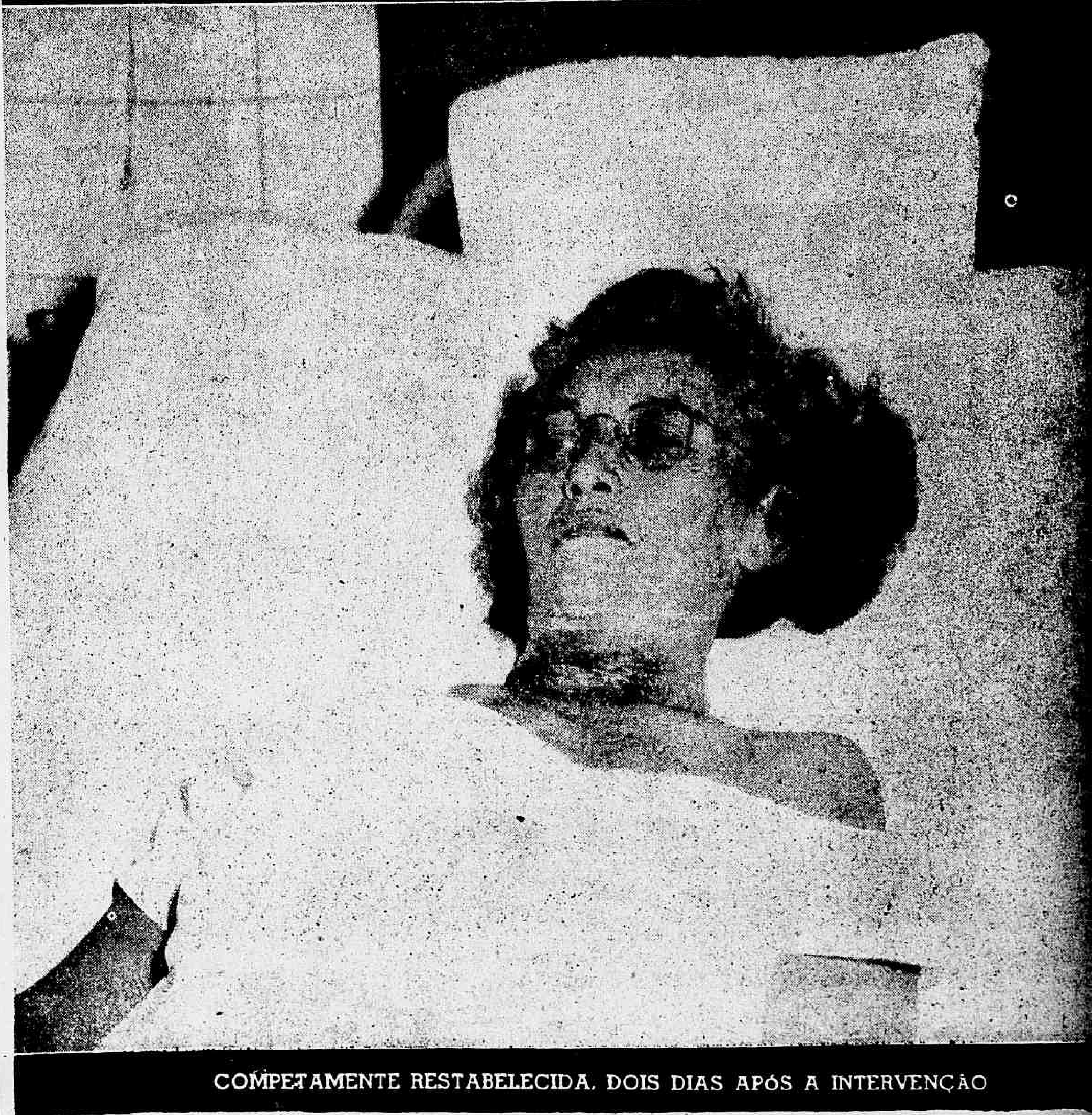
SÃO. ... QUENTE FECHAMENTO



COMPLETADA A INTERVENÇÃO, FECHAMENTO DOS MÚSCULOS



O COLO... ÃO DAS AGRAFES DA PELE



COMPETAMENTE RESTABELECIDA, DOIS DIAS APÓS A INTERVENÇÃO

...ERAÇÃO DE TIROIDE II



PRE E POS-OPERATÓRIO. Era sôbre êsse tema que versava a pa'estra do professor Gentil Feijó. O iodo deve ser usado, mas com extremo cuidado — dizia êle — O use abusivo dêsse remédio pode trazer graves conseqüências. Apesar de tudo o lugol ainda é uma das melhores drogas tôda vez que se fala em tireóide. Há que se atentar que até agora não se encontrou o paliativo ideal para êsse mal fisiológico



COM UMA VARA flexível e um sotaque característico de mineiro, o dr. Josias de Freitas, que naquele dia dava a aula que encerraria o curso, dizia da utilidade que tem a tática operatória aplicada com largo aproveitamento entre os médicos daquele nosocômio. A atenção se subdividia entre os quadros da parede e a preleção

Rabiscamos tudo isso e chegamos a ensaiar alguma coisa sôbre a hipófise. Dizer por exemplo que as Hipófises são duas, e que principal situa-se na cavidade crâneana e a outra, acessória, ocupa um local da faringe. Para quê tudo isso? Imaginem se fôssemos falar que o baço é uma viscera glandular situada no hipocondrio esquerdo na parte póstero-superior da cavidade abdominal ! Hipocondríaca ficaria, mas a reportagem...

E seria necessário, talvez, dizer que as cápsulas suprarrenais são glândulas de secreção interna situadas sôbre os rins, colocando-se simètricamente? E que as Paraganglionares receberam na pia batismal êsse nome por proposição de KOHN, sendo, como sempre foram, pequenas massas epitoliais de significação glandular, derivando do esboço do simpático? Não. Francamente, isso não faríamos. Seria arriscarmo-nos em demasia e martirisar o leitor.

Felizmente, para êle e para nós, ao procurarmos no compêndio as glândulas sexuais, de secreção interna, àvidos é verdade, topamos com isso: "las glândulas de secreción interna incorporadas a las glândulas sexuales pertenecem al dominio de la Histología y debemos limitarmo-nos aqui a mencionar-las".

Plenamente de acôrdo. Nós e o leitor...

Certamente aquêles que conseguiram transpôr essa barreira intermediária que se ergue entre o início da reportagem e aqui onde estamos, barreira construida com tireóides, paratireóides hemolinfáticas e outras coisas aparentadas, já desejam ver tudo isso pôsto em linguagem popular para entenderem alguma coisa. Nós, perfeitamente leigos no assunto, vamos transpôr em modestos centavos essa anatomia de milhares de cruzeiros. E' muito simples. A tireóide é uma glândula que fica dentro da garganta, por trás do gogó, fazendo uma papeira, o que aborrece como quê. A gente fica nervosa, comete desatinos, às vêzes quér se suicidar até que um dia vai a um médico que manda voltar no dia seguinte bem cedinho em jejum, para deitar numa mesa, bem repousado, com um aparêlho na boca, que se prende a um cabo cuja extremidade segura uma pena que faz uns riscos num papel — como estatísticas de escritório industrial — e que mais tarde o doutor diz a gente que deu + 30 ou — 30 e que se precisa operar. Chama-se isso Metabolismo basal. Depois, entra-se para um



PARA UM «SOUVENIR» formou-se um grupo em confraternização na escada principal daquela entidade considerada hospital modêlo. Armou-se em respeito à técnica e aos preceitos estéticos um grupo em T. Para êsse nosocômio, diante da notícia de um curso de tamanho valor, correram médicos das mais longínquas cidades do país. Na foto temos: graciosas internas, graves cavalheiros, joviais acadêmicos

hospital, toma-se uma porção de remédios e um dia sem sentir, entra-se numa sala que cheira a éter, com muita gente vestida de branco, de gôrro e máscara *e que dois dias depois está andando com um corte no pescoço!*

Mas em tudo isso o importante é a operação. A necessidade de manter o paciente na ignorância de que se vai submeter a uma intervenção cirúrgica, para que a auto-sugestão não prejudique os trabalhos do pré-operatório.

Entretanto a operação em si é que suscita maiores emoções, e tivemos ocasião de presenciá-la três vêzes.

Passando por enfermarias e subindo escadas íamos, nós e o fotógrafo recrutando fôrças aqui e além, em nós próprios, para a caminhada. Não que fôsse longa, mas convidava a meditações pouco corajosas. As idéias varavam agora o casarão das memórias e recordamos o que nos dizia o redator- chefe quando nos incumbia do trabalho.

— Você tem coragem de assistir a uma operação?

— Tenho.

Teríamos mesmo?

Chegamos a uma sala onde se distribuíam aventais. Fantasiamo-nos de médicos. Um avental, cujo cinto estreito não circundava a cintura, a mascara branca que faz de todo mundo um parente nasal do papagaio, tapando a boca e o nariz, e um casquete branco e redondo. Saímos do vestuário e achegou-se um rapaz que não conhecíamos.

— Doutor, o senhor podia, depois, examinar minha garganta?

Que satisfação! Mas...

— Meu amigo não sou médico.

— Ah! desculpe.

Deixemos o repórter e fotógrafo entrarem na sala de operações acompanhados de médicos, pois seus passos devem ter sido bastante embaraçosos naquela sala hostil para o leigo que ousava penetrá-la.

Era uma sala circular com duas camas de operação, vários aparelhos de complicado maneio, e uma pequena mesa na qual achavam-se: bisturis, tesouras, pinças, agulhas curvas como anzól e linhas que mais pareciam cerol de menino de

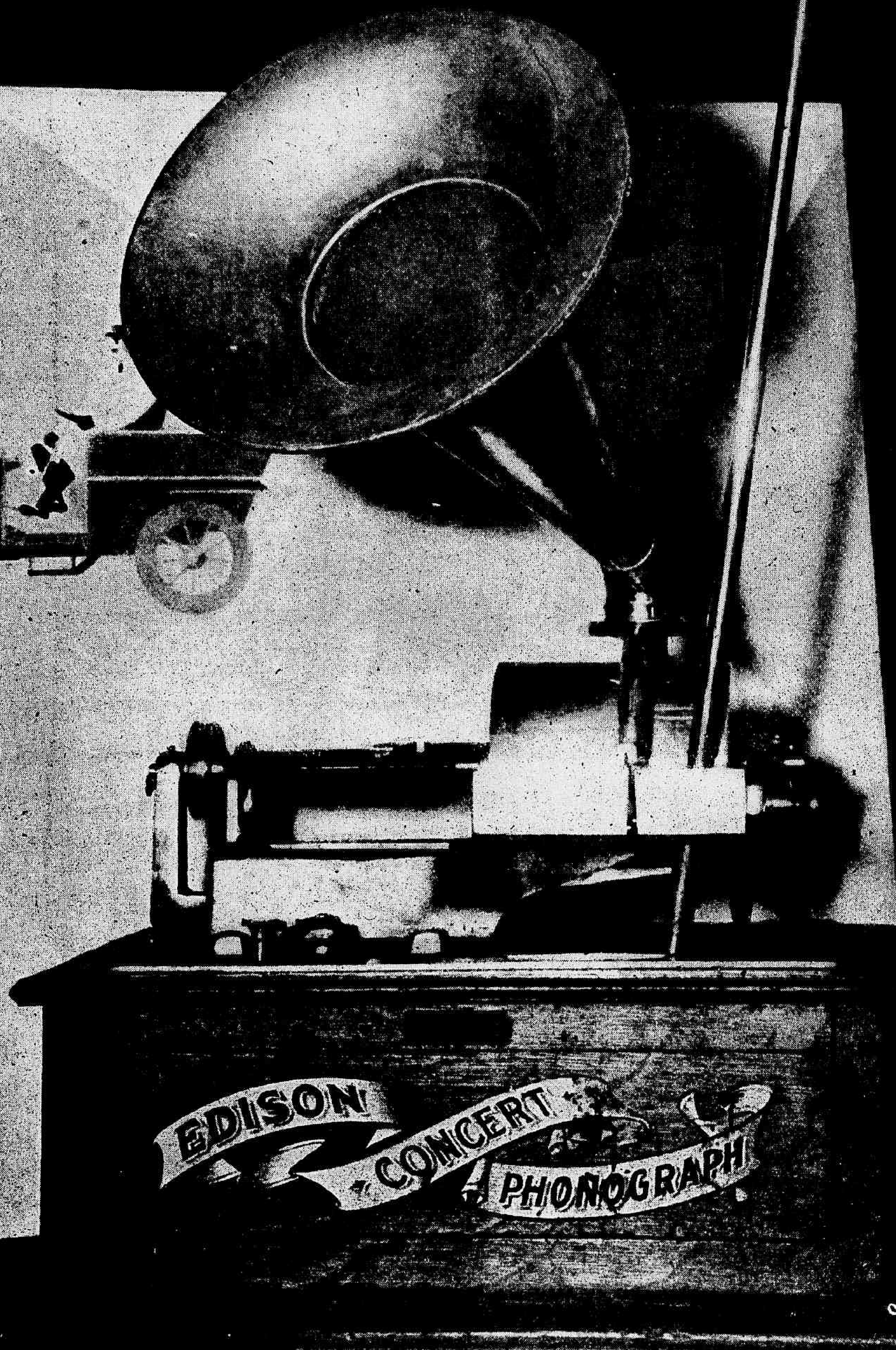
(Cont. na pág. 49)



SERVINDO-SE DE GRAVURAS desenhadas com maestria, prêsas à parede, demonstrava o dr. Josias as fases sucessivas por que passou a operação. E, a cada momento da tática, que a oratória abordava, ia apontando a vara para a ilustração, exemplificando. Sala aparelhada com todos os apetrechos técnicos fêz jus à preferência que lhe deram nessa semana

O VOVÔ DOS FONOGRAFOS A CILINDRO

1900



A MÁQUINA FALANTE

PERSONALIDADE DO INTRODUTOR NO BRASIL DO PRIMEIRO FONÓGRAFO DE CILINDRO ★ NOVIDADE PARA A ÉPOCA, APRESENTADA POR FREDERICO FIGNER

Texto de SABINO CANALINI

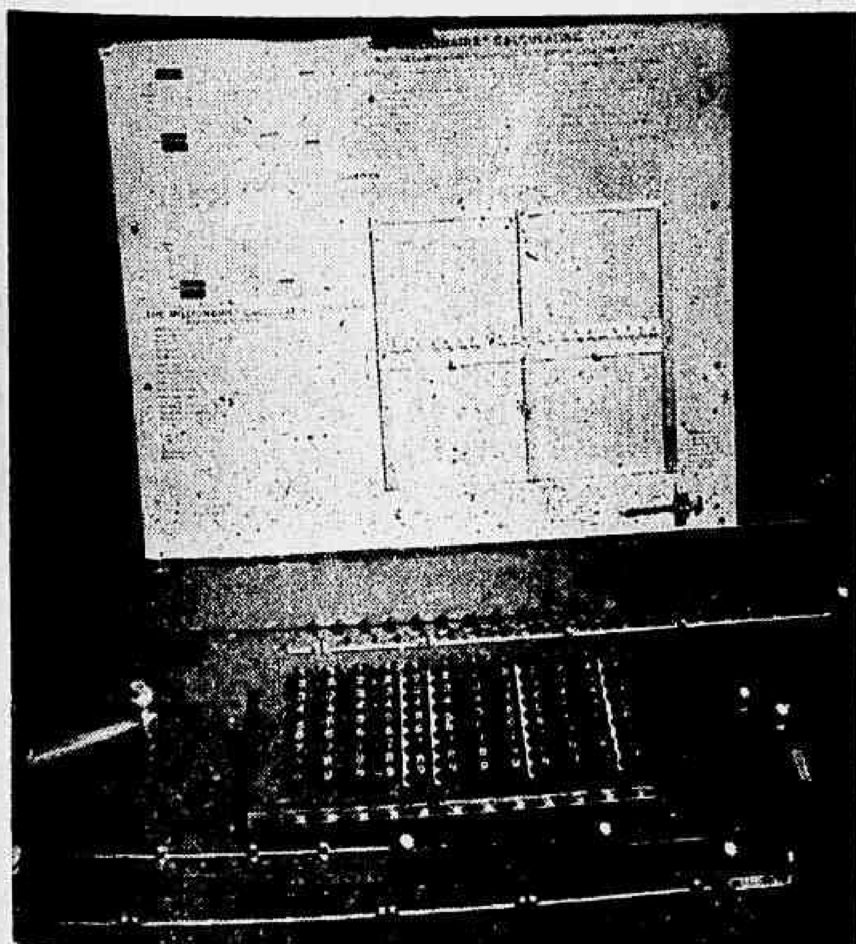
OS PRIMITIVOS DISCOS a duas faces gravados no Brasil, religiosamente conservados pelos filhos de Fred Figner. Duas valsas: «Em ti pensando» e «Não se aflige», executadas pela banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro

PARA comemorar o meio século de existência da nossa Revista, pusemo-nos em campo com o propósito de descobrir fundações que também tivessem iniciado suas atividades no princípio do século. Entre essas, está uma casa sem dúvida bastante conhecida no Brasil inteiro: a casa Edison. Cremos que é bastante mencionar-lhe o nome para a maioria das pessoas, sejam de idade avançada ou não, ter imediatamente, por associação de idéias, revivido na memória e nos ouvidos o famoso prefixo dos primitivos discos gravados em nossa terra. Quem já não teve oportunidade de escutar em programas radiofônicos, de caráter saudosista, ou, pelo menos, quem já não escutou a imitação feita pelo Lamartine Babo dos discos de então? Após uma chiadeira notável sentir-se uma voz esganiçada e metálica: "Em ti pensando — Valsa — Gravado para a casa Edison — Rio de Janeiro!". E lá vinha uma valsinha "à la" austríaca, com predominância de bombardino e de caixa, tudo muito estridente, considerado por nós, agora, como fóssil da arte de gravar e retransmitir a voz humana ou quaisquer outros ruídos. Agora, na época de televisão, porque quando apareceram no mercado brasileiro bem que tiveram sucesso, bem que provocaram admiração, sendo considerados o "nec plus ultra" da obra infernal do homem!

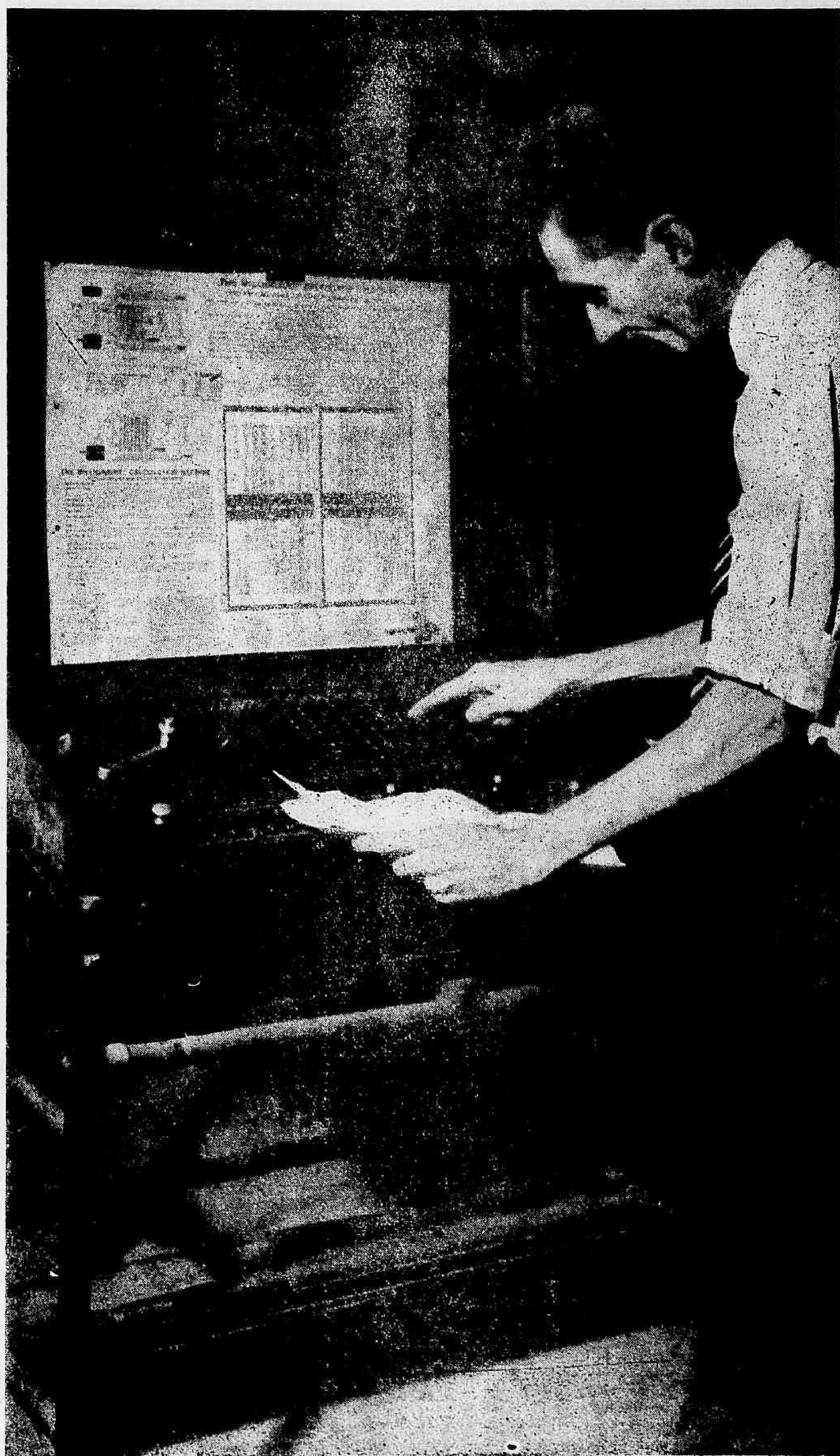
Devemos a fundação da tradicional casa comercial e a iniciativa da difusão das "máquinas falantes" por todo o território nacional, a um estrangeiro vira-mundo. Justamente por êsse fato, por haver percorrido não só a Europa como os Estados Unidos, conhecia êle os adiantamentos técnicos das nações mais civilizadas, percebendo logo a vantagem industrial e comercial de tais artigos para a praça brasileira, onde constituíam novidade absoluta. As notícias telegráficas, traziam até cá o nome de Tomás Alva Edison, o inventor de moda na república norte-americana. Os jornais, raros e atrasados, difundiam mais ou menos a idéia do que fôssem as tais "máquinas falantes". A maioria não acreditava, e naquela época dizia-se que era mais u'a maluquice dos "yankees". Até que surgiu um dêsses aparelhos, foi exposto em vitrines, em barracas nas feiras e nas exposições, fizeram-se conferências a respeito, o expositor foi recebido em audiência pelas principais autoridades do país, percorreu vários Estados e, enfim, o fonógrafo tornou-se uma realidade também para a provinciana vida de nossa república sul-americana.

Frederico Figner é o nome do personagem de que tratamos. Nasceu na madrugada de 2 de dezembro de 1866, na humilde casa da rua Teynska 37, em Milevsko, perto de Tabor, na Tchecoslováquia, que então se chamava Boêmia e era parte integrante do Império Austro-Húngaro. De origem israelita, pobre, tendo no sangue uma von-

(*Cont. na pág.* 46)



ENTRE AS POUCAS RELÍQUIAS que sobraram do incêndio de 1913, na Casa Edison, está a primeira calculadora «A Milionária», que data de 1908





O PONTO LUMINOSO

CORREU a pesada cortina de feltro verde. A sala ficou mergulhada em penumbra que me permitia, contudo, vêr-lhe o rosto e as formas delgadas.

Sentou-se na beira do divã e ordenou-me que descesse as pálpebras. Obedeci; mesmo assim, continuei enchergando-a, e, aos olhos da imaginação, pareceu-me mais bela, sem aquêle ar austero que a tornava um tanto masculinizada.

Fizera-se completo silêncio, mas eu ouvia, vindos não sei de onde, sons confusos, vozes indistintas...

— Pode falar.

Duas palavras maquinalmente pronunciadas, e pronto. Por que ela seria sempre assim? Não significariam nada aquêles meus olhares, aquêles apertos de mão, aquêles convites? Era preciso que eu falasse, que desse expansão aos pensamentos. Quis formular alguma coisa, confessar-lhe meu amor... Dizer-lhe, sem preâmbulos, que naquêle instante meu único desejo era apertá-la nos braços. Fora disso, as outras idéias surgiam-me tolas, caóticas, amorfas.

Conservei-me quiéto, deitado no divã macio. Ela estava ali, tão perto de mim!... No entanto...

Repetiu no mesmo tom:

— Pode falar. Não se constranja; diga tudo que lhe viér à mente.

Principiei a descrever cenas e gentes que se sucediam rápidas diante de mim. Já me acostumara àquelas experiências, era a quarta ou quinta vez que ia ao consultório.

Continuei a confissão: coisas ridículas, às vêzes, reminiscências, projectos, planos frustrados...

Ofélia ouvia-me, muda e imóvel, sondando-me o espírito com seus grandes olhos verdes.

★

Conheci-a por intermédio de Claudionor, colégá de repartição. Estavamos, numa fila de ônibus, quando passou um "Mercury" azul escuro. Meu amigo fez sinal. O carro estacionou a poucos passos, e uma cabeça de mulher apareceu, indagando:

— Carona, não é?

Claudionor puxou-me pelo braço; à minha fingida resistência, insistiu:

— Deixa de tolices; é uma velha conhecida...

Entramos. Feitas as apresentações o carro pôs-se em movimento. Meu amigo iniciou uma série de perguntas, referindo-se a fulano, a sicrano, recordando êsse ou aquêle fato. Sentado junto à janela, conservava-me quiéto, contente, por me ver livre da fila interminável e da chuva que principiava a cair. Pude e x a m i n a r mais atentamente a "chauffeuse". Alguns fios de cabelo que lhe fugiam da boina cinzenta, permitiram-me ver que era loura. Olhos verdes... Simpática, não bonita. Aliás, diga-se de passagem, essa foi minha primeira impressão, modificada mais tarde pela convivência e pelo amor.

Ela falava pouco, limitando-se a responder às perguntas que lhe eram feitas. Claudionor tagarelava, apontava um ou outro transeunte, rindo-se das próprias piadas. Súbito, com o habitual espalhafato, exclamou à maneira dos grandes sábios:

— Eureka! Nem de propósito!...

Interroguei-o com os olhos. Que teria descoberto? A explicação veio logo.

— Ofélia é doutora, rapaz. Trata de doenças da cabeça, imaginação... Quem sabe se ela destrincha o teu problema?

Empalideci. Tentei fazer-lhe sinal, pedindo que se calasse, mas era tarde. Êle já começara a narrar o caso que há alguns dias me atormentava.

Meu problema! Contando-o, parecerá ridículo, entretanto, eu não dormia desde que *êle* aparecera naquela noite de sábado.

Festejando o fim de semana, reunira-me a um grupo de amigos num café da Cinelândia e, contra meus hábitos, excedera-me nas bebidas. Deitei-me com o corpo cansado e a cabeça zonza. Dormi e sonhei (ou vi — não sei). Do infinito, como sol, vinha nascendo um ponto luminoso, pequenino, insignificante... Porém, à medida que se aproximava de mim, crescia, tomava proporções gigantescas, entrava-me pelos olhos, cegava-me... Acordei suando, assustado. Efeito do alcool, talvez. Tranquilizei-me a essa idéia. Tomei um comprimido qualquer, deitei-me de novo, sem que nada de anormal me alterasse o sono. Mas, no dia seguinte e nos subsequentes, mal começava a dormir, surgia-me de novo o mesmo ponto, brilhante, caminhando lentamente para mim.

A repetição ininterrupta do pesadêlo acabou por me deixar irritadiço e desatencioso, o que despertou a atenção dos companheiros, especialmente de Claudionor.

— Que há com você, Barcelos? perguntou-me ao cabo de alguns dias. Contei-lhe tudo. Como era de esperar, riu-se de mim.

— Tamanho marmanjo com mêdo de dormir!...

Era verdade; eu tinha mêdo de dormir. Tal como nas histórias do "homem que vira lobo"; ao descer a noite, fugia-me a tranquilidade. Deixava-me ficar acordado até altas horas e, muitas vêzes, as últimas estrêlas surpreendiam-me à janela, fumando, tentando espantar o cansaço que me abatia.

(*Continua na pág.* 47)

CONTO DE JOSÉ DE OLIVEIRA NUNES ★ ILUSTRAÇÃO DE A. QUEIRÓS

AS BALZAQUIANAS EM SAINT GERMAIN DES PRÉS

ACABO de receber uma carta entusiástica de uma amiga que me escreve de Paris. Parisiense, pois que ela ama Paris, muito feminina e sempre sensível às manifestações poéticas da cidade, sejam elas obra da natureza, isto é, devidas ao jôgo sutil que se trava entre as estações e a cidade que as respira, que delas se impregna e se inspira; quer sejam devidas ao espírito de iniciativa de seus habitantes, engenhosos e fantasistas, sempre de acôrdo com o quadro harmonioso que os envolve. Durante mais de quinze dias — escreve ela — todos os turistas, todos os «badauds», quer dizer, os infatigáveis curiosos sempre à cata de novidades, andaram, dia e noite, nas velhas ruas vetustas e tortuosas, cheias de história, de Saint Germain des Prés, o oásis à moda dos artistas e intelectuais. Isso, porque, tôdas as lojas, em honra do centenário de Balzac, fizeram vitrines inspiradas na vida e na obra do grande romancista, tudo muito audacioso, imprevisto e encantador. Um quarteirão inteiro, imaginem, que se pôs de acôrdo, durante quinze dias, rivalizando em gôsto e em astúcia, para criar um ambiente de boas-vindas aos manes de **papai Balzac.** Ali, um florista faz um caminho em acendente, com lírios e **bleuets,** junto a uma escadaria de pedra, onde rôlos de pergaminho apresentam citações do «Le Lys dans la Vallée» — e é o amor perto do céu. Mais adiante, na loja do antiquário, negligentemente atirados sôbre admiráveis móveis de acaju, o vestido em **faille** folha-morta, guarnecido de peles, o chapeuzinho com **aigrettes** e as longas luvas retilinas, esperando a **Duquesa de Langeais.** À vitrine do farmacêutico, no seu leito muito branco, o **Père Goriot** moribundo, aperta ao peito um grande frasco cuja etiquêta traz êste programa e êste título: «Elixir de longa vida» — parece esperar suas filhas. E assim é em cada vitrine, em cada loja, ao longo de todo o bulevar de Saint Germain e das ruas circunvizinhas. Se o vivo fantasma do gordo e grande homem se insinua por entre os passeantes, para gozar uma vez mais as efusões de simpatia dêste Paris que êle tanto amou — observa minha amiga — deve espantar-se um pouco, com as pequenas que por ali andam, decotadas como em uma praia, calçadas de sandálias como os seus companheiros, os cabelos cortados, muito sorridentes. E, mesmo quando são, para lhe agradar, **balzaqueanas,** já um pouco além dos trinta anos, não têm menos essa desenvoltura, franca, sadia, simples e fresca, envolvida em bom-humor, com a camaradagem que caracteriza ou devia caracterizar as mais moças.

A mulher aqui — continua minha amiga — com mais de trinta anos, aprecia e faz honra à vida e à juventude e, como em reflexo, deseja ser e se sente jovem. Assim, se torna jovem, com uma fôrça de realidade extraordinária, feita para confundir **papai Balzac.** De resto, — acrescenta minha amiga — com a primavera e com manifestações assim, as mulheres têm mesmo que rejuvenescer E é ao triunfo feminino, tanto como a Balzac, que se dirigem estas mensagens de evocação, de evasão e de sonho, misturadas a uma imaginação e a um poder de realização bem meio-século. Respondi à minha amiga com uma longa carta, falando-lhe de nossa balzaqueana, do estado de graça em que se considera, depois de ter inspirado a musa carnavalesca, de sua saúde corpórea e mental, de sua juventude — de tal forma que a mulher de trinta anos, perene recordação da heroína de Balzac, é por aqui, também, a rainha da festa.

LYSE

UM CHAPÉU PARA TÔDAS AS HORAS

LESLYE Banning, estrêla da Universal, nesta coleção de fotografias mostra-nos a maneira fácil de confeccionar um chapéu em feltro, podendo ser usado de diversas maneiras, conforme a "toilette".





1 Aqui Leslye mostra-nos o feltro cortado em forma de polígono. O pesponto em tom escuro marca a linha da costura.

2 Leslye cose as cinco pontas do feltro. Em quinze minutos pode-se fazer êste chapéu barato e prático.

3 Nesta fotografia o chapéu é usado com uma das pontas caída, próprio para trajes de tarde.

4 Desta vez é colocado ao inverso da anterior, com maior graça, caindo para trás, deixando a fronte livre.





5 Para roupas esporte, o chapéu deve ser usado caído para a frente, com duas das pontas formando aba.

6 Colocado à maneira de boina, e adornado com pequeno laço, o modêlo ganha um toque gracioso e juvenil.









SIMPLICIDADE

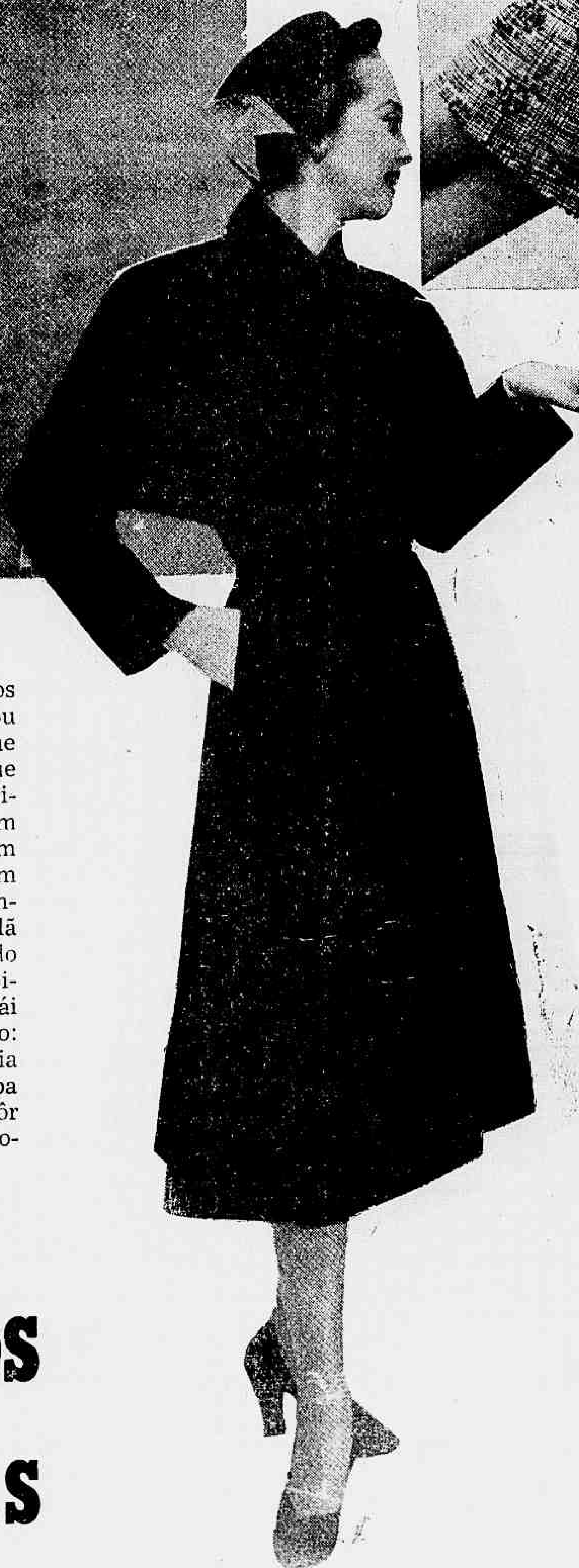


A elegância não está no exagêro das "toilettes", mas na simplicidade do conjunto. A mulher pode apresentar-se elegante, sem chamar atenção, escolhendo modelos simples, mas no rigor da moda. À direita: vestido em faile com grande gola, punhos em fazenda clara. Em baixo: vestido em lã marrom. Corpo abotoado e saia com pouco godê e bolsos laterais. Dois modelos em sêda estampada com saias franzidas e corpos inteiramente abotoados. Ao alto: modêlo em duas peças. Vestido sem mangas com decote amplo e bolero de mangas compridas com gola e punhos em branco.

Modelos Juvenis



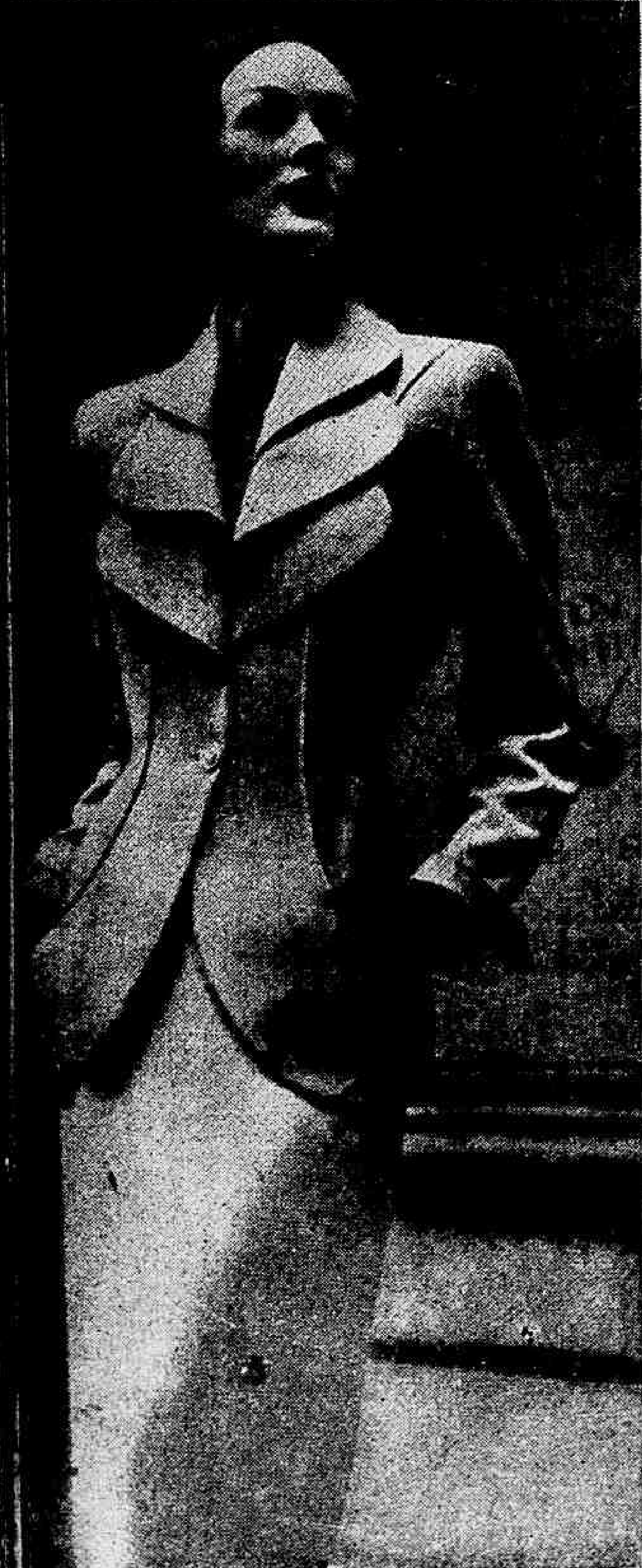


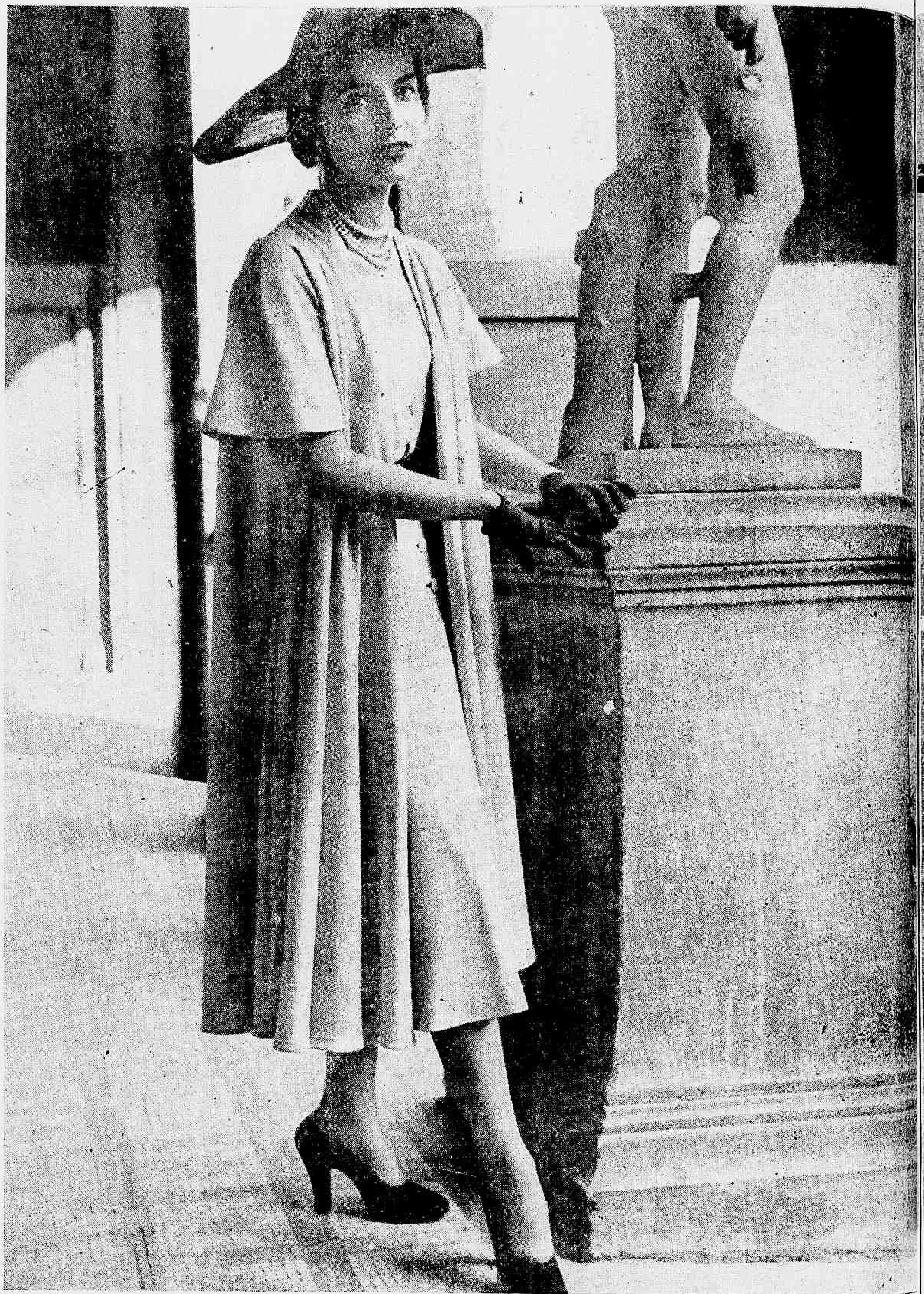




PARA as mocinhas, seja nos modelos de Inverno ou Verão, deve haver um toque de elegância e graça; é o que apresentam êstes modelinhos. Em cima: costume em lã "pied-poule", debruado em lã lisa. Mangas largas com punhos terminados em ponta. Ao centro: casaco em lã azul, gola redonda, abotoado com oito botões. Uma capinha da mesma fazenda cái sôbre os ombros. Ao alto: vestido estampado com saia godê e gola alta. Uma capa em fazenda de outra côr completa o conjunto, abotoando no corpo.







SILHUETAS ELEGANTES

A moda atual apresenta linhas quase retas, com vestidos justos e saias com bôcas afuniladas. Por certo esta linha realça a silhueta feminina, dando-lhe maior elegância. Em baixo: Maggy Rouff criou êste elegante modêlo, inteiramente adornado com pregas horizontais. Grande gola de organza, enfeitada com uma rosa. À esquerda: modêlo sóbrio de Alwynn Lamarre, em tafetá. Mangas compridas e saia transpassada, abotoando do lado. Vestido em sêda, idealizado por Robert Piguet. O modêlo é usado com uma ampla capa godê, da mesma fazenda. Ao alto: costume de casemira, casaco recortado, formando três golas superpostas.





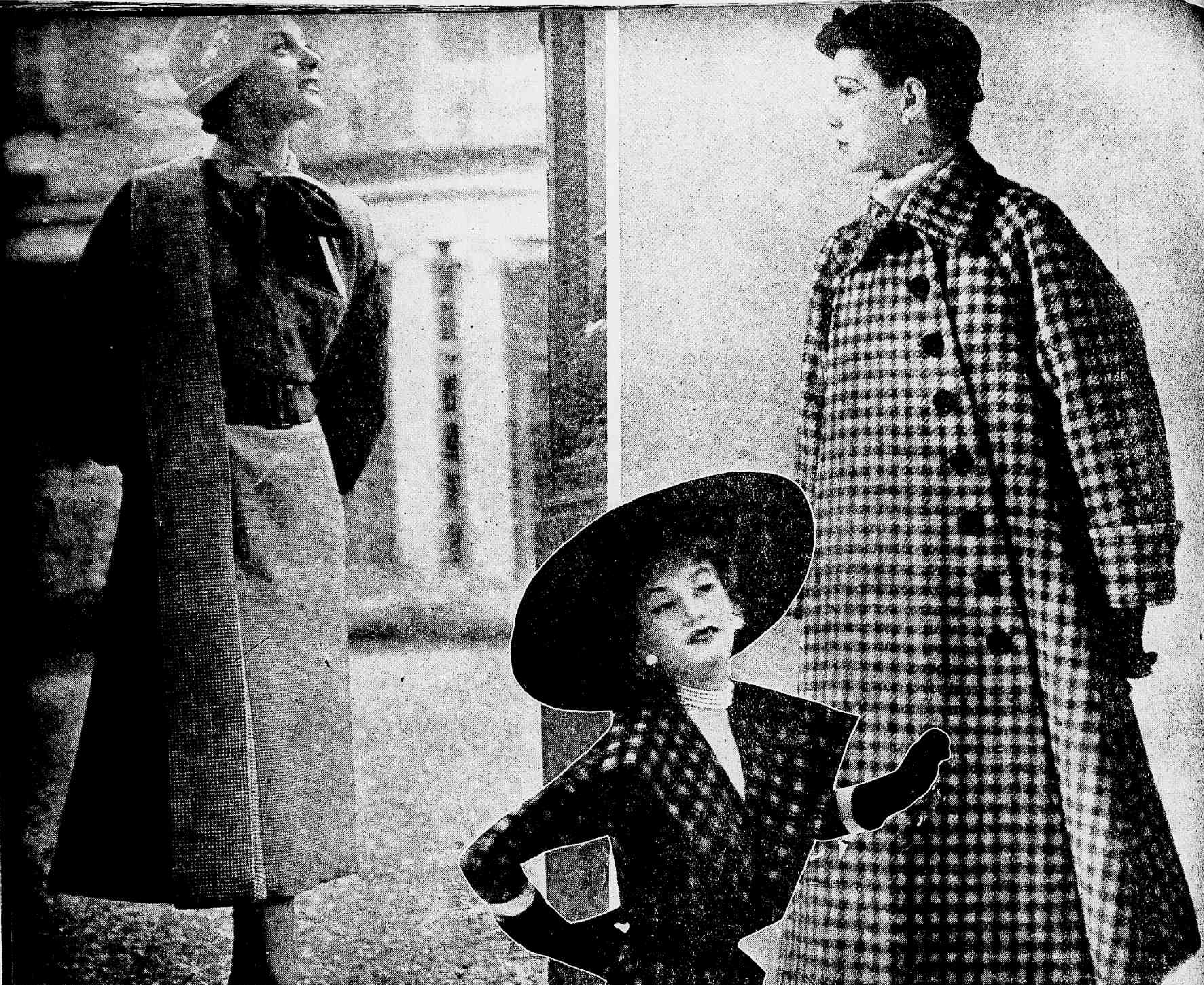






PARA os chapéus de feltro o adorno mais usado são as plumas e penas. Êstes modelos apresentam sugestões para diversas ocasiões. À direita: copa de feltro enterrada até às orelhas, adornada no alto com plumas. Em baixo: pequeno barrete enfeitado com grande véu e uma única pena. Modêlo usado cobrindo a orelha esquerda, no alto duas penas cruzadas e um pequeno apanhado de plumas. Ao alto, à esquerda: modêlo esporte, enfeitado com um pássaro no alto da aba e um apanhado de plumas.

PENAS E PLUMAS







Quadriculados

NA confecção dos trajes de inverno as fazendas quadriculadas tomam lugar de destaque, sendo empregadas em vestidos, cassacos, costumes, ou como adôrno. Varia muito êste padrão de tecido, desde o quadriculado grande ao minúsculo «pied-poule». Aqui estão alguns modelos confeccionados em fazendas quadriculadas. Em baixo: casaco sôlto, em «pied-poule», enfeitado com veludo. Saia justa em lã preta. Modêlo de Hermès. À direita: Balenciaga é o criador dêste casaco, abotoado enviezado. No centro: Paquim exibe êste modêlo em tafetá. Decote baixo e grande gola em ponta. Ao alto, à esquerda: vestido em «pied-poule», de Jean Dessès, casaco em lã preta, enfeitado com o mesmo tecido do vestido.

Estampados modernos



O padrão de tecido que é mais usado, por certo é o estampado, pois de acôrdo com a fazenda em que apareça, pode adaptar-se a qualquer estação. Agora, com os dias frios, aparecem em tecidos pesados. À esquerda: vestido simples, abotoado na frente, com gola e punhos em tom escuro. À direita: dois modelos elegantes, o primeiro com decote assimétrico e corpo franzido no ombro esquerdo. A saia possui uma parte enviezada e um pano franzido, subindo até à cintura. Arremata um laço de fazenda lisa. O segundo vestido é esporte, com saia godê, formando uma pala nas cadeiras. O corpo é liso, com grande gola. Em baixo: vestido de duas peças. O casaco é aberto até à cintura, na aba apresenta dois bolsos e tem punhos largos. Saia justa. A saia plissada é a única característica dêste modêlo para tarde.







QUATRO MODELOS



ELEGANTÍSSIMO TRAJE em tafetá branco. Cintura justa, decote amplo, corpo bordado



BASTANTE GRACIOSO é êste modêlo em musseline branca. Gola imitando um lenço

WEEK-END NA C



BOLAS DE CAMARÃO

Ensope sem tomates, 2 k de camarões e parta em pedacinhos. Passe o môlho pela peneira. Deve dar 2 xícaras. Adicione 1 xícara de leite e leve ao fogo, juntando farinha de trigo, até formar uma pasta que solte fàcilmente do fundo. Junte os camarões e 3 gemas, misture ainda no fogo e deite num prato e deixe esfriar. Faça bolas do tamanho de nozes, passe em ovos batidos, em pó de pão torrado e frite em banha quente, sem deixar escurecer. Deite dentro de caixinhas de papel frisado e arrume em 4 pratos.

PASTELÃO DE PEIXE

Massa para pastelão: Deite 1/2 quilo de farinha peneirada, e vá amassando com 1 ôvo, 1 colher de chá de sal, 1 colher de manteiga, 125 gr de banha e água morna que baste. Amasse bem, estique com as mãos e dobre 3 vêzes. Faça uma bola e deixe repousar, dentro de um pano úmido.

Ensope 1 peixe (ou aproveite restos de peixe assado). Côe o caldo e ligue ao fogo com 1 xícara de leite, 1 colher de farinha de trigo, 1/2 de manteiga e 2 gemas. Forre um prato com a metade da massa, deite dentro o peixe sem espinhas nem peles, cubra com o môlho, e se quiser, junte fatias de ovos duros e azeitonas. Cubra com a outra metade da massa, enfeite com tirinhas de massa enrolada e doure com 1 ôvo, desmanchando. Leve a assar no forno e sirva no próprio prato.

FATIAS DE PÃO COM PRESUNTO E QUEIJO

Cortam-se uns pãezinhos de leite em fatias, colocando-se sôbre cada uma delas uma fatia de presunto, uma de queijo, mais uma de presunto e, por fim, outra de pão. Amarram-se estas fatias com um fio de linha e frigem-se dos dois lados em manteiga, quente com fogo brando.

CIERNIKIS

100 gr de rigota, 200 gr de farinha, 1 colher de manteiga, 1 ôvo, um pouco de sal, pimenta, noz-moscada. Misturam-se muito bem todos os ingredientes, passando-se em seguida esta massa pela máquina de moer carne. Acrescentam-se-lhe 2 colheres de farinha, amassando-se. Põe-se em lugar frio, para descansar durante 1/2 hora. Em seguida estende-se e cortam-se rodelas com um copo rodelas essas que se colocam durante 15 a 20 minutos em água fervendo com sal. Tira-se da água deixando-se escorrer muito bem esta última e servem-se com manteiga derretida.

MÔLHO HOLANDÊS

Deitam-se 2 a 3 gemas em uma caçarola que se coloca em banho-maria, acrescentando-se-lhe 2 a 3 colheres de manteiga derretida, 3 colheres de caldo de carne ou água em que se aferventaram legumes, 1/2 colher de suco de limão, um pouco de sal e pimenta. Mexe-se tudo devagar até o môlho engrossar. Êste môlho pode ser servido com peixe ou legumes.

POLENTA COM RAGOUT

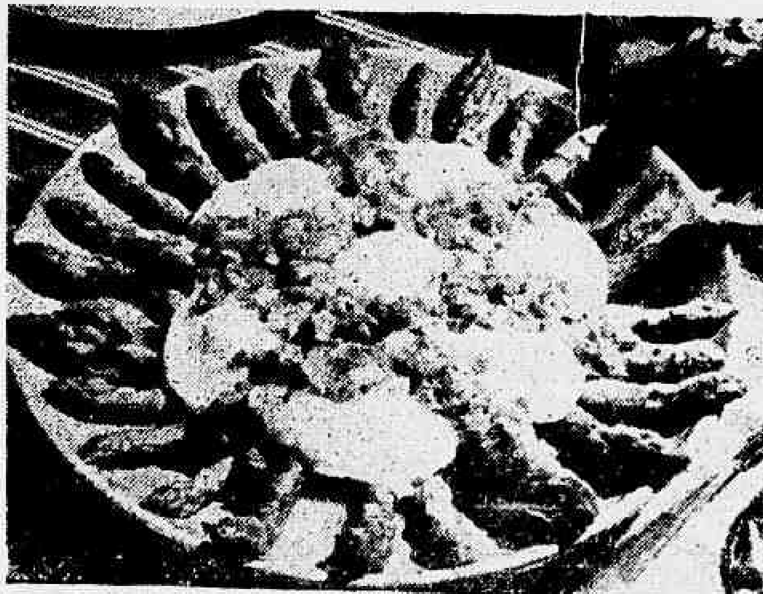
Prepara-se um picadinho da seguinte maneira: Pica-se um pedaço de carne de vaca ou se passa o mesmo na máquina de moer carne. Faz-se um refogado com cebolas, tomates, sal, pimenta do reino, pimenta malagueta e cheiro verde. Junta-se a carne. Tapa-se a panela deixando-se cozinhar lentamente com pouca água. Pouco antes de servir, acrescenta-se um pouco de água, engrossando-se o môlho com colher de farinha de trigo. Prepara-se a polenta que se despeja em uma fôrma com o formato de um anel. Vira-se esta fôrma sôbre um prato redondo colocando-se o ragout no centro.

CROMESQUIS DE FRANGO

Ensope 1 frango, limpe a carne de ossos e peles, passe na máquina. Faça um creme com 1 xícara de môlho do frango, 1/2 de leite, 1/2 colher de manteiga e 1 xícara de farinha de trigo, e sal. Quando despejar do fundo, junte logo a carne do frango e 2 gemas. Despeje sôbre 1 tábua polvilhada, enrole na grossura de 1 dedo e corte em pedaços de 5 cm. Passe pela massa de fritar, frite bem torradinhas em banha quente e deite a escorrer sôbre papel pardo.

MASSA DE FRITAR

Tome 125 gr de farinha de trigo peneirada, uma pitada de sal, 2 colheres de manteiga derretida ou 1 de azeite e 1 xícara mal cheia de água morna. Misture, sem trabalhar, e deixe repousar pelos menos 1 hora. No momento de empregar, junte 2 claras em neve.



TORTA DE QUEIJO

A massa: 400 gr de farinha, 300 de manteiga, sal e 1 colher de açúcar. Misture tudo e vá amassando com água morna até ficar lisa. Abra com a mão e torne a enrolar umas 3 vêzes. Estenda com o rôlo até 1 cm de espessura, e dobre em três. Continue esta operação ainda por três vêzes e só depois deixe repousar por 1 hora. Forre uma fôrma própria para torta, ou

NA COZINHA

um prato de ir ao forno com a massa.

O recheio: Desmanche aos poucos 1/2 litro de leite frio com 120 gr de farinha de trigo, 50 gr de queijo Parmezão e 50 gr de Gruyére ralados — pode fazer também com 100 gramas de queijo de Minas se juntar um pouco de sal. Leve tudo ao fogo brando para formar um creme, depois junte 2 gemas desmanchadas em 1 colher de leite, e despeje na fôrma forrada de massa. Leve ao forno para assar e ao retirar polvilhe com bastante açúcar e canela e sirva ainda morno. Pode juntar ao creme, fora do fogo, 1 colher de chá de Royal, espalhar por cima, antes de ir ao fogo, rodelinhas de banana, fica mais gostoso. Queijo de Reino também serve.

SOUFFLE DE CAFÉ

Leve a ferver 1 litro de leite com 1 pitada de sal e 250 gramas de açúcar, junte aos poucos 40 gr de fécula de batata, sem deixar encaroçar, 3 gemas, e leve a ferver.

Depois de frio adicione uma colher de café bem forte, as 3 claras em neve, misture tudo depressa e deite numa fôrma de porcelana, sem encher. Leve a assar no forno durante uma 1/2 hora. Alguns minutos antes de retirar do forno, polvilhe de açúcar e deixe terminar de assar. Sirva na própria fôrma.

BOLINHO DE AVEIA

300 gr de aveia, 1 1/4 de litro de água com sal, 1 colher de manteiga, 200 gr de pão, 1 cebola picada. Deita-se a aveia na água fervendo com sal, mexendo-se bem. Junta-se-lhe a manteiga e deixa-se cozinhar até formar um mingau grosso. Em seguida, juntam-se-lhe as cebolas picadas e refogadas em gordura, o pão amolecido na água e exprimido e os ovos batidos. Mistura-se tudo muito bem e deixa-se esfriar. Formam-se então bolinhos que se fritem em gordura quente.

SONHOS DE BERLIM

500 gr de farinha de trigo, 100 gr de manteiga, 80 gr de açúcar, 3 ovos, 30 gr de fermento de cerveja ou bolinhos de fermento, 1 xícara pequena de leite, marmelada ou compota de frutas. Com o fermento, o leite e um pouco de farinha, faz-se u'a massa que se deixa crescer. Misturam-se e amassam-se bem os outros ingredientes, juntam-se à massa do fermento, deixando-se crescer mais uma vez em lugar quente. Estende-se então na grossura de um dedo; cortam-se bolachas de 4 a 6 centímetros, põe-se no centro pedacinhos de marmelada ou compota, umedecem-se as beiradas, unem-se de duas em duas, apertam-se em volta e deixam-se crescer ainda uma vez. Fritam-se em gordura quente até formarem uma côr marron, cobrem-se com açúcar e canela ou com calda, á qual se adiciona um cálice pequeno de rum.

SALADA DE FRUTAS A ITALIANA

Tomam-se 4 qualidades de frutas em compotas que se misturam (200 gr de cada). Junta-se-lhes um cálice de Kirsch e um copo de Asti (vinho branco italiano). Serve-se em taças.

ERVILHAS OU VAGENS COM COM OVOS

Tire os fiapos de 1 k de ervilhas ou de vagens, com uma faquinha amolada, e se forem muito frescas corte as pontas e puxe os fiapos fora. Leve a cozinhar em água a ferver com sal e 1 colher de açúcar, depois escorra na peneira e deite numa frigideira funda com refogado coado ou com 2 colheres de manteiga. Faça doze pequenos poços e quebre em cada, um ôvo bem fresco. Tape com uma tampa grande de panela e deixe cozinhar em fogo brando, não deixando as gemas ficarem duras. Prontos, retire com a escumadeira cada ôvo prêso nas ervilhas ou nas vagens, sem derramar as gemas e arrume num prato-travessa. Sirva com arroz à parte.

ARROZ DOCE

200 gr de arroz, litro e meio de leite, uma pitada de sal, açúcar à vontade, manteiga. Cozinha-se o arroz com um pouco de água quente e uma pitada de sal. Quando secar esta água junta-se-lhe o leite, deixando que o arroz continue a ferver. Junta-se o açúcar e deixa-se cozinhar até ficar meio sêco o arroz. Junta-se então um pouco de manteiga e, logo depois, as gemas batidas. Arruma-se em um prato e pulveriza-se com açúcar e canela.

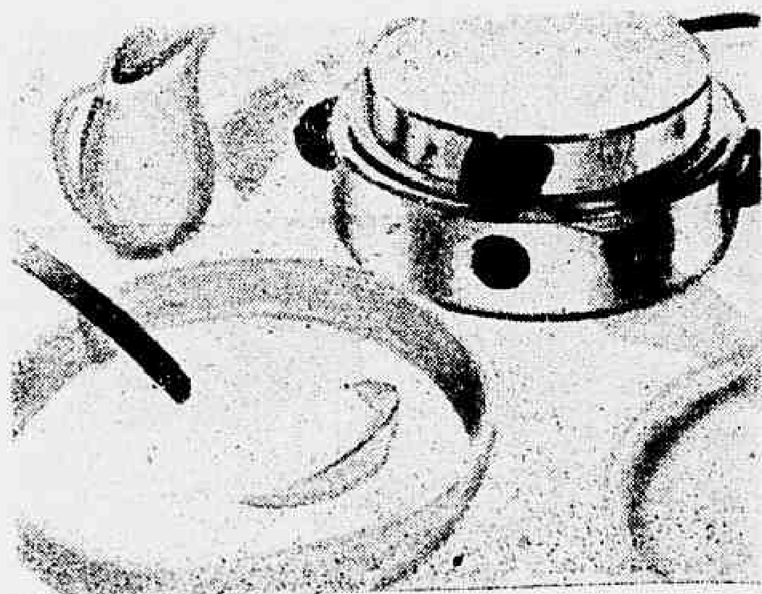
KNEDEL DE SALZBURG

1/2 k de lombo de porco, 12 batatas grandes, sal e farinha. Assa-se o lombo, descascam-se 12 batatas grandes, ralam-se, deixando-se por algum tempo em água fria. Corta-se a carne assada em quadradinhos que se misturam com as batatas espremidas e a farinha. Faz-se um knedel que se cozinha a fim de verificar se êle está bastante consistente. Por fim, junta-se sal e formam-se knedels de tamanho regular, que se cozinham em água e sal. Quando os knedels subirem à superfície, estão bons, o que se dá geralmente depois de meia hora.

BÔLO REAL

375 gr de manteiga, 8 ovos, 375 gr de açúcar, 200 gr de sultanas, 1 colher de sopa de cerejas bem picadinhas, 100 gr de amêndoas, 1 pitada de sal, 500 gr de farinha de trigo e 4 colherinhas de fermento em pó. Bate-se a manteiga e o açúcar até formar um creme espumoso, juntam-se as gemas, o sal e as amêndoas raladas às cerejas, e alternadamente as claras batidas e a farinha. Põe-se esta massa em fôrma comprida (como caixa) bem untada e leva-se ao forno durante meia hora.

Êsse bôlo deve ser servido 2 a 3 dias depois, porque só assim se pode apreciar o seu gôsto delicado.



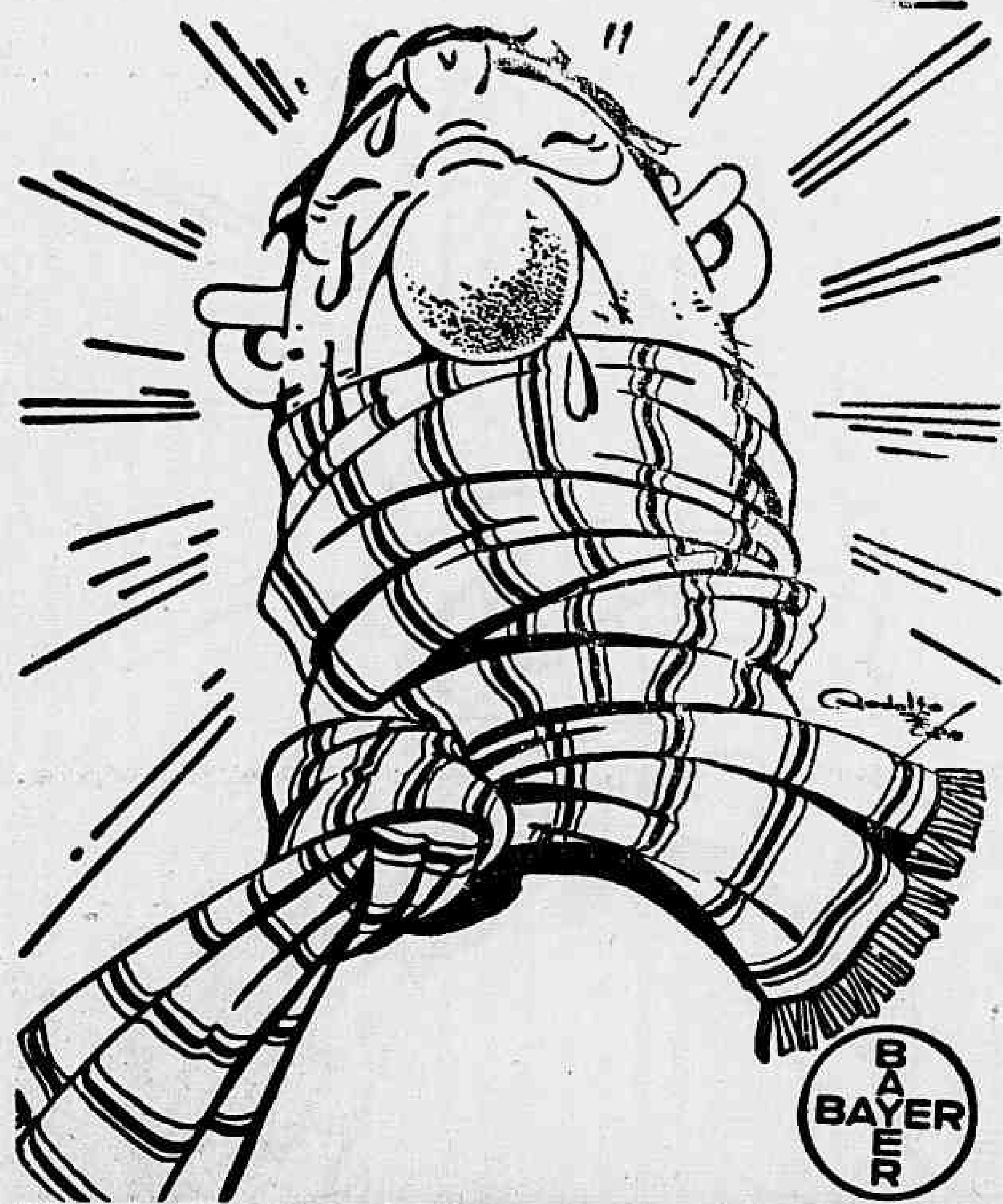
PARA "SOIRÉE"



EM CETIM ROSA pálido deverá ser executado êste modêlo; bordados sôbre [illegible]ua preta



SIMPLES PORÉM agradável, é êste modêlo em organza branca. Saia bordada em babados



Instantina
corta os RESFRIADOS

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.° 50 - Rio

LUZ QUE NÃO AMORTECE

(Conclusão do número anterior)

Vou fazer-lhe uma confissão que a ninguém jámais fiz. Porque a faço, não sei. Talvez porque eu seja realmente doido ou poeta. Vivo isolado, sòsinho. Sou muito feio. E "repugnante" como o senhor disse. E só amei uma vez; depois o meu coração morreu em vida, secou a felicidade, feneceu como as flôres murchas. E assim, resolvi alimentar, em pensamento, êsses restos de ventura dos outros.

Estou-me estendendo demais, senhor Eduardo, mas é que a humilhação que o senhor me deu na Polícia e o ódio que percebi em seu olhar, fizeram-me sofrer terrivelmente, pois o ódio é, para mim, a pior coisa que pode existir. Não o ódio momentaneo que é natural, mas o cultivado e fomentado pela maldade dos homens. Aquêle é até belo, quando varonil e rápido.

Sendo assim, estou tendo a fraqueza de justificar-me, de mostrar-lhe que não sou, talvez, o monstro de maldade que o senhor imagina. Que, talvez, palpitem em meu coração sentimentos que imaginar nunca pôde o senhor dentro de minha repugnante aparência externa.

Agora vou dar-lhe o segundo motivo porque arremato alianças: gosto de restituí-las aos seus verdadeiros donos. Anúncio nos jornais. Quando o pretendente aparece, o que é raro, eu lhe digo que as achei na rua e faço-lhe a entrega. O sorriso e a felicidade que se estampam em seu rosto, são as melhores recompensas que posso ter.

Infelizmente, com o senhor tudo saiu ao contrário. Peço-lhe perdoar-me os aborrecimentos que lhe dei e peço-lhe principalmente não me querer mal.

Sigo hoje para uma longa viagem e por isto faço-lhe êste registrado.

Boa sorte, senhor Eduardo. Subscrevo-me com simpatia.

O velho repugnante".

— Gostaste, Eduardo? Mas o que é isto, meu Deus do Céu?! Estás mais branco do que a parede!

— Não é nada não... não é... nada...

— Estás te sentindo mal, querido? Vou chamar o médico. Vem p'ro quarto, vem deitar um pouco...

— Não é nada não... já estou... melhor. Foi... foi a carta, Helena. Eu... eu quase matei êsse homem.

— Matou êsse homem?!

— Sim, quase matei êsse pobre coitado... êsse poeta...

— Será que eu estou ficando maluca, minha Nossa Senhora?! Que história é esta?

— Helena, eu não quiz contar-te nada. Foi uma embrulhada medonha... fui até assassino... em pensamento... havia um ódio danado em meu coração...

E Eduardo disse-lhe do furto e do drama que o dominou. Contou-lhe de sua perversidade, de sua sêde de vingança, de seu desejo de sangue.

Ela ouviu horrorizada, mas compreendeu logo, com sua intuição que não adormecia, que seu marido atravessava uma fase de esgotamento e se deixara dominar por uma idéia fixa.

E ela o consolava, dizia-lhe que êle quase não tivera culpa, pois estava apenas cansado, cansado... Se ela tivesse sabido — acrescentava — o mau desejo teria morrido logo.

— Mas como, Helena?

— Ah, meu bem, isto é comigo, eu compreendo o homem. Todos nós somos umas crianças grandes, apenas com a pureza perdida... Sofri muito — tu sabes — e aprendi a compreender e a perdoar também, pois sei que todos, *todos* sem exceção, têm uma chaga no peito... e às vêzes o sangue goteja, dolorosamente...

— O' querida... tu és tão boa, tão boa, que eu sinto vontade até de chorar... de chorar muito, de lavar meu coração com as lágrimas... dá-me um beijo, querida...

— Toma... mas isto é p'ra não ficares aí falando bobagem. Onde é que já se viu um bichão dêstes ficar chorando feito menino?

— O' Helena, por que não somos todos nós iguais a ti? Sabes até fazer a gente rir e chorar ao mesmo tempo... Talvez êsse poeta querido seja assim também. Mas e os outros? Por que? Por que, Helena?

Ela falou qualquer coisa que êle não ouviu. E a pergunta perdeu-se na claridade e limpidez do dia que se adiantava.

A MÁQUINA FALANTE

(Cont. da pág. 35)

tade aventureira, saiu da casa paterna aos treze anos para aprender ofício, e aos 16 deixou definitivamente a pátria e começou o seu roteiro por êsse mundo afora. Especialmente para os indivíduos de sua raça, em fins do século passado, a América constituia uma verdadeira terra de promissão. Atraído por essa sereia diferente, a bordo do "Elbe", como passageiro emigrante de terceira classe, atravessou o Atlântico, desembarcou nos Estados Unidos, em busca da estabilidade econômica que lhe permitisse, inclusive, prover ao sustento da família. Percorreu o país do norte do continente, passou para o México, para as repúblicas e ilhas da América central, Venezuela e veio, finalmente, ao Brasil. Foi em 1891 que pela primeira vez pisou terras brasileiras, lá no norte, em Belém do Pará, talvez em outubro daquele ano. Logo em seguida há notícias dêle, por haver exposto na feira que acompanhava a tradicional Festa de Nossa Senhora de Nazaré o primeiro fonógrafo aqui aparecido. Era de cilindro, nem podia ser de outro modo, pois os discos só apareceram no princípio dêste século. Como a emissão gravada fôsse quase imperceptível, era necessário o uso de tubos acústicos, semelhantes aos que se adotam nos estetoscópios, o que permitia a várias pessoas, no mesmo tempo, escutarem a gravação, mediante pagamento. Existe uma fotografia dessas audições. O aparelho dá a lembrança vaga de um polvo, devido aos vários tubos acústicos que as pessoas seguram para ouvir o que a máquina transmite. Figner, como dissemos, percorreu vários Estados brasileiros com êsse aparelho. Há prova disso no "O Farol" de Juiz de Fora, que, folheado, revela o seguinte: notícia minúscula pelo aniversário da República que Deodoro implantara no Rio; títulos destacados pelo nascimento do príncipe Don Manoel de Portugal; notícia destacada, com títulos berrantes sôbre uma enchente local, em que se podiam ver porcos, galinhas e outros bichos arrastados pela fôrça da correnteza; e, finalmente, o anúncio da "máquina falante" de Fred Figner, com a reprodução em desenho da fotografia descrita acima. Pode-se notar a predominância das informações locais sôbre as que provinham da Capital da República, mesmo que fôssem mais importantes. Devido à grande influência da colônia lusa, tudo o que chegasse da mãe-pátria era dado em primeira mão. Quanto à política, parece que naqueles tempos não tinha o cartaz que desfruta agora.

Devido a êsse sucesso do novo aparelho em tôdas as camadas do povo brasileiro, Figner resolveu fundar uma casa comercial especializada no ramo, dando-lhe o nome do inventor do fonógrafo: Edison. Foi em 1900. Completa, portanto, 50 anos de existência. Além de vender os aparelhos que importava, de tipos os mais variados, começou a gravar, aqui mesmo no Brasil, cilindros-matriz, que eram remetidos para o estrangeiro, especialmente Alemanha e Estados Unidos, para forjar os cilindros que, uma vez em nossa terra, eram postos à venda. Figuras proeminentes da política, das artes, da música, do teatro e da música popular tiveram suas vozes, suas composições, seus discursos ali registrados. E não eram apenas fonógrafos, havia mais aparelhos de barbear elétricos, cinemas, ventiladores, calculadoras e outras máquinas que até hoje constituem luxo para muita gente. Editado em 1902, existe um catálogo dessa casa, que deve conter gravuras e informações precisas sôbre o quanto era acessível a quem vivesse no princípio do século. Mas, pelo fato dêsse mesmo catálogo constituir objeto de transações comerciais, é considerado tabu pelos interessados, que se negaram a fazê-lo reproduzir ou ao menos folhear, para divulgação nesta revista como documentário ao que escrevemos. Fotografamos ape-

nas um aparelho calculador, que deve datar de 1908, quando a casa iniciou a representação de calculadoras, um fonógrafo de 1902, e os primeiros discos de duas faces, já produzidos no Brasil.

A Frederico Figner deve o Brasil um grande serviço. Pelas facilidades apresentadas pelos cilindros, antes, e pelos discos, depois, a música popular das várias regiões começou a ser conhecida fora dos territórios de sua influência. Iniciou-se o intercâmbio entre as composições nordestinas e as gaúchas, entre os sambas cariocas e as valsas montanhesas. O folclore indígena ganhou outro alento. Hoje está plenamente provado que é a voz dos povos que dêstes faz a maior propaganda. Homem de iniciativa e de tino comercial, aliava o progresso material e técnico de uma nação ao melhoramento da praça comercial. Espírito culto e bondoso, abstraiu-se, apesar de ser Israelita, das estreitezas de seu credo para tornar-se espírita convicto, norteando sua conduta na prática do bem. Quando percebeu que o aparecimento do rádio afetava seus negócios de discos, passou a importar apenas calculadoras, máquinas de escrever e congêneres. Teve várias filiais, mas, aos poucos, se desfez de tôdas para ficar apenas com a atual casa e o depósito. Das muitas gravações feitas e que agora constituiriam valioso patrimônio histórico, nada mais resta. O incêndio de 1913 destruiu tudo, sobrando as duas máquinas por nós fotografadas.

Será que particulares ainda conservarão alguns daqueles preciosos cilindros? Parece que em São Paulo existiam quatro. Seria interessante ter a certeza e contar com a colaboração de quantos venham a saber da existência de tão preciosas velharias. Não nos move intuito comercial, mas respeito pelo que de bom se produziu em tempos passados e vontade de divulgar ao público fatos e coisas que honram pessoas que trabalharam pelo bem de nosso país.

O PONTO LUMINOSO

(Cont. da pág. 36)

Naquela tarde chuvosa, dentro do automóvel, Ofélia mostrou-se interessada com a narrativa de Claudionor, e pediu-me para ir a seu consultório. Tentaria alguma coisa. Prometi-lhe que sim, embora não tivesse tal intenção. Aquela jovem, metida num "último modêlo", a falar em Freud, em complexos... Decididamente, não me sujeitaria a um ridículo papel de cobaia. Mas... Ela era tão simpática!...

À hora marcada, lá estava eu entrando no elevador.

— Quinto andar.

Quando o ascensorista fez abrir a porta, tomei uma atitude resoluta, antes que me arrependesse. Saí em passo firme para o longo corredor. Uma plaqueta dourada anunciava: "Dra. Sotto Rodrigues — psicanalista". Entrei.

Diante de Ofélia, fugiu-me tôda a coragem a tanto custo reunida, bem como as palavras e os gestos que estudara em casa. Foi ela quem acrescentou ao cumprimento:

— Fez bem ter vindo. Queira passar à outra sala.

Como estava diferente daquela "chauffeuse!" O avental branco, os cabelos, libertos da boina e repuxados para trás, emprestavam-lhe um ar de superioridade, de altivez.

Mandou-me sentar. Apanhou um bloco de sôbre a mesa. Iniciou o longo e monótono questionário. Fui respondendo. A determinadas perguntas, senti-me embaraçado; finalmente, ela era uma mulher, e uma mulher jovem e bonita.

Ofélia insistia, firme, inabalável. Em pouco tempo, acostumei-me àquelas intimidades "expressamente necessárias". Eu estava submetendo-me a um tratamento médico, a esperança de minha tranquilidade.

Voltei ao consultório repetidas vêzes, e, então, com dupla finalidade: consultar a doutora e admirar a mulher. Ofélia, sem que eu o percebesse, foi monopolizando-me os pensamentos, as atenções, o coração... Mas, por favôr, não me tomem por um sentimental desatinado, nem considerem êste simples relato pretexto para uma novela amorosa. Está claro que meu amor nada possuía de lírico. Amei-a por necessidade. Eu tinha trinta e cinco anos, sem família, sem carinho, sem tôdas essas coisas que o celibatário considera fúteis, supérfluas... Raposa que não consegue alcançar as uvas! Ofélia apareceu-me tão inopinadamente, que nem tive tempo de averiguar-lhe as qualidades morais. Amei-a, e pronto. Guardei comigo êsse amor, esperando alguma oportunidade que, por mais de uma vez, tentei provocar. Convites para encontros fora do consultório, um "night-club", uma comédia, uma tarde esportiva... Ela recusava sempre, alegando trabalho excessivo, compromissos inadiáveis, conferência de algum filósofo famoso... Vez por outra, anuía às minhas insistências e prometia encontrar-me nos lugares combinados. Nunca foi. Apresentava as desculpas habituais que eu era obrigado a aceitar de cara bonita.

Certo dia, no escritório, falando a Claudionor sôbre meu tratamento, êle saiu-se de repente com esta:

— Tu estás embeiçado pela Ofélia, rapaz. Vê-se logo!

Sem querer, fiquei vermelho e desorientado. Apenas murmurei:

— Que idéia!

Arrependi-me daquele papel de menino de quinze anos. Amor, casamento eram coisas tão naturais em minha idade! No entanto — não sei porque — esquivava-me de abordar o assunto e sentia-me perturbado se porventura falavam nele.

★

Havia precisamente um mês que, três vêzes por semana, dirigia-me ao prédio da rua Senador Dantas. O tratamento não surtira grande efeito. Embora as aparições noturnas fossem, agora, mais espaçadas, o ponto luminoso continuava atormentando-me. Tentei esquecê-lo, considerá-lo uma idiotice. À luz do sol, ria-me do mêdo pueril que me assaltava à noite, mas quando a noite descia...

Aquêle pesadelo, se bem que nada tivesse de tétrico, abalava-me os nervos, inspirava-me tal pavor que seria inútil qualquer tentativa de contrôle, de domínio. Ofélia continuava persistente em suas pesquisas. Garantira-me cura, e lutava para não cair no descrédito. Enquanto isso, continuei amando-a, à minha moda. Desisti dos convites, com receio de aborrecê-la. Dediquei-me de corpo e alma ao tratamento.

Ao término de quatro meses, ela entregou os pontos, como se costuma dizer.

— Desisto; nada mais poderemos fazer.

Percebi o quanto de amargura havia-lhe na voz e na expressão do olhar. Senti-me pesaroso também. O caso não resolvido, significava minha ruina. Sim, porque o maldito

DIABÉTICO!

"O QUE O DIABÉTICO DEVE SABER" é um volume de 120 páginas, ilustrado onde você encontrará, em linguagem accessível, tudo o que lhe interessa em relação à sua doença.

Prolongue a vida por meio dum bom contrôle do seu diabetes.

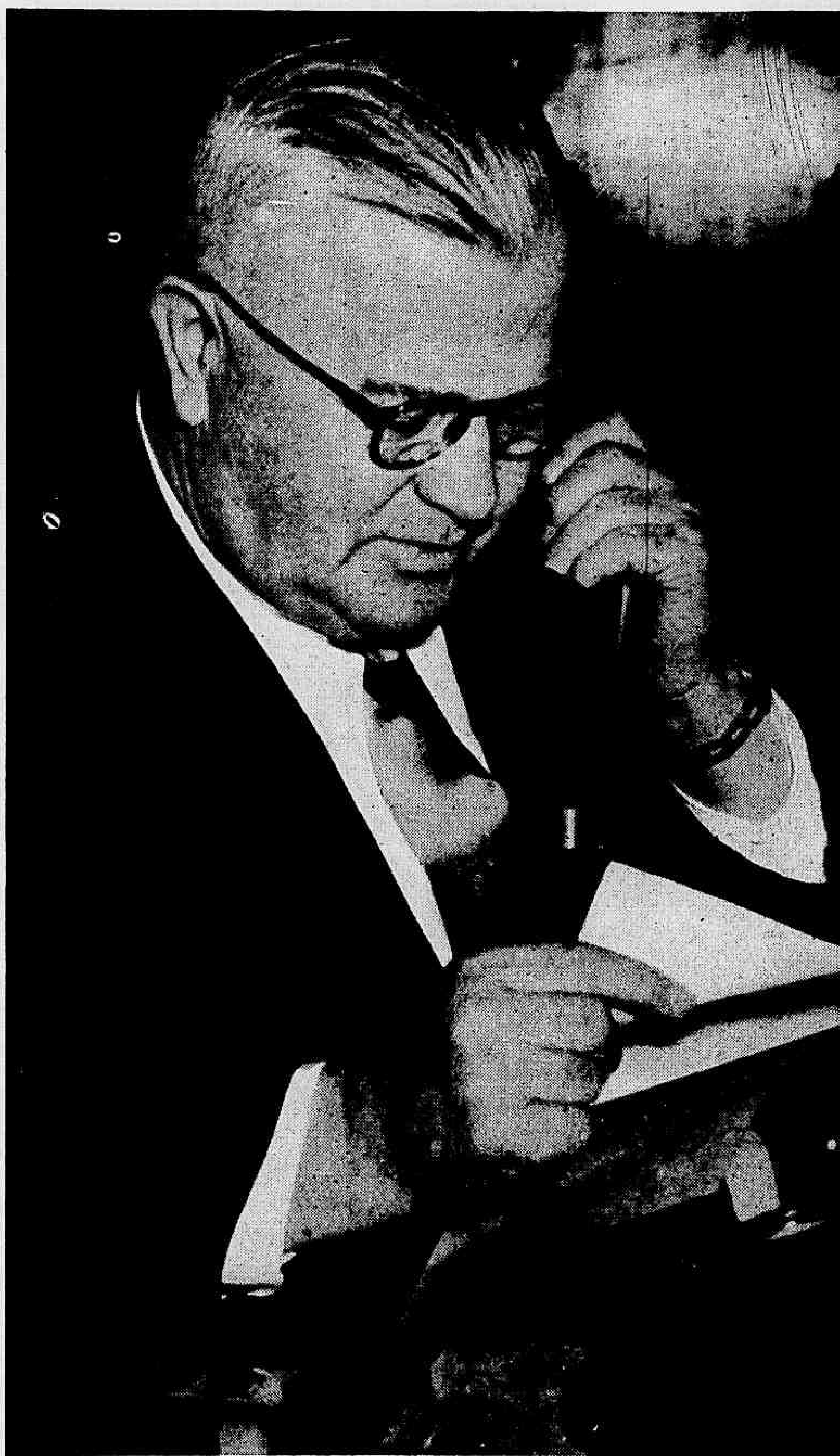
Pedidos pelo reembôlso postal para M. ARRUDA

RUA SÃO CLEMENTE, 329
Botafogo — Rio de Janeiro

Preço inclusive porte:
Cr$ 55,00

ELEIÇÃO DO PRINCIPAL DIRETOR EXECUTIVO DA LIGHT E CIAS. ASSOCIADAS, NO BRASIL

INTENSIFICAÇÃO DO PROGRAMA DE OBRAS APROVADO PELO GOVÊRNO

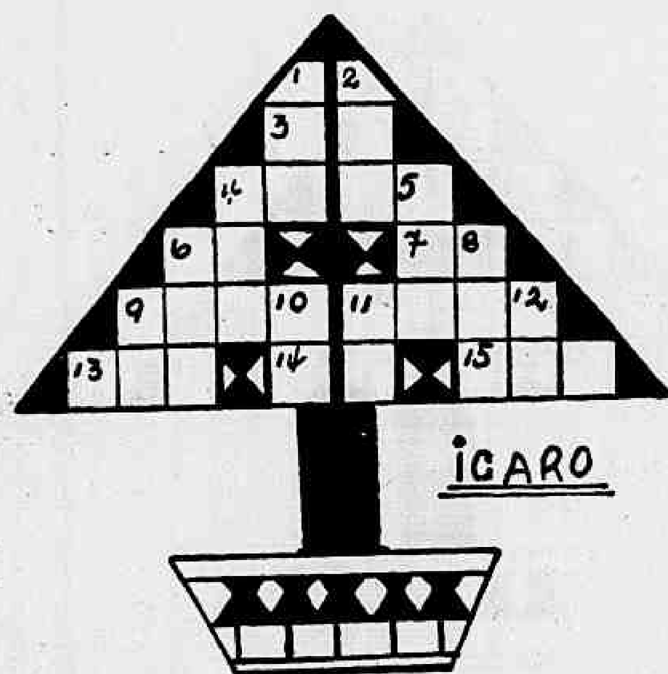


Realizou-se em Toronto a assembléia geral dos acionistas da Brazilian Traction, Light and Power Company, Ltd. Foi eleito diretor o sr. James MacKim Bell, na vaga aberta com a renúncia do diretor H. B. Style. O presidente Henry Borden comunicou que o programa que a emprêsa vem levando a efeito no Brasil continuará com intensidade. Informou que a unidade n. 8, na usina de Cubatão, já está em fase de experiência, assim como o conversor de freqüência de 50.000 KW da subestação de Aparecida, que fará a interligação dos sistemas do Rio e São Paulo. Anunciou mais que os melhoramentos introduzidos no projeto Piraí-Lajes e o aumento constante de compras de materiais no Brasil permitiram economias de divisas de dez milhões de dólares, autorizando assim um programa suplementar pelo Banco Internacional, de cêrca de igual quantia. Êsse programa suplementar incluiu a compra de uma usina geradora flutuante de 30.000 KW da Puerto Rico Walter Resources Authority, para aumentar a capacidade das companhias no Brasil. A referida usina foi construída pelo govêrno dos Estados Unidos, durante a última guerra, com o fim de suprir energia aos exércitos de invasão da Europa. Atualmente, está sendo preparada em dique sêco, em San Juan de Puerto Rico, para ser embarcada rumo ao Rio de Janeiro, onde entrará em serviço em setembro.

O programa também inclui a construção da usina subterrânea de Forçacava, junto à atual usina de Fontes. A nova usina terá, inicialmente, duas unidades de 35.000KW e uma unidade de 65.000 KW, com espaço para mais três de 65.000 KW.

Informou-se por último que o sr. J. M. Bell foi nomeado para principal diretor executivo de tôdas as Companhias Associadas em nosso País.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA Nº 12

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Ilha no rio Parnaíba — 3. 10ª letra do alfabeto grego — 4. Voz para acalentar — 6. Tratamento que se dá na China a certas pessoas — 7. Primeira pessoa da trindade confuciana — 9. Peixe dágua dôce — 13. Departamento da França — 14. 5º mês do ano maçônico — 15. Divisão administrativa da Dinamarca.

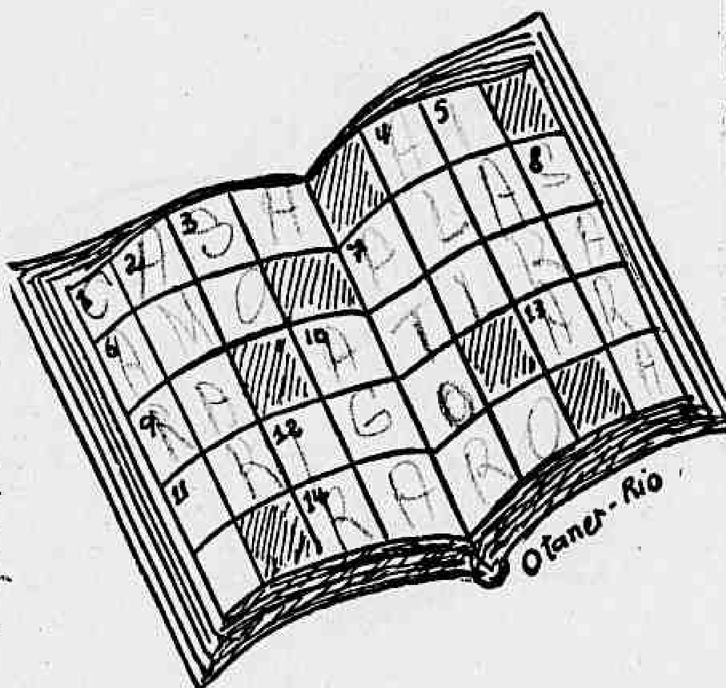
VERTICAIS — 1. Cidade da Bélgica — 2. Departamento e rio da França — 4. Tecido antigo do Languedoc — 5. Ansia, cuidado diligente — 6. Idolo adorado pelos árabes — 8. Ó mesmo que upa ou êta — 9. Prefixo que traz a idéia de companhia — 10. 2ª letra do alfabeto árabe — 11. Rio da Sibéria — 12 Prefixo que dá a idéia de posição em derredor.

PROBLEMA Nº 12

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Morada — 4. Grito de dor — 6. Senhor — 7. Fileiras — 9. Batráquio — 10. Arremessa — 11. Planta de cuja semente se extrai uma farinha — 13. Atmosfera — 14. Pouco comum.

VERTICAIS — 1. Missiva — 2. Gostar — 3. Isolado — 4. Naquele lugar — 5. Mulher fantástica, sereia dos rios e lagoas — 7. O que representa em teatros — 8. Cura — 10. Nome da 8ª letra do nosso alfabeto — 12. Seguir.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NUMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Cai — Ira — Ama — Tem — Campeão — Or — Lu — Age — Ático — Alô!

VERTICAIS: — Caco — Amar — Iom — Ité — Real — Amou — Púgil — Ata — Eco.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Favor — Amola — Cavar — Uso.

VERTICAIS: — Face — Ama — Vovôs — Olá! — Raro.

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.

ponto perseguir-me-ia pela vida a fora.

— Só nos resta uma esperança. Faça um esfôrço; esta noite, procure encarar o tal ponto e tente perceber o que êle representa. Faça isso... por mim.

Tive vontade de dizer tanta coisa!... Como sempre, nada disse de importante. Prometi-lhe que tentaria descobrir alguma coisa, *por ela*.

★

A noite desceu. Às onze horas, deitei-me. Não tinha sono. Resolvi ler. Abri um livro de poesia. Lamartine. "Dans le clocher de mon village..." Apaguei o quebra-luz. O luar entrava pela janela. Alguém passou cantando pela rua. "Eu sei que outra no meu lar não vai viver bem..." Apertei os olhos. Bem apertados.

★

Amplidão azul. Ao longe, vem nascendo o sol. Girando, girando, crescendo, crescendo...

"Por mim... Por mim... Por mim..." Crescendo... Crescendo...

"Por mim. Tente perceber. Por mim".

Escancarei os olhos. Olhei firme. O que vi dentro da auréola resplandescente encheu-me de surprêsa e admiração.

★

— Quinto andar. Bem depressa, velho.

O ascensorista olhou-me admirado. Talvez, me julgasse com um parafuso a menos. Pouco me importei. Eu estava aflito por falar a Ofélia, contar-lhe tudo e agradecer-lhe a cura. Parecia impossível! Livre daquele pesadêlo! Tive vontade de gritar. Não o fiz. Isso aumentaria as suspeitas do ascensorista.

★

— Sente-se, Barcelos.

Era a primeira vez que excluía o antipático *senhor*. Sentei-me e dei início à narrativa.

"... o que vi dentro do ponto luminoso fez-me retroceder à infância. Tinha, então, quatro para cinco anos. Morava na fazenda de um tio, em Santa Catarina. Certo dia — lembro-me, agora, perfeitamente — brincava no terreiro com outras crianças, quando, vindo do capinzal, divisei qualquer coisa brilhante que me deixou mudo de pavor. Uma carantonha esverdeada, fosforescente, caminhava para mim. Fiquei de tal maneira amedrontado, que caí doente, com febre. Mesmo depois de saber que o "fantasma" era uma abóbora oca iluminada por uma vela, ingênua brincadeira de um primo, nunca mais a noite surpreendeu-me no terreiro.

Passou-se o tempo. Fiz-me homem e, como é natural, esqueci os acontecimentos da meninice. Mas quando, atendendo seu pedido, encarei o ponto luminoso, vi dentro dele a mesma caveira de abóbora que, anos atrás, tanto me impressionara. Perdi o mêdo. Estou curado".

Ofélia sentia-se tão feliz quanto eu. Falou-me de subconsciente, de psiquismo, e tantas outras coisas incompreensíveis para mim.

Olhei-a emocionado. Como era bonita, assim, sorridente, à luz da tarde envolvendo-a com doçura! Meu amor renasceu ainda mais ardente.

Quando nos despedimos, não me pude dominar. Apertei-lhe a mão com firmeza e murmurei, numa súbita decisão:

— Querida!...

Pela primeira vez, vi-a baixar os olhos e corar. Nada me disse, mas aquêle silêncio valeu-me por uma confissão. Não fugindo à regra, senti-me o homem mais feliz do mundo. Ela também me amava!

NA SALA DE CORTE E...

(Cont. da pág. 33)

rua soltar pipa. Nela, as mãos hábeis da instrumentadora, arrumavam os ferros que seriam utilizados dentro em pouco. Na doente, à direita de quem entra na sala, já se fazem os preparativos constantes de anestesia — injetada — e aparêlho de oxigênio. Enquanto aguardam a chegada do cirurgião, os auxiliares iniciaram a intervenção fazendo as secções iniciais. Um corte horizontal e logo após outro no sentido de extensão do corpo. Chega o Prof. Monteiro e intensificam-se os trabalhos. São olhares trocados à pressa, sinais convencionais de dedos — do médio e indicador que se unem e separam-se nervosamente e uma tesoura aparece na mão do operador rápida numa batida forte na palma para que sinta o objéto. Ora são o polegar e indicador que se tocam nas falanges: é uma pinça requerida ou um bisturí pedido, ou um outro sinal e outro objéto. A instrumentadora, nervosa, estala os dedos chamando uma enfermeira — as palavras dificilmente se usam e quando proferidas vêem sussurradas — é a gase que se faz necessária. Os ferros vão e voltam, são limpos e recolocados no lugar. Cuido que os cirurgiões fazem no currículo de matérias dos seis anos médicos um corso de Corte e Costura. Tanta tesoura, agulha e linha e com tamanha mestria são empregadas que só assim. E, nêsse clima, decorreram uma hora e poucos minutos. Os cortes, os deslocamentos de órgãos, o reluzir de ferros, as costuras, os olhares — ora calmos e satisfeitos, ora nervosos e brilhantes — seguiram-se num trabalho bem concatenado, de treino, de compreensão, de competencia. Os "flashs" sucediam-se e, por vêzes o fotógrafo arriou a cabeça por entre as pernas para sopitar a vertigem.

Encerrada a operação saímos seguidos do Dr. Josias. Voltamos a nossa condição civil e despedimo-nos agradecidos.

— Espero que você se sáia bem — dizia êle — creio mesmo que vai fazer uma boa reportagem...

— São assim, como se vê, bondosíssimos êsses médicos.

— Obrigado doutor...

"Êle" depende da Sra...

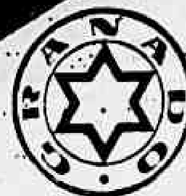


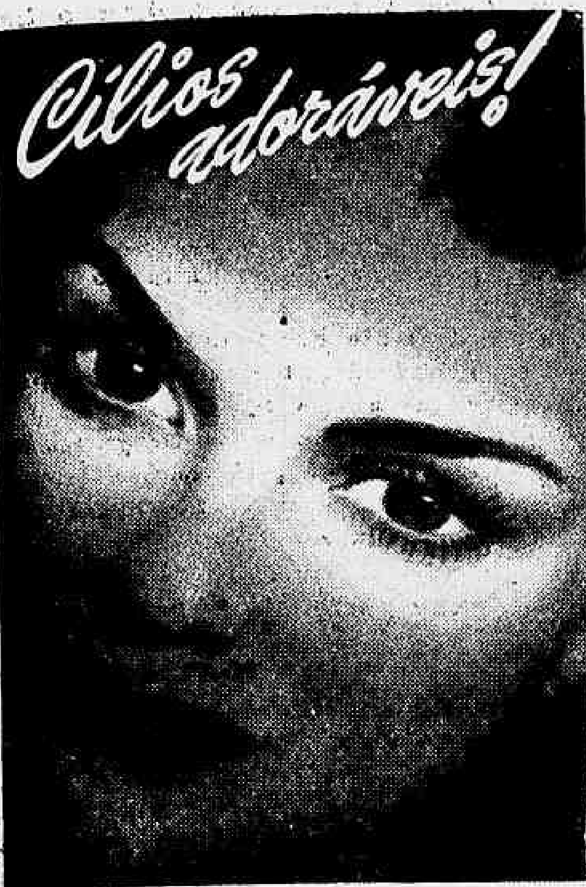
e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes





Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

TERREMOTO!!!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr.	Extratos 50 gr.	Loções 1/4
	Cr$	Cr$	Cr$
Crepe A. Super	12.00	22.00	30.00
Madeira A. Sup.	12.00	22.00	30.00
Rosa Nat., Sup.	13.00	22.00	30.00
Jasmim Super .	10.00	22.00	30.00
Violeta B. Sup.	13.00	22.00	30.00
Q. Fleurs. Sup.	15.00	25.00	35.00
Fl. Amor. Sup.	15.00	25.00	35.00
Mitzko. Super ..	18.00	25.00	35.00
Arp. S. Super ..	20.00	35.00	40.00
Tabac B. Super	21.00	35.00	40.00
Tabul. Super ..	25.00	35.00	40.00
Chan. 5. Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N. Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R. Super	25.00	35.00	40.00
Narcise N. Sup.	25.00	35.00	40.00
Pretx, Super ..	35.00	45.00	55.00
Rumores. Super	35.00	45.00	55.00
Escândalo. Sup.	35.00	45.00	55.00
Tabul GR. Sup.	35.00		
Flor. Maçã. LF	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF .	50.00	70.00	70.00
Biarritz LF ...	50.00	70.00	70.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	70.00
Arabesque LF .	60.00	80.00	80.00
Heno del Campo LF	60.00	80.00	80.00
Casino LF	60.00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF	85.00	105.00	105.00
La Rose Rougeatre LF ..	85.00	105.00	105.00
Despesas Reembôlso	6.00	6.00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100.00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A feira das essências

Av. Marechal Floriano, 67

Sobrado

RIO DE JANEIRO

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre. com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

MÚSICA

O NEGRO E A ARTE

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

É preciso explicar por que cantoras como **Carol Brice** e **Marian Anderson** ou bailarinas, como **Katherine Dunhan**, fornecem a demonstração irrefutável de que o preconceito de côr carece de base científica. Ciência é experiência, e observação metódica da realidade. Em ciência, a exceção não confirma a regra: derroga a lei. Ou esta consegue traduzir, em sua formulação, as relações constantes entre os fenômenos ou é falsa e está condenada irremediàvelmente. A tese dos escravagistas de todos os tempos é a da inferioridade das raças ou classes submetidas a seu jugo. Não têm os dominados capacidade para fruição das delícias destinadas aos espíritos superiores — argumentam os «donos da sociedade». E o interêsse fundamental — manter a submissão — procura pacificar as inquietações da consciência com as fábulas da pseudo-ciência. Mas a verdade traída vinga-se, constantemente, revelando a verdadeira face do preconceito. Assim, diante das glórias mais puras do pensamento e da arte negros, surge, despida de seus falsos fundamentos científicos, a nudez da opressão e do martírio.

AS BARREIRAS DA CÔR

A área reservada ao requinte, a culminância do belo é invadida pelo negro. Os segredos sutis do estilo, a cultura servindo sensibilidade, nada falta na maravilhosa constelação de talentos que atesta a aptidão do negro para as transcendências da arte. Como já tivemos oportunidade de observar, a propósito de **Carol Brice**, o calor da interpretação funde o gêlo dos preconceitos e associa as origens étnicas [illegible] s, num só instante de beleza. A verdadeira arte é intrinsecamente democrática. Uma das formas dissimuladas e, até não raro, inconscientes do preconceito de côr, no plano musical, é a restrição no reconhecimento da categoria superior do artista negro à exteriorização da música típica de sua raça, como se a linguagem musical dos compositores fôsse tão distinta quanto a sua pigmentação. Ora, as emoções que transparecem nas grandes realizações do espírito são fundamentalmente humanas e não simplesmente étnicas. As fronteiras se abrem à confraternização, desmentindo as imposições geográficas. Assim como ouvimos **Jennie Tourel**, canadense, dar uma amostra da alma brasileira de **Villa Lobos**, captar o melindroso sentido francês de **Fauré** ou de **Debussy**, integrar-se na atmosfera lírica do lied alemão e explodir nas rápidas alegrias e profundas tristezas da canção russa, da mesma forma ouvimos **Carol Price** ou **Marian Anderson** que vencem as barreiras da raça traduzindo com propriedade, mensagens musicais das mais diversas procedências.

ORDEM E PROGRESSO

Não esqueceremos nunca a impressão de encantamento proporcionado pela pequenina **Nea** — da União das Operárias de Jesus, uma bonequinha de pixe cheia de vivacidade e graça, quando apareceu no palco do Teatro Municipal, vestindo o trajo branco de bailarina clássica. Nessa batalha sem violência contra o preconceito, a verdade brilha nas realizações individuais que vão empilhando, aos olhos dos [illegible] apaixonados no ardor dos preconceitos, as provas definitivas de seu êrro. Cada lied que ouvimos na voz da **Marian Anderson** ou de **Carol Price**, cada dança de **Katherine Dunhan** — para falar sòmente nos grandes artistas americanos que nos visitam atualmente — cada marco de sentido cultural é um golpe no foco das idéias retrógradas e um passo em direção à futura confraternização das raças na comunhão da arte.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua Carioca [illegible] Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35.00



NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 POR QUE MOTIVO SE DÁ O NOME DE BOTANICA AO REINO VEGETAL:
— Por originar-se de botão?
— Por vir do grego botané?
— Por ter origem em Botnia?

2 QUAL O INSETO QUE TEM O NOME CIENTIFICO DE "ATTA SIXDENS":
— A formiga saúva?
— A môsca motuca?
— A cigarra?

3 QUAL DESTAS CIDADES FOI DOTADA, EM PRIMEIRO LUGAR, DE ESTAÇÃO RADIOTELEGRÁFICA:
— O Rio de Janeiro?
— A capital da Bahia?
— A cidade de Olinda?

4 QUANTOS MUNICIPIOS HÁ NO BRASIL:
— 3 108?
— 2.650?
— 1.896?

5 DE QUE PINTOR BRASILEIRO E' O BELO QUADRO "A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL":
— Antônio Parreiras?
— Vitor Meireles?
— Horácio Hora?

6 DE QUE ILHA E' CAPITAL A CIDADE DE TANANARIVE:
— Ilha da Madeira?
— Ilha Tenerife?
— Madagascar?

7 QUAL O PRIMEIRO NOME DO POVOADO QUE ORIGINOU OURO-PRÊTO:
— Vila Rica?
— Ribeirão do Carmo?
— Arraial das Minas Gerais de Ouro-Prêto?

8 QUAL A CAPITAL DE ESTADO DO BRASIL ATRAVESSADA PELO TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO:
— São Paulo?
— Curitiba?
— Florianópolis?

9 POR QUE SE CHAMA A VACINA ANTITUBERCULOSA, DE B.C.G.:
— Pela existência das vitaminas B, C e G?
— Por significar Bacilo de Calmete e Guerin?
— Ou por ser um símbolo algébrico?

10 QUAIS SÃO AS LETRAS DE SOCORRO NO ALFABETO MORSE:
— D.D.T.?
— O.K.?
— S.O.S.?

11 EM QUE PAIS EUROPEU FICA O CHAMADO PAIS DE GALES:
— Na França?
— Inglaterra?
— Irlanda?

12 QUAL A SANTA DA IGREJA CATÓLICA COGNOMINADA *VIRGEM SERÁFICA*:
— Santa Teresinha?
— Santa Teresa?
— Santa Genoveva?

13 DEIXANDO-SE CAIR UMA PEDRA NO ESPAÇO, QUAL SERÁ SUA VELOCIDADE NO PRIMEIRO SEGUNDO:
— 10 metros?
— 16 pés?
— 5 polegadas?

14 QUAL O ELEMENTO DA NATUREZA QUE POSSUI O ATOMO MAIS SIMPLES:
— A água?
— O hidrogênio?
— O ouro?

15 E QUAL O ELEMENTO QUE CONTÉM O MAIS COMPLETO ATOMO:
— O tório?
— O urânio?
— A platina?

16 QUAL O MEIO DE TRANSMISSÃO DA PERIGOSA MOLÉSTIA CHISTOSOMOSE:
— O contágio corporal?
— O mosquito?
— O verme schistosoma mansoni?

17 EM QUE PARTE DO CORPO HUMANO FICA A TROMPA DE EUSTAQUIO:
— No coração?
— No ouvido?
— No aparelho digestivo?

18 QUE TEMPO GASTA A LUZ DO SOL PARA CHEGAR À TERRA:
— Meia hora?
— Cêrca de oito minutos?
— Dez segundos?

19 QUAL A SUBSTANCIA MAIS LEVE DA NATUREZA, DEPOIS DO HIDROGÊNIO:
— O azôto?
— O hélio?
— O oxigênio?

20 QUAL O ASTRONOMO QUE VIU, PELA PRIMEIRA VEZ EM LUNETA TELESCÓPICA, AS MANCHAS DO SOL:
— Copérnico?
— Ptolomeu?
— Galileu?

(*Respostas na página 58*)

O Jôgo
da criança
não é o mesmo
do adulto...



- e também
o **fortificante!**

Para as crianças do Brasil



só o

Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantis exigem um tônico completo em sua fórmula, com ingredientes cientificamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno.

TÔNICO INFANTIL



J. ARTHUR RANK apresenta Laurence OLIVIER
em "HENRIQUE V"
("HENRY V") em TECNICOLOR
BREVE NOS CINEMAS DE LUIZ SEVERIANO RIBEIRO

"OS FILHOS DE EDUARDO"

(Cont. da pág. 19)

tamento de Saint-Cloud, nos arredores de Paris. No *living* **da** bela residência, dominando a peça, está o retrato de Eduardo, senhor muito simpático, falecido espôso de Denise, cuja memória é aparentemente venerada por todos, inclusive por Mollinot, velho amigo e confidente da conferencista, e por Joana, antiga criada, cujo tempo de serviço na casa dá-lhe autoridade para criticar e até repreender a todos. Um belo dia, Valter comunica a sua mãe uma grande notícia: a decisão de casar-se com Helena, filha da sra. Douchemin, proprietária das famosas "Sardinhas Douchemin", e uma ferocíssima burguesa, tida como a mais rígida e convencional moralista da cidade. Denise cai das nuvens, mas, como nunca se opõe à vontade dos filhos, consente na união, embora achando que o casamento seja desnecessário, pois os namorados são felizes sem êle...

Ainda mal refeita da surprêsa, outra mais abaladora vem sacudir a placidez do lar; Marina conta-lhe, entre sorrisos, que também quer casar com... Imagine-se! Com **Robert Douchemin, irmão de Helena.** — "Será uma epidemia de Douchemins na família Darvet-Stuart..." — grita Denise vencida.

Nem bem termina a frase e já se acha na sala, empurrada por Marina, o encabuladíssimo rapaz, pronto para a indispensável apresentação...

A sós com Mollinot, pede-lhe Denise conselho para o angustiante problema que se lhe depara. Ela terá que confessar aos meninos tôda a verdade: êles não tiveram pai, ou melhor, tiveram três pais! — "E o Eduardo?" — perguntam todos. — "Eduardo, meus filhos, é uma pechincha, comprada num antiquário por 980 francos!" — Aquela mãe tem tal poder de persuasão e os filhos são tão avançadamente educados que todos aceitam a confissão incrível de Denise, voltando a alegria que por momentos fôra empanada pela apreensão de tão estranha história. Restam agora os Douchemin. Como Denise poderá dizer à tremenda viúva, futura sogra de Valter e Marina, o caso de seus filhos que tiveram pais... acidentais? Ela, porém, inteligência acima da média, como se julga, tem uma idéia. E às idéias na cabeça de Denise são imediatamente postas em prática, por mais absurdas.

Oito dias depois, chegam, a chamado telegráfico de Denise, os três pais. Cada qual é pôsto a par da situação e as reações dos três valem por momentos muito divertidos.

A história segue nesse diapasão até quando, a presença da viúva Douchemin, inesperadamente resolve o problema. Ela também viveu aventuras iguais...

Denise, os pais, os filhos, Molinot e Joana, gritam de contentes. E o imaginário "Eduardo", lá do seu retrato, novamente na parede, contempla a cena: Êle agora será o pai de tôda aquela gente doida...

O FILHO DE INGRID BERGMAN

(Cont. da pág. 27)

isso é muito mais que uma viagem de núpcias. Pela primeira vez poderá estar perto do marido o dia todo. Em Stromboli a situação entre os dois era delicada e ainda havia o trabalho do filme. Em Roma, o trabalho de Rossellini tornou-se exaustivo. Todos os dias acordava cedo para ir a uns 120 quilômetros da cidade, filmar "São Francisco". Voltando, ficava até à noite no estúdio para "montar" as partes giradas ao ar livre.

Desde que Rossellini tem Ingrid a seu lado, é um outro homem. Após tantas tristezas, após tanto correr atrás de um ideal, êle quer viver para o seu trabalho, para sua mulher, para o menino. Parece que enfim achou o escôpo de sua vida. E' por isso que se deixa absorver quase completamente pelas suas ocupações. E' por isso que está aparecendo nos filmes com uma nova modalidade artística. Nota-se que quer fugir da frieza do documentário para transportar-se a um plano mais lírico. Nesta viagem, Ingrid aproveitará a ocasião para se encontrar com a outra filha, Pia, que a justiça estabeleceu fique durante os meses de aulas com o pai e durante as férias de verão com a mãe. Além dessas condições, Ingrid aceitou também ceder uns milhões de seus lucros e mais uma parte nos futuros negócios. Mas para ela haverá negócios futuros? Voltará para o cinema? Vontade não tem muita. Aos trinta e quatro anos descobriu o que significa ser uma espôsa amada e está satisfeitíssima. Aos que lhe perguntam, responde que gostaria de nunca mais ser Ingrid Bergman. Seu desejo agora é ser uma senhora italiana, indiferente aos fotógrafos, cuidar da casa e dos filhos. Está criando o menino como qualquer mulher do povo. Ela mesmo o amamenta. E' um menino forte e bem desenvolvido. Ainda não saiu de casa e a mãe teme que quando o fizer, os fotógrafos possam lhe fazer algum mal, na ânsia de bater as suas chapas. Talvez nesse temor resida o segrêdo que empurra Rossellini contra os fotógrafos tôda vez que dêle se aproximam. Também Ingrid acha que os fotógrafos na Itália estejam exagerando, e costuma dizer: "Sono terribili". O italiano que ela fala ainda é incorreto, apesar dos esforços que emprega. Procura falar nesse idioma com todos, menos com Rossellini, que já disse que enquanto ela não souber falar sem erros, continuará a servir-se do francês e do inglês para suas conversações, pois de outra forma terminaria rindo das imperfeições do italiano "macarrônico" da espôsa. A artista, agora, só dá atenções ao menino que quer criar como qualquer outra criança italiana. Para começar, na véspera da Páscoa, no dia 8 de abril, o fêz batizar pelo rito católico.

Do ponto de vista religioso, sua situação é algo complicada. O marido e o filho são católicos, ela permanece protestante. Continuará assim ou passará para o catolicismo? E' difícil dizer-se. Ela demonstra muita simpatia e compreensão por tudo que diz respeito ao rito romano. Tem verdadeira gratidão pelos sacerdotes católicos que ficaram a seu lado quando muita gente se escandalizava com sua fuga romântica na Itália, mas por enquanto ainda não se decidiu a abandonar a sua religião de berço. Isso não impede que frequente as igrejas e mande flores para os altares católicos. Logo que a notícia do casamento se divulgou chegaram em sua residência cêrca de duzentas "corbeilles" de flores, provenientes do mundo inteiro. Ingrid as admirou e à noite as fêz transportar para as várias igrejas dos Parioli. Naquele mesmo dia, Rossellini presenteou-a com o regalo de núpcias: um carro Ferrari, tipo Spyder, de 3.000 de cilindrada. E' o único dêsse tipo existente em tôda a Itália. Custou perto de 300.000 cruzeiros. Fizeram a estréia num curto passeio até a praia de Ladispoli. Em certo trecho o mostrador chegou a marcar velocidades oscilantes entre 160 e 170 quilômetros. "Com êste carro — disse Rossellini — não haverá fotógrafo que possa nos alcançar!"

O MONSTRO DA CASA

(Cont. da pág. 22)

de meu noivo. Foi quando despertei do meu ensimesmamento com a repentina chegada do pai de Haroldo acompanhado da circunspeta tia Raquel. E então compreendi que só daquele momento em diante a visita iria começar oficialmente...

★

Mais tarde, já no carro, Haroldo me afirmava:

— Você causou ótima impressão à família, Lavínia. Li o veredito nos olhos de tia Raquel.

Eu ia tão absorta que suas palavras bateram em minha periferia sem nenhum poder de infiltração. Êle notou:

(Cont. no próximo número)

JOCKEY CLUB BRASILEIRO

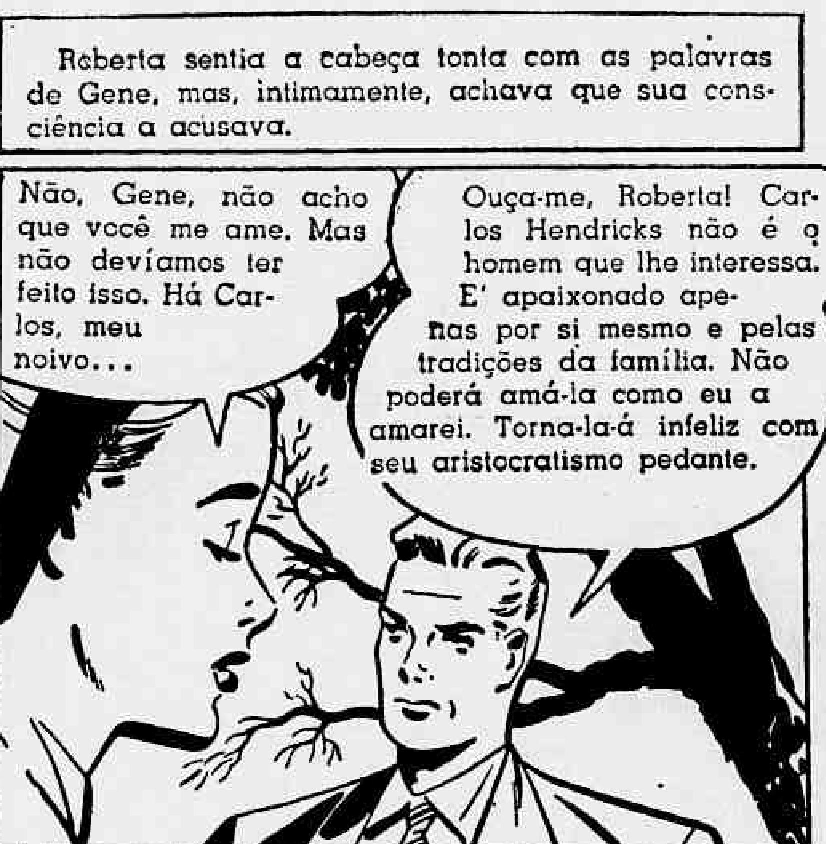


SWEEPSTAKE CR$ 5.000.000,00

ANTES DO MEU CASAMENTO







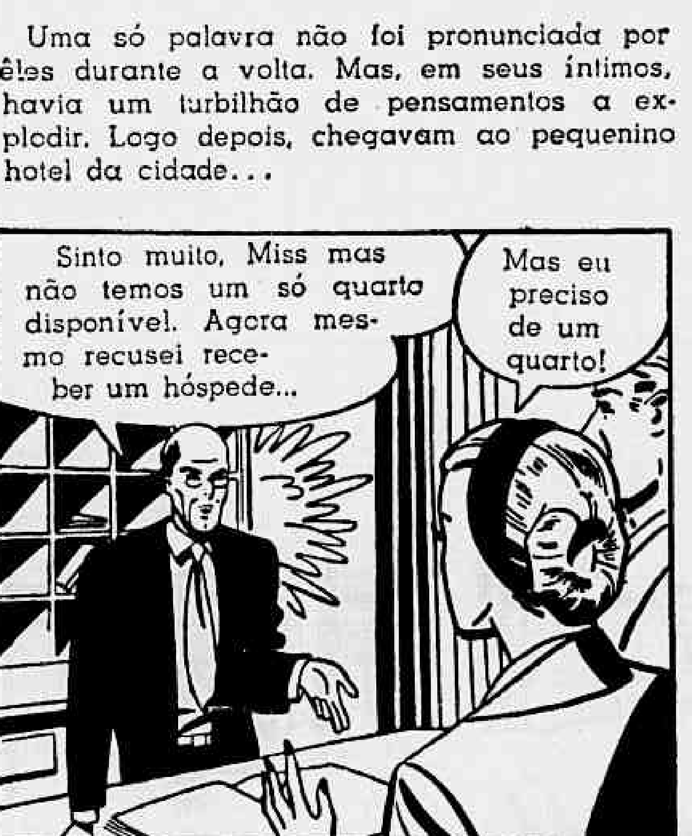


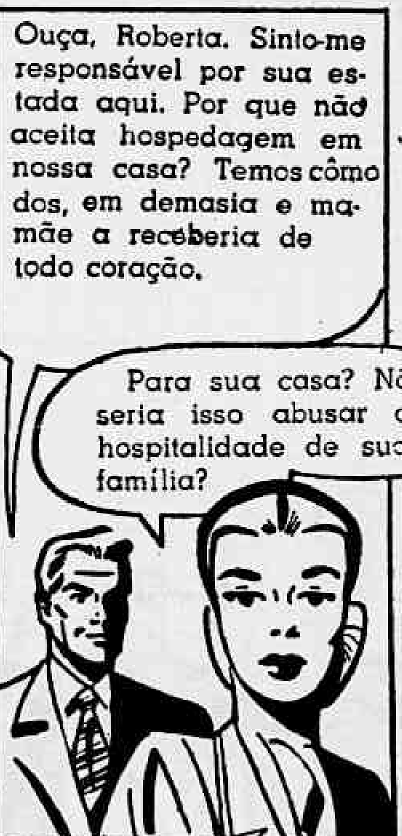


Os braços fortes de Gene alcançaram Roberta e a puxaram para si. Por uns momentos ela procurou lutar contra isso; mas verificou que era impossível e aderiu ao desejo que tivera desde o momento em que o viu.



Uma só palavra não foi pronunciada por êles durante a volta. Mas, em seus íntimos, havia um turbilhão de pensamentos a explodir. Logo depois, chegavam ao pequenino hotel da cidade...







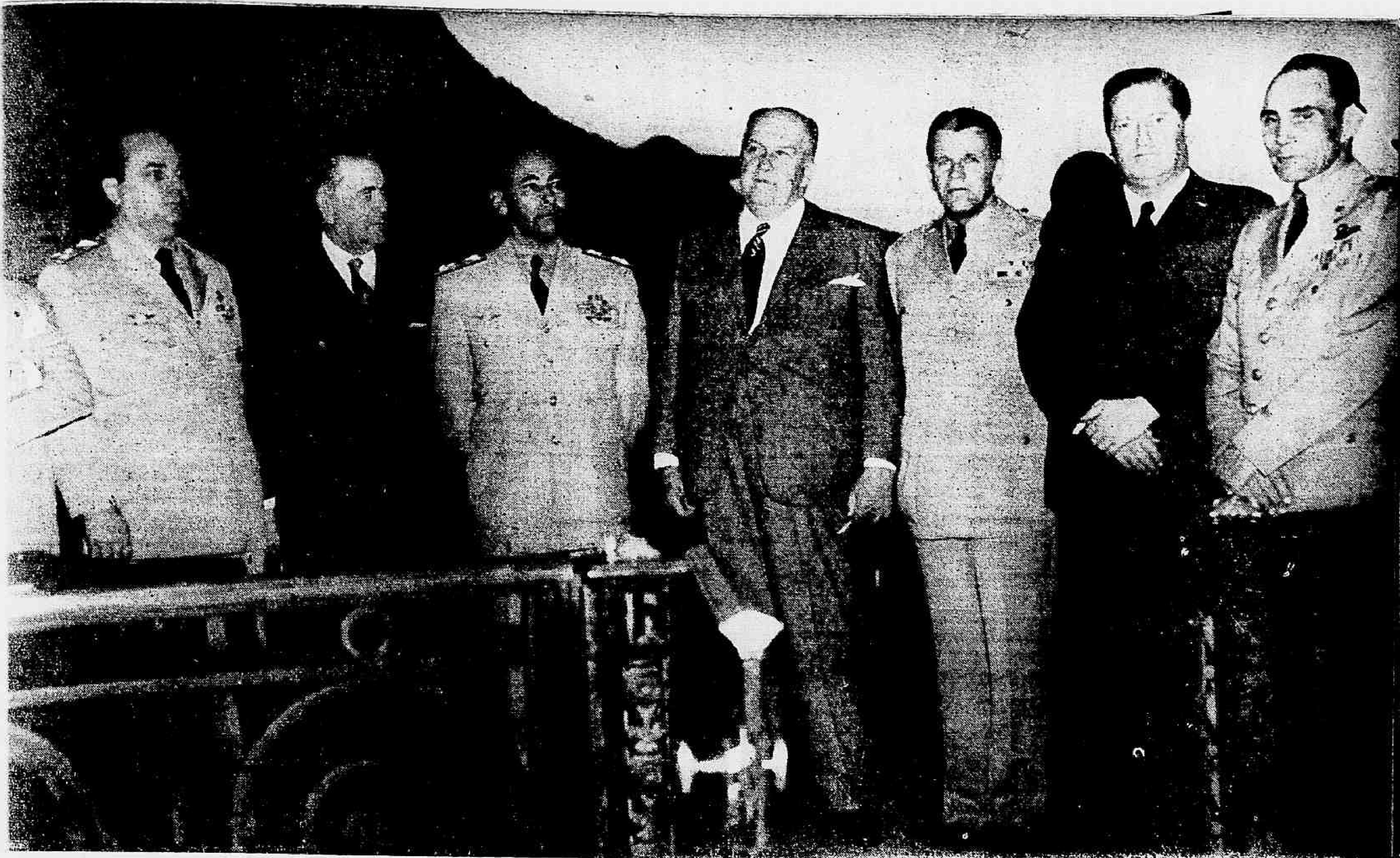








DIANTE DA SITUAÇÃO SURGIRÁ O NOIVO DE ROBERTA, INESPERADAMENTE EM CASA DE GENE?



rda para a direita, o sr. Júlio Moura, o major-brigadeiro Antônio Guedes Muniz, o sr. João Borges Filho, o major-brigadeiro Ajalmar Mascarenhas, o ministro Armando Trompowsky, o major-general Robert W. Harper, o embaixador Johnson, dos Estados Unidos, e o adido de Aeronáutica dêsse país

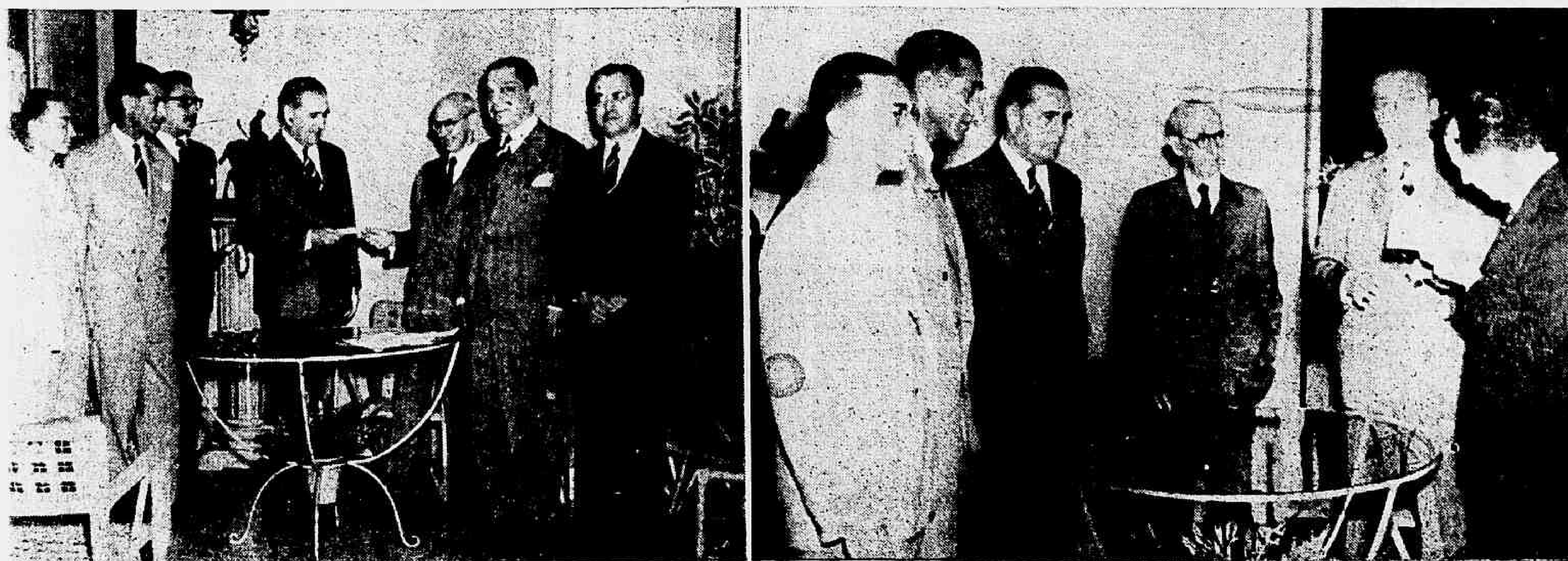
CIAIS DO
CKEY CLUB

★

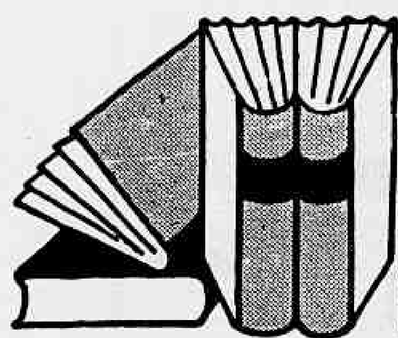
tério da Aeronáutica ofereceu, no Hiomo Brasileiro, um almôço ao general rt W. Harper, das Fôrças Aéreas ricanas, que recentemente visitou o . Ao cordial ágape compareceram diiais das fôrças aéreas brasileira e ametores do Jockey Club e convidados, mpanhados de suas famílias. As fotoalto e do lado reproduzem dois assa reunião de amizade e confraternirnacional.



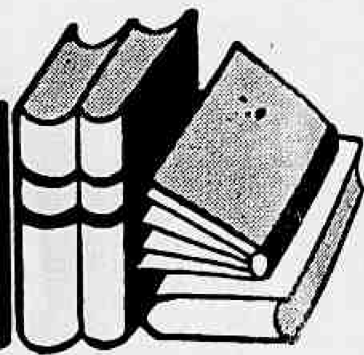
Da esquerda para a direita: o brigadeiro Vasco Secco, a sra. almirante Attila Aché, o brigadeiro Netto dos Reys, a sra. Júlio Moura, a sra. brigadeiro Mendes e três oficiais das Fôrças Aéreas Americanas



chês acima representam aspectos da entrega do cheque de quinhentos mil cruzeiros feita pelo Jockey Club Brasileiro à Confederação Brasileira de Hipismo, a título ara o desenvolvimento do esporte hípico entre nós. No flagrante, à esquerda, vê-se o sr. João Borges Filho entregando o referido cheque ao general Silva Rocha, etor do Serviço de Remonta e Veterinária do Exército, que tem à sua esquerda o sr. Manoel de Araujo Freitas, diretor-tesoureiro da nossa associação turfista.



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

DOS "CADERNOS INÉDITOS" DE VITOR HUGO

O sr. d'E... dizia-me ontem:

— Alexandre Dumas estragou seu talento; estragou sua reputação; estragou seu futuro; agora, está estragando seu filho.

★

Há uma Galia irônica, mas existe uma França entusiasta. E' certo que a alma francesa é mais forte do que o espírito francês e Voltaire se quebra contra Joana d'Arc.

★

Ela me diz:

— Jean-Jacques Rousseau é belo, mas é muito úmido.

Nota do tradutor: — "Ela" deve ser Juliette Drouet.

★

Nada se assemelha mais à bôca de um canhão, do que a bôca de um tinteiro.

★

Não se deve pensar que na Inglaterra não existam revistas tão maçantes como a "Revue des Deux Mondes". Existem. E as pobres "Revistas dos Dois Mundos" da Inglaterra não têm, para realçá-las, a grande George Sand.

UM LIVRO DE COSTA RÊGO

Costa Rêgo é um nome que dispensa apresentações. Jornalista de méritos inconfundíveis e largo tirocínio, comparecendo diàriamente nas colunas do "Correio da Manhã", um dos órgãos mais prestigiosos da imprensa brasileira, sua pena vem traçando há longos anos os mais lúcidos e brilhantes comentários sôbre homens, livros e acontecimentos do Brasil e do mundo. Vibrante e ágil no estilo, combativo mas leal nas suas idéias, Costa Rêgo, às virtudes do jornalista junta os dons de um escritor elegante e do erudito, senhor dos mais variados e complexos assuntos. E' justificável, portanto, o interêsse com que os círculos intelectuais aguardam o aparecimento de "Águas Passadas", livro em que estão reunidas as suas melhores páginas de jornalista.

GALERIA DAS CELEBRIDADES



CELEBRAMOS êste ano o centenário da morte de William Wordsworth, o grande poeta Vitoriano, nascido a 7 de abril de 1770 e falecido a 23 de abril de 1850. O nome de Wordsworth deve ser colocado ao lado do de Milton, entre os de Shelley e Keats, como dos maiores da poesia inglêsa.

CONTOS DE APRENDIZ



Carlos Drummond de Andrade, considerado pela crítica um dos maiores representantes da nossa poesia moderna, é também admirável prosador. Êsse aspecto da personalidade literária do autor de "Poesia até agora" não terá passado despercebido. Contos e crônicas, principalmente crônicas, já tem publicado o escritor mineiro nos grandes jornais e revistas do país, revelando-se sempre notável dominador da técnica do gênero, da língua, conhecedor profundo dos segredos de cada palavra ("Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra..."). Mas essa atividade meramente dispersiva de contista vai agora concretizar-se em livro. Anuncia-se para breve "Contos de Aprendiz", volume em que o poeta mineiro reuniu as suas melhores páginas inéditas no gênero, e que irá constituir, sem a menor dúvida, um verdadeiro acontecimento literário.

OS PRÊMIOS DA ACADEMIA

Em maio último, a Academia Brasileira de Letras, em reunião plenária, concedeu a diversos escritores brasileiros os prêmios literários relativos ao ano de 1948. Os prêmios "Coelho Neto" e "Olavo Bilac" não foram concedidos. Os demais ficaram assim distribuídos: "Machado de Assis", conjunto de obra, ao sr. Eugênio Gomes; "Economia", ao sr. Humberto Bastos; "Teatro", à sra. Lúcia Benedetti, que é também romancista, autora de "Entrada de Serviço" e "Noturno sem leito"; "Afonso Arinos", ao sr. Dirceu Quintanilha, e "Sílvio Romero", de ensaios, ao sr. Roberto Alvim Correia, pelo seu livro "Anteu e a Crítica".

★

NORDESTE

Teremos, ainda para êste ano, a segunda edição de "Nordeste" (Aspectos da influência da cana sôbre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil), considerado por muitos críticos o livro mais perfeito de Gilberto Freyre. Esta segunda edição, revista e aumentada, aparecerá ainda muito enriquecida de novas ilustrações de Luís Cardoso Ayres e M. Bandeira, numa valorização gráfica que não deve ser esquecida.

★

O ROMANCE DE UM MÚSICO

Uma das mais importantes novelas recentemente lançadas nos Estados Unidos é "The Sheltering Sky" (Céu Protetor), por Paul Bowles. Apesar de seus 33 anos de idade e de já ocupar, há muito, um lugar destacado entre a elite intelectual de Nova York, como compositor eminente e crítico musical, é essa a primeira novela do sr. Bowles; demonstra êle, entretanto, qualidades nem sempre comuns aos estreantes. O livro trata da história de um jovem — que muito se assemelha ao próprio autor — que, acompanhado da espôsa, viaja para a África do Norte, em busca de aventuras. Ali, estrangeiros numa civilização árabe, que o autor descreve brilhantemente, o marido encontra a morte, enquanto a espôsa é levada à decadência moral. O autor norte-americano, Tennessee Williams, disse dêsse livro: "de maneira muito emocionante, põe o leitor em íntimo contacto com um talento amadurecido e experimentado, de uma espécie que eu já estava temendo só fôsse encontrada, hoje em dia, entre os insurgentes novelistas da França, tais como Jean Genet, Albert Camus e Jean-Paul Sartre".

★

SEIS PRÊMIOS DE CEM MIL FRANCOS

O Conselho da Associação do Pensamento Francês, presidido por Georges Duhamel, acaba de escolher seus laureados anuais: Marc Blanpain (por sua obra romanesca), Hubert Delamgle (por seus trabalhos de matemática), Maurice Fombeure (por sua obra poética), René Lalou (por sua obra de crítica), Louis Neel (por seus trabalhos sôbre o magnetismo) e o dr. Jaime Reylly (por seus trabalhos sôbre o papel do sistema neuro-vegetativo).

★

"CIMARRON"

A novela "Cimarron", da escritora norte-americana Edna Ferber, acaba de ser publicada em tradução brasileira de Nair Lacerda. E' esta a terceira novela de Edna Ferber a ser traduzida no Brasil. "Cimarron", escrita em 1930, trata da colonização do Território de Oklahoma (agora Estado de Oklahoma) nos fins do século passado, e descreve a vida dos pioneiros que se tornaram residentes daquele território do "sertão" norte-americano. Êsse romance faz parte de uma série de livros que Edna Ferber escreveu sôbre a história do oeste de seu país. O mais conhecido de seus livros é "Show Boat", escrito em 1926 e traduzido para o português sob o título de "Teatro Flutuante". Essa novela tornou-se particularmente famosa quando adaptada para uma das mais deliciosas comédias musicais jamais produzidas, com inesquecíveis melodias de Jerome Kern, apresentada depois em versão cinematográfica, cujo título, no Brasil, foi "Magnólia".

RAFAEL FRONTAURA



UMA das figuras mais interessantes que encontramos no mundo cinematográfico argentino foi o ator Rafael Frontaura. Chileno, Rafael Frontaura está radicado em Buenos Aires há muitos anos, colaborando com brilho na cena platense. Desde Mar del Plata, desde que nos apresentaram, fizemo-nos amigos.

E' interessante recordar que conhecera Frontaura num filme argentino aqui exibido. E sua presença no elenco marcava, através das rápidas cenas em que êle atuava. Levara a Buenos Aires o desejo de conhecê-lo e entrevistá-lo, e seu nome figurava, entre outros, na nossa lista, onde também estava o nome da grande Elsa O'Connor — a inesquecível "Juliana" de "O Primo Basilio" — e que só na Argentina soubemos haver falecido.

Frontaura é um artista da mais alta categoria, um ator correto, um cavalheiro de grande distinção e um poeta de requintada sensabilidade. Por tudo isto, é impossível aproximar-se de Frontaura sem sentir admiração por essa inteligência multimoda, que faz dêle, ainda, um conversador brilhante e uma companhia agradabilíssima.

Tendo cursado um pouco de engenharia e de leis, depois de ser professor, jornalista, caricaturista e autor teatral — sem jamais deixar de ser poeta — Frontaura se fêz ator. E ator continua, dos mais categorizados, quer no palco, quer diante das câmeras, ator e poeta — com os poetas convivendo, ora declamando Garcia Lorca e Ruben Dario, ora lendo Bilac e Manuel Bandeira, Raul Tunon e Miguel Obligado, a todos dedicando o fervoroso culto de quem sente a poesia correndo também nas próprias veias. E, poeta, Rafael Frontaura, quando não está representando ou vivendo — representando com alma e vivendo com encantamento — escreve versos, inspirados e quentes, como nestas manchas sensíveis datadas da paisagem da Colômbia:

TARDE EN EL VALLE DEL CAUCA

Yo quisiera tener una corbata
del color del crepúsculo en Palmira:
celeste con reflejos ocre y plata
y que deja en suspenso al que lo mira.

Escéptico, burlón y corrosivo,
para mi el corazón es solo un músculo;
pero suelo quedarme pensativo
ante la maravilla de un crepúsculo.

Rumia su pena en la llanura parda
cada vaca con su ángel de la guarda,
la garza blanca en sonadora espera;
y el sol, moneda de oro refulgente,
se esconde sin gastarse avaramente
en la alcancia de la cordillera.

E aí está, com versos tão pictóricos e, ao mesmo tempo, tão pessoais e tão expressivos da poesia de Rafael Frontaura — a lembrança do amigo tão cordial e tão brilhante, desse ator-poeta, que é poeta na boa tradição cavalheiresca e notívaga de Branco Fombona e de Dario, que, nas noites de Buenos Aires, nos recordou Garcia Lorca e Pablo Neruda, bebendo à glória da eterna poesia na sua "copa" refulgente de estrêlas.

FORA DO PRELO

O ROMANCE DO FOOT-BALL — MÁRIO FILHO — PONGETTI — RIO

Mário Filho foi o renovador de nossa crônica esportiva, caso não tenha sido êle, mais exatamente — o seu criador.

Êle veio, nesse setor da imprensa, daqueles bem feitos e brilhantes jornais de seu pai, Mário Rodrigues, onde o esporte, e particularmente o futebol, passou a ser um acontecimento de primeira página. Ao simples noticiário e à simples descrição de jogos, foi acrescentada a crônica, a reportagem, o estudo e a crítica do esporte.

Foi, porém, em **O Globo** que Mário Filho se revelou o mestre dessa especialidade de imprensa, criando e dirigindo uma seção esportiva palpitante e de fato sensacional. Depois, êle assumiu a direção de **Jornal dos Sports**, o diário completo no seu gênero, talvez o melhor do mundo sob êste aspecto.

Mas Mário Filho, escritor de vocação, não se limitou a ver no esporte apenas um assunto jornalístico. E iniciou entre nós um gênero literário que, cultivado e aplaudido no estrangeiro, incorporando-se um escritor, por exemplo, como o argentino Last Reason — não tem outros cultores entre nós. Seus livros sôbre esporte, sôbre futebol, são interessantes pelo assunto e pelo estilo, pela autoridade do autor e pelo encanto com que sabe tratar os seus temas.

«O Romance do Foot-Ball» é o seu último livro, em data. Nêle, o autor mostra o lado romanesco dos acontecimentos reais que o futebol apresenta — e, daí, o seu título. Através de seus capítulos, acompanhamos os momentos emocionantes vividos no mundo esportivo, na fascinante aventura do futebol. E, isso, com um estilo pessoal e sedutor, pois Mário Filho tem uma linguagem e um estilo eminentemente simples, vivos, nervosos, de um poder plástico, como fatura e comunicação.

«O Romance do Foot-Ball» é sobretudo um documentário valiosíssimo, por sua fôrça evocativa, pelo seu espírito de observação e pelo sabor humano com que o autor sabe impregnar seu material. E, nêle, vamos encontrar muitas figuras do passado de nosso futebol, agora coroado nas jornadas da Taça do Mundo — embora o desastre final, que não tem outro significado, senão o de eventualidade esportiva — e às quais, sem dúvida, devemos nossa grandeza atual. Entre elas, a de Coelho Neto, por certo o primeiro grande escritor nosso que se interessou pelos prélios esportivos, legítimo herdeiro da lição grega dos estádios.

PEQUENA ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS GERAIS — TRADUÇÃO DE ALMIR DE ANDRADE — JOSÉ OLYMPIO — RIO

Quatro volumes, cobrindo o mais largo campo de conhecimentos, eis o que é esta grande e admirável «Pequena Enciclopédia» que Almir de Andrade traduziu e José Olympio editou.

História, literatura, sociologia, economia, artes, ciências, tudo se encontra nesta obra, através primorosos estudos, valendo, êstes quatro volumes, não por uma, mas por muitas bibliotecas especializadas. Os nomes que assinam seus artigos são os mais autorizados, em cada especialidade, o que representa inestimável contribuição à cultura contemporânea. A êles, devemos juntar o de Almir de Andrade que dotou a obra de uma significativa parte brasileira.

Pondo ao alcance dos estudiosos uma soma inestimável de conhecimentos, atualizando teorias e compendiando novas idéias, com o acêrvo das últimas conquistas da ciência, as últimas idéias e as técnicas recentes, esta «Pequena Enciclopédia» constitui obra indispensável em qualquer estante.

★

ITINERÁRIO PARA ARAXÁ — JOÃO DAUDT D'OLIVEIRA — CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — RIO

Em edição da Civilização Brasileira S. A., sob a epígrafe «Itinerário para Araxá», publica João Daudt d'Oliveira os discursos que pronunciou através do Brasil, preparando o conclave econômico nacional que se realizou, depois, naquela estância hidro-mineral de Minas.

Trata-se de um alentado volume de mais de trezentas páginas, com os discursos em que João Daudt estudou, perante vários núcleos produtores brasileiros e os auditórios mais especializados, os problemas de nossa produção, as realidades nacionais, vistas de um ângulo independente, quer quanto à observação, quer quanto à crítica.

«Atacar corajosamente e com visão ampla do conjunto, os problemas econômicos básicos» — eis a conclusão a que chegou o autor, no sentido da solução de nossos problemas.

Os discursos de «Itinerário para Araxá» constituem subsídio da maior importância para quantos se interessam por essa solução, vale dizer, para quantos querem, com real patriotismo, contribuir para que nosso país avance, no rumo do progresso.

A demagogia, o sanfichismo, as atitudes céticas ou cínicas das classes intelectuais não têm mais explicação, a não ser como uma punível traição, pois os «Clercs» de Julien Benda, ou morreram na guerra, vítimas de sua comodidade, ou foram postos à margem, pelo seu absenteísmo anacrônico. A atualidade exige a colaboração intelectual não parasitária, não platônica, mas interessada, viva e combativa. As terríveis ameaças que pesam sôbre o mundo atual não podem prescindir da função dirigente dos escritores, dos literatos, dos poetas, com uma larga zona de influência e uma sedução capaz de operar milagres. Só a poesia salvará o mundo. Deixar aos políticos profissionais a exclusividade das soluções, é confiná-las em ambiente exíguo, reincidir em falta grave, atentatória dos interêsses gerais, os mais sagrados e imediatos dos povos. E' preciso que a obra exemplar de Daudt d'Oliveira encontre éco e desperte vocações intemeratas e pugnazes como a sua, capaz desta velha fé removedora de montanhas, que nos contagia de entusiasmos e nos arrasta imperiosamente à batalha.

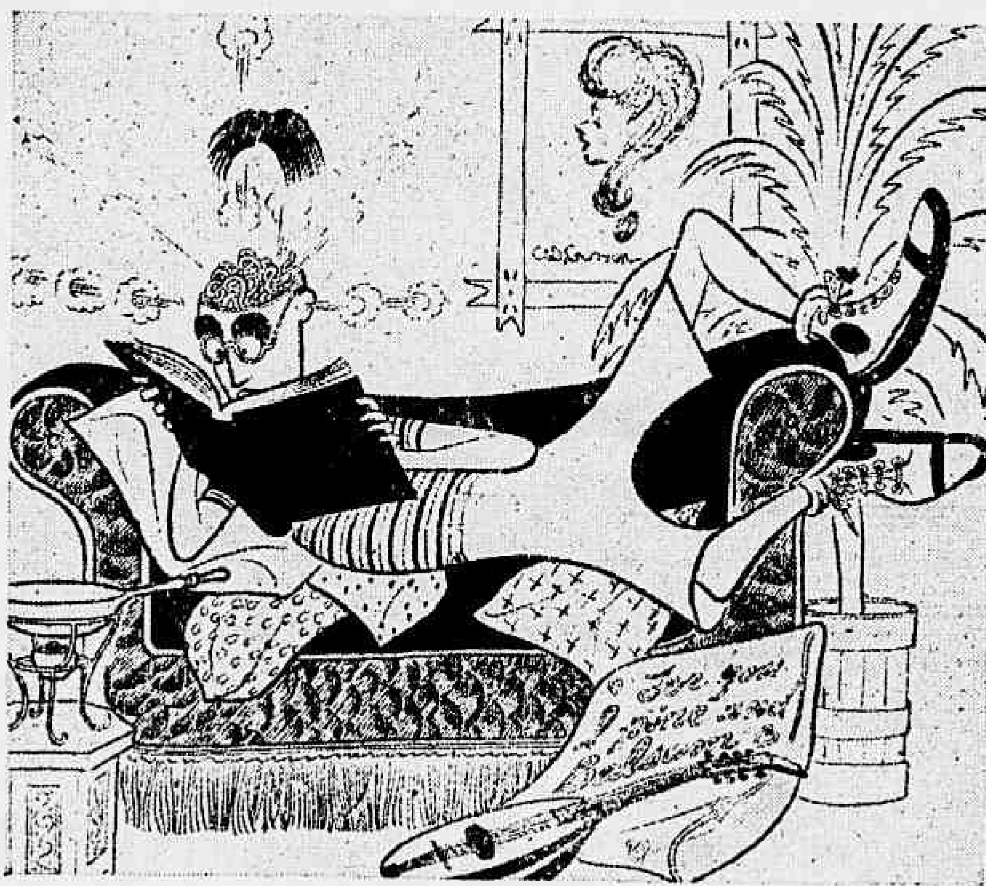
★

MOBY DICK — HERMAN MELVILLE — JOSÉ OLYMPIO — RIO

Quatro grandes escritores estão citados na orelha dêste livro que é um clássico da aventura — «Moby Dick» — um enrêdo que o cinema já aproveitou também, dando-lhe popularidade universal, e de que agora José Olympio nos oferece edição cuidada, em tradução de Berenice Xavier.

Entre os quatro escritores, podemos citar a opinião de Maurois, afirmando tratar-se de um dos grandes livros da humanidade, e a de Augusto Mayer, para quem «Moby Dick» é a obra mais genial e fascinante da literatura norte-americana.

Trata-se de obra cujo enrêdo se passa no mar e, seu autor, possuía real experiência da vida que descreveu, pois Melville foi também aventureiro, viajou pelos Mares do Sul, pelas ilhas de legenda, caiu prisioneiro de selvagens, morou em Taiti e, depois, foi marinheiro de guerra e singrou as águas do Atlântico e do Pacífico. Neste livro, o núcleo da aventura é a famosa baleia branca, a «fera do mar», baseando-se o seu drama na luta dessa fera com o louco capitão Acab.



O livro é realmente fascinante e, hoje, representa um clássico do gênero. A indiferença que o cercou, durante muitos anos, quebrou-se em 1920, quando se iniciou a imortalidade do livro e do autor.

Esta edição de José Olympio é particularmente meritória por se tratar de obra in extenso, ao contrário de muitas outras edições, originais e traduzidas, que nos dão meros resumos da obra de Melville.

Tudo isto aconteceu

NUDISMO TURÍSTICO



O chefe do SPI de Ajuricaba (Serviço de Proteção aos Índios) no Estado do Amazonas, próximo a Manaus, recebeu de um morubixaba o pedido de facilitar a alguns dos seus subordinados das selvas um passeio à capital do Estado. Já no ano passado foram à capital amazonense alguns índios e gostaram muito da excursão, contando aos seus amigos, vizinhos e parentes, como era bonita a cidade dos brancos. Então a tribo dos «Paquidais» se encheu de inveja e mandou seu chefe obter do pôsto de Ajuricaba, o mesmo favor ou direito já concedido a outros de sua raça.

Nada mais fácil. Quantos iam a Manaus? Vinte e um. Uma homenagem dos selvícolas à organização geo-política do país. Cada um representaria um Estado e o Distrito Federal. Um passeio excelente e patriótico. Mas o diabo é que os índios, antes de seguir para a capital, não passaram pelo pôsto de Ajuricaba a fim de receber instruções e cartas credenciais ao SPI de Manaus. Meteram-se em suas pirogas e remaram àvidamente para o cáis flutuante da linda cidade do Rio Negro.

Quando aportaram e amarraram as embarcações nas cabeças de turco, foi um sucesso entre a gente alegre do pôrto. Estavam todos nuzinhos da silva, isto é, da «selva». Depois de explicar-lhes que turismo nudista na capital amazonense, nem mesmo com as cobras de Luz del Fuego, foram metidos em elegantes roupas feitas em minutos e levados a percorrer as ruas e praças da urbe. Não sabemos qual a impressão que teriam levado os selvagens das regiões do Alto Rio Demeni; mas, com tôda certeza terão êles comentado: «Vejam só! Com todo aquêle calor, e os «civilizados» usam tanta roupa que sufoca! Viva nossa civilização» . . .

CONTRA AS TOURADAS



À proporção que mais se vem aproximando o dia das touradas no Rio, mais se agitam os membros de Sociedades Protetoras de Animais. E' um movimento comovedor. Agora mesmo, o sr. Armando Sales, presidente da UIPA (União Internacional Protetora dos Animais) de São Paulo, concedendo uma entrevista à imprensa local, foi categórico: «Impetraremos mandado de segurança contra o prefeito do Distrito Federal, caso as projetadas touradas sejam realizadas no país».

Para justificar seu ponto de vista, declara êle que, para tal diversão pública ter possibilidades no Brasil é necessário que o Legislativo Federal modifique o disposto no Decreto-lei nº 24.645, de 10 de julho de 1934, que dispõe sôbre a proteção aos animais. Já nos temos ocupado do conflito entre os desejos do prefeito do Rio de Janeiro e as Sociedades que protegem os animais. Tudo gira em tôrno da crueldade que se pratica contra os touros nas arenas. Começando com as bandarilhas ponteagudas fincadas, com golpes de agilidade e audácia no lombo dos animais, até à morte dos bovinos diante do público a aclamar o toureiro.

Que é um espetáculo empolgante e apoteótico, não resta dúvida. Na Espanha e em Portugal, as touradas são como o futebol aqui no Brasil: arrastam multidões. Ser toureiro em Madrid ou Sevilha, Lisboa ou Coimbra, é uma grande honra. Tão grande como a de ser um invencível «ponta-esquerda» ou «back», goleiro ou centro-avante em futebol neste grande país. E se fizéssemos umas touradas cômicas? Os touros entrariam na «dança» como artistas, sem correr nenhum risco de morte. A Prefeitura contrataria uns palhaços e lhes daria fantasias de touro, divertindo o público. Depois uma tourada de verdade, mas sem judiar com os animais. E tudo ficaria humano e engraçado.



O NAZISTA DE APÓS-GUERRA *Na França, cinco anos depois de terminada a segunda grande guerra, ainda continuam os julgamentos dos nazistas e seus cúmplices, apanhados pelas autoridades do país. Recentemente, Johannés Muller, arrogante súdito de Hitler, responsável pela eliminação de milhares de inocentes velhos, mulheres e crianças, em território francês, durante a ocupação, foi sentar-se no banco dos réus. O julgamento consumiu cinco dias seguidos de trabalhos exaustivos, findos os quais, realizadas tôdas as provas, o veredictum foi unânime: Culpado. E a sentença: prisão perpétua. Aqui o vemos, ao encanzinado nazista de outros tempos, vergado ao pêso da sua grande culpa, a cabeça abatida, braços pendidos, lábios entreabertos, seguro pelos guardas do tribunal. Antes, chegou a suplicar perdão aos jurados, proclamando uma inocência que não passava da mais irritante farsa. Mas foi condenado.*

A VOZ DO MORTO

SANTOS nos forneceu a nota sensacional da semana última. Alguns operários, ao trabalhar na remodelação de antigo edifício no centro urbano, tiveram sua atenção atraída para um objeto pesado que caia ao solo, desprendendo-se de uma das paredes em demolição. Era um cano de chumbo de pequenas proporções. Levado o mesmo aos donos do edifício, foi aberto o tubo, retirando-se do seu interior uma mensagem que dizia isto: "Santos, 6 de setembro de 1889 — Aqui nesta casa, a cinco metros à direita, por tôda a extensão até em baixo, está a minha fortuna enterrada a dois metros abaixo do solo em uma caixa de bronze fechada com cadeado do segrêdo. Quero que o felizardo que achar êste testamento mande rezar por minha alma muitas missas e que dê ao Asilo de Órfãos cinquenta contos de esmola, dez contos para a Santa Casa de Misericórdia e ficar com o restante praticando atos de caridade. Deixo esta fortuna é porque vou fugido para a Europa para não morrer amanhã, conforme eu descobri a conspiração contra mim. B.A.F.R. — Saudades ao felizardo. Vale por minha alma". A polícia já deram ciência e esta vai providenciar sôbre a pesquisa da fortuna, julgando-se que se trata de barras de ouro ou jóias, prata, etc. Porque, se se tratar de papel... Que lôgro! Mas, há na declaração do misterioso B.A.F.R. umas coisas esquisitas. Por exemplo: a fórmula do roteiro do tesouro enterrado: "a cinco metros à direita por tôda a extensão até em baixo..." Que diabo quererá dizer isto? E aquêle "Vale por minh'alma"? Talvez êrro de imprensa, devendo ser "Vele". O assunto está apaixonando a população de Santos. Mas, não será isso alguma pilhéria como a daquele camarada que deixou uma inscrição assim em grande pedra: "Quem deste lado me virar grande riqueza encontrará". E quando conseguiram virar a pedra, leram do outro lado: "Viva quem me virou, que do lado oposto há muito tempo estou!"

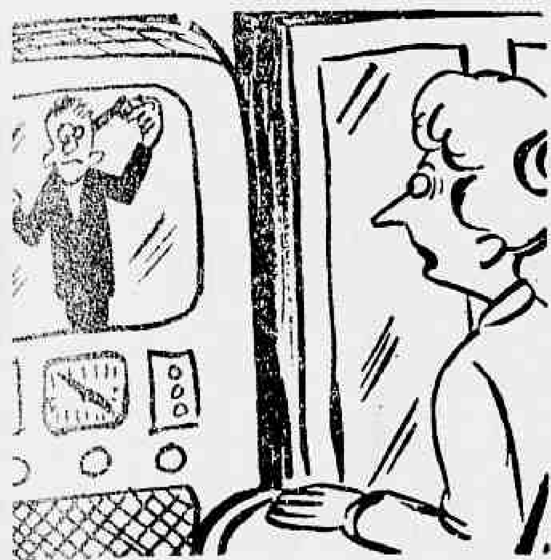
GILETE CONTRA CÁRROS

A luta pela vida é cada vez mais forte, terrível, assoberbante. Assim pensando foi que o guardador de automóveis nas vias públicas, um dêsses chamados «olheiros», achou que devia afugentar os que não eram seus clientes. Mas, para isso, que fêz êle? Alguma circular gentil, maneirosa? Alguma publicidade pela imprensa ou pelo rádio? Não. Nada de meias palavras. Com o sr. Augusto Bezerra de Oliveira, a coisa tinha que ser logo «pão, pão, queijo, queijo», isto é, quem não fôsse seu freguês e lhe pagasse muito bem, não poderia deixar veículos na zona sob sua jurisdição. E vai daí, o «olheiro» da rua D. Pedro I passou da idéia aos fatos: munido de um pedaço de ferro e de giletes afiadíssimas, foi arrebentando, danificando os automóveis mais belos e novinhos, cortando-lhes as capotas, os assentos, etc.

Só se salvavam os de sua clientela. Todo «penetra», entrava na madeira. Mas um dia é do «olheiro» e outro é dos «olhados». E botaram olhados no Augusto. Uma pessoa que deixara seu carro ali, ao voltar viu que algum espírito de porco o havia danificado. Olhando em volta, descobriu que o tal espírito de bacorinho não era outro que não o próprio zelador de automóveis da rua Pedro I! Imediatamente chamou a Rádio Patrulha. Prêso o desabusado guardador de carros, foi êle conduzido à presença do delegado do distrito policial e ali interrogado. Seria algum louco? Mas o homem era são do cérebro, embora meio «paneada» do espírito de conservação. E explicou: «Ora, doutor, eu sou guardador de autos; mas sucede que estou sendo prejudicado pelos «casquinhas» que nada me pagam. Sòmente recebo gratificações dos autos de meus clientes. Por êsse motivo não estive pelos autos e sentei a pua neles . . . Mas quem não estêve pelos autos foi a polícia e o homem foi metido no xadrez.



O PRIMEIRO DO MUNDO



O jovem Sanford Twente, de Houston, Estado do Texas, nos Estados Unidos, parece que não vivia com muita satisfação. Amores contrariados? Derrota de seu clube de basebal? Ninguém sabia ao certo; mas, que o rapaz andava acabrunhado, isso era visível. Há poucos dias dirigia-se êle a mais um encontro do citado esporte para torcer pelo seu clube. Poderosa emissora de televisão irradiava a partida e transmitia os lances aos fãs que acompanhavam o desenrolar da peleja pelas pequeninas telas dos receptores. Dentre as pessoas que assistiam ao jôgo pelo rádio, estava Mrs. Twente, mãe de Sanford. Antes de ir ao jôgo o rapaz comunicou aos seus amigos e colegas: «Não deixem de acompanhar a partida pela televisão, pois que eu aparecerei em cena. Vocês vão ver».

Ninguém ligou importância às suas palavras. Como poderia êle surgir no campo de captação do aparelho se não teria ingresso na cabine? Estava mesmo maluco. Mas, quando o locutor esportivo Dick Gottlieb transmitia a partida, viu que um estranho entrava na cabine da estação KLEE-TV para a qual o locutor transmitia. Os ouvintes perceberam nitidamente a voz de Dick prevenindo o intruso que sua presença ali era de mais e que havia um microfone ligado. O aviso de Dick também foi ouvido pelo operador da câmara de televisão, o qual se voltou para a cabineta de som e, ao ver a atitude insólita do visitante importuno, focalizou a máquina para êle. Nisto, todos os que estavam vendo o jôgo, também viram o rapaz tirar um revolver do bôlso e, ato contínuo, levá-lo à altura do coração, disparando-o e caindo morto. Dentre todos os que assistiram à cena dramática pela televisão, uma pessoa sofreu mais que todos: Mrs. Twente, que viu, sem nada poder fazer, o suicídio do filho.

OS NEGROS NO BRASIL



EMBORA se registrem certos preconceitos de raça neste pais, não há duvidas de que tais aspectos se diluem em face da imensa maioria dos que não aceitam essa discriminação racial. Negros e brancos, mulatos e cafusos, tôda essa enorme gradação que se manifestou na formação de nossa etnologia, constituindo vasto sortimento de pigmentação, vive em comum com os brancos e, muitas vêzes concorrem com êles em cargos e posições, saindo vitoriosos. Não se pode negar, porém, que, no fundo do critério geral, há um pontinho de preconceito. Se não se manifesta é porque não houve ainda um motivo de reação. Êsse preconceito aumenta na razão direta da geografia para o sul do país, diminuindo, na razão inversa para o norte. A causa é óbvia: a influência da imigração estrangeira de raça branca e a proximidade de outras nações onde o elemento negro é quase nulo. De algum tempo para cá, entretanto, vemos que o preconceito contra indivíduos de pele negra ou mais escura está aumentando no Brasil. De quando em quando publicam os jornais do Rio a recusa por parte de hotéis de luxo, tanto aqui como em São Paulo, na hospedagem de negros. Joe Louis, uma cantora lírica, etc., foram barrados aqui e na capital paulista. Dizem que o «Copacabana-Palace» e o «Esplanada» em São Paulo, pelos seus regulamentos, não aceitam hóspedes de côr. Imposição da clientela? Intervenção de acionistas? Poderemos saber agora com um projeto de lei da autoria do deputado sr. Afonso Arinos e que comina penas severas a qualquer hotel, restaurante, colégio, etc. que estabelecer tais discriminações raciais no Brasil. Mas êste mundo é mesmo um paradoxo. Enquanto aqui já se propõem leis para combater o preconceito racial, nos Estados Unidos pela primeira vez na história, é nomeado um negro para Juiz da Côrte de Apelação...

VELHA NUNCA!



JÁ disse um escritor filósofo que só há um segrêdo que as mulheres são capazes de guardar: o de sua própria idade. Não queremos fazer crítica a tal respeito, pois, que, muitos homens também persistem na opinião de que não passam dos 48...

Mas o caso de Mrs. Deitch é quase doloroso. Essa jovem e bela senhora de Nova Iorque, casada com o sr. Mal Deitch, corretor de imóveis, vivia em pleno mar de rosas. Sua vida conjugal era um sonho interminável. Tudo sempre muito azul. Um dia, porém, ela descobriu uma pirataria do espôso. Mau, mau, disse ela de si para consigo. Se Ma! vai assim isso ainda acaba mal. (O trocadilho saiu sem a gente querer).

Que se passava com êle? Nada mais, nada menos do que uma terceira, a sombra da outra. Mrs. Deitch, que, apesar de chamar-se Bárbara, não gostava de praticar barbaridades, tolerou as saliências do espôso e fêz que não via suas intimidades com a bailarina Gaby Crawford, artista de um dos numerosos «Night-Clubs» da cidade. Mr. Deitch era bastante rico, dava à espôsa todo o confôrto e lhe mostrava diàriamente que lhe tinha amor. Essas pequeninas alfinetadas no laço matrimonial não valiam um gesto de desgôsto, uma troca de palavras ásperas. O lar era o lar, e pronto. Um dia, porém, (êsse outro foi o dia fatídico) Bárbara Deitch estava arrumando uns móveis do espôso, limpando objetos (isso disse ela...) quando se lhe depara uma coisa hórrorosa: sôbre uma fotografia recente, de ambos (êle e a outra), o malvado escrevera êste desafôro: «A minha frustrada espôsa, no seu 90º aniversário». Isso já era demais, convenhamos. Que tivesse lá suas alegrias com a Gaby, vá lá; mas que achasse que a espôsa era fracassada e de 90 anos, isso nunca! E se divorciou...



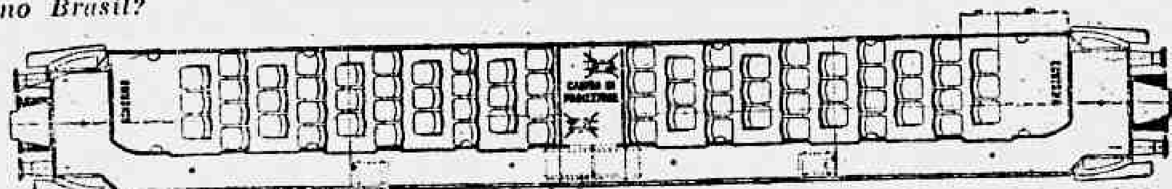
O BANHO DE BING CROSBY

Quando estêve no Rio, faz alguns anos, o "crooner" de Hollywood sentiu-se fascinado pela praia de Copacabana, como todo "tourista" que se preza. E na piscina do Copacabana Pálace-Hotel, realizou soberbas "performances" de natação, que deixavam suas numerosas "fans" quase em delírio. Se fôsse Frank Sinatra, desmaiavam de vez. Entretanto, na sua residência da Califórnia, Bing Crosby vem de instalar um trampolim para uso exclusivo, junto à piscina em que só podem banhar-se a espôsa, os filhos — e alguns amigos de sua particular estima. Aqui o vemos, dando um salto de mestre e saboreando as delícias de um banho bem gostoso, numa tarde mais quente. Bing Crosby não pratica, apenas, o turfe — é também um nadador de primeira classe. E pela primeira vez consentiu que um fotógrafo o surpreendesse praticando o seu exercício favorito.



CINEMA NO TREM-DE-FERRO

Aquêles que visitarem Roma nos últimos dias do Ano Santo, portanto em vésperas do Natal, poderão viajar para as cidades do interior, sentando-se em confortáveis poltronas em um wagon-cinema e assistindo à projeção de um filme documentário ou mesmo de aventuras. As principais linhas-férreas da Itália vão fazer circular muito breve essa novidade, sistema que pela primeira vez será pôsto em execução na Europa, só existindo igual nos Estados Unidos. Na gravura superior, vê-se a disposição das poltronas, enquanto os passageiros se deliciam com uma película de amor. Em baixo, planta de um wagon-cinema, mostrando a "cabine" de projeção, situada no meio do carro, de modo a permitir que os passageiros de ambos os lados assistam ao filme. Há, no entanto, duas máquinas projetoras funcionando simultâneamente. Quando teremos coisa igual no Brasil?



COPA DO MUNDO

O BÔLO QUE NINGUÉM COMEU

ESTAVA preparado para ser oferecido, com certeza, aos rapazes brasileiros, se vencessem. E foi levado para o Maracanã, com todo o carinho, numa bonita caixa de papelão, embrulhada em papel celofane, com um laço de fitas coloridas muito bem dado. Mas quem disse que havia apetite para saborear o bôlo ao terminar o jôgo? Não houve, mas parecia haver ironia, traçada pelo destino das coisas: um "bôlo" muito maior, e êsse indigesto, acabava de ser dado a duzentos mil "torcedores" ainda aflitos, de alma em transe e coração oprimido...

Quem levou o pitéo para o Estádio? Ninguém soube. Ninguém viu. E à saída, quando a multidão regressava a penates, deixando pelo caminho muito papel velho, muito jornal amarrotado, muitos programas rasgados — o pacote do bôlo apetitoso foi jogado, como inutilidade maior, para um canto qualquer.

Depois chamou a atenção dos mais curiosos. Alguém se deu ao trabalho de desfazer o embrulho. E a gulodice ali ficou exposta, provocando, de muitos, comentários de sarcasmo e desprêzo:

— Foi isso que deu azar!

Era, entretanto, um bonito bôlo, reconstituindo o gramado com as duas balizas e os vinte e dois "cracks". Se o remate do jôgo fôsse outro — se ao menos houvesse empate... — com que prazer iriam saboreá-lo!

O repórter, que também deixava o campo com o seu dever cumprido, aproveitou a deixa. E bateu-se a chapa. Por sinal — a última e a mais melancólica...

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

País feliz, êsse Brasil! (Celestino Silveira) 6/17
O filho de Ingrid Bergman (Nicola Adelfi) 24/27
Uma operação de tireóide (Carlos Tenório) 28/33
A máquina falante (Sabino Canalini) 34/35

LITERATURA

O Monstro da Casa (Loiva Leiria Borba) 22
O Ponto Luminoso (José de Oliveira Nunes) 36
Semana Literária (Edmundo Lys) 54/55

ATUALIDADE

Elevação Moral 3

TEATRO

Os Filhos de Eduardo 18/21

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4
Personagem da Semana ... 4
Tudo isto aconteceu 56/57
Música (Roberto Lyra F.º) 49

FEMININAS

Um chapéu para tôdas as horas 37
Simplicidade 38
Juvenis 39
Silhuetas Elegantes 40
Penas e Plumas 41
Quadriculados 42
Estampados Modernos 43
Quatro Modelos — Para soirees 44/45
Week-End na Cozinha 44/45

FOLHETIM

Antes do meu casamento .. 52

HUMORISMO

A Copa do Mundo (Theo) 5
Armadilha (Nicodemus) ... 23

★

FOTOS

Newton Viana — José Santos — A. Vieira F.º — Adir Vieira — Sabino Canalini — Carlos

★

BONECOS

Rafael

★

ILUSTRAÇÃO

A. Queiroz

★

NA CAPA

Ginger Rogers (W. Brothers)

RESPOSTA AO TESTE

1 — Por vir do grego «botané».
2 — A formiga saúva.
3 — Rio de Janeiro (1909).
4 — 1.896.
5 — Vitor Meireles.
6 — Madagasgar.
7 — Arraial das Minas Gerais de Ouro Prêto.
8 — São Paulo.
9 — Bacilo de Calmette e Guerin (seus criadores).
10 — S.O.S.
11 — Inglaterra.
12 — Santa Teresa (do Carmelo).
13 — 16 pés (medida inglêsa com pouco mais de 30 ctms.).
14 — O hidrogênio (um protônio e um eletrônio).
15 — O urânio (92 protônios, 146 neutrônios e 92 eletrônios).
16 — O verme schistosoma mansoni.
17 — No ouvido.
18 — Cêrca de 8 minutos.
19 — O gás hélio.
20 — Galileu.



38ª. TRADICIONAL VENDA ANUAL

SALDOS DO BALANÇO

TECIDOS - PARA ESTOFOS E DECORAÇÕES
MOVEIS AVULSOS - RÚSTICOS E DE ESTILO



Grande sortimento de

TAPETES E PASSADEIRAS

artigos modernos aos preços antigos



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

ALBUM

DE

A CENA *Muda*

CINEMA

JUNHO 1950

CIA. EDITORA AMERICANA

CR$ 25,00

ENCONTRA-SE EM TODAS AS BANCAS DE REVISTAS DAS CAPITAIS E CIDADES DO INTERIOR

Pedidos pelo Reembolso Postal, mediante vale do Correio à Cia. Editora Americana

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro